

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN
NÍVEL MESTRADO

ARON KRAUSE LITVIN

**A CONSTRUÇÃO COLABORATIVA DE UM PROCESSO DE DESIGN
ESTRATÉGICO JUNTO COM A REDE DAS CASAS COLABORATIVAS DE
PORTO ALEGRE**

Porto Alegre

2017

Aron Krause Litvin

A CONSTRUÇÃO COLABORATIVA DE UM PROCESSO DE DESIGN ESTRATÉGICO
JUNTO COM A REDE DAS CASAS COLABORATIVAS DE PORTO ALEGRE

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do título de Mestre em Design pelo
Programa de Pós-Graduação em Design da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Carlo Franzato

Porto Alegre

2017

L782c

Litvin, Aron Krause.

A construção colaborativa de um processo de design estratégico junto com a rede das casas colaborativas de Porto Alegre / Aron Krause Litvin. – 2017.

123 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Design, 2017.

“Orientador: Prof. Dr. Carlo Franzato.”

1. Colaboração. 2. Inovação social. 3. Casas colaborativas. 4. Design Estratégico. I. Título.

CDU 7.05

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecário: Flávio Nunes – CRB 10/1298)

Aron Krause Litvin

A CONSTRUÇÃO COLABORATIVA DE UM PROCESSO DE DESIGN ESTRATÉGICO
JUNTO COM A REDE DAS CASAS COLABORATIVAS DE PORTO ALEGRE

Dissertação apresentada como requisito para a
obtenção do título de Mestre, pelo Programa
de Pós-Graduação em Design da Universidade
do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha intuição por ter me levado para este processo de produção de conhecimento. Por ter descoberto a beleza de encontrar reflexões profundas e consistentes.

Agradeço aos meus pais por terem me proporcionado a vida e a minha existência no mundo. As minhas irmãs pela admiração expressa das minhas escolhas.

Agradeço a minha mulher, Liliane Basso, por tamanha paciência e compreensão da minha ausência por diversos momentos. O amor se constrói assim.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Carlo Franzato por ter sido extremamente paciente, incansável e exigente nas reflexões que tanto elaboramos em conjunto. Longas orientações que foram verdadeiras aulas. Certamente, fui um privilegiado.

Agradeço a Prof. Dra. Ione Bentz pelo carinho e por sua ampla influência nas minhas reflexões e escolhas teóricas. Uma inspiração de maestria e inteligência.

Agradeço aos meus colegas de trabalho da Estúdio Nômade que me apoiaram sensivelmente e também compreenderam a minha ausência em momentos difíceis.

Agradeço aos outros colegas do TransLAB que me inspiraram muito nos desdobramentos deste trabalho. A todos amigos que fazem acontecer as Casas Colaborativas e persistem na construção de uma cidade realmente inovadora.

RESUMO

A processualidade da colaboração reserva particularidades importantes que promovem a sua prática. A colaboração diz respeito ao trabalho conjunto em alguma atividade de interesse das pessoas. No entanto, não é suficiente declarar que para colaborar, é necessário apenas o trabalho ou a criação conjunta. Através de uma perspectiva dos ecossistemas criativos, identificou-se o surgimento de um fenômeno na cidade de Porto Alegre. São as Casas Colaborativas que recebem uma diversidade de pessoas interessadas no desenvolvimento da inovação social. Por meio de um percurso de projeto colaborativo, esta pesquisa elaborou o sentido da colaboração junto com a rede das Casas Colaborativas. Sendo assim, além do trabalho conjunto, para colaborar são necessárias relações do tipo compartilhamento de saber, troca de linguagem e afecção. Como estratégia metodológica, a pesquisa-ação foi adotada para avançar nas construções. O envolvimento com os sujeitos nessa pesquisa foi essencial para que se atingissem os objetivos previstos. Como resultados observa-se que o processo colaborativo é dinâmico, aberto e depende da diversidade do coletivo para se constituir, sendo impossível reconhecer seu início ou o fim. Outro resultado foi ter reconhecido que o design estratégico incorpora a afecção em seus processos de projeto; a metaprojeção foi orientada pelas vontades dos sujeitos do projeto colaborativo; o desenho do processo colaborativo deve habilitar a projeção em rede, para ampliar os efeitos da inovação social. Tais resultados podem ser incorporados como insumos para trabalhos que lidam com aspectos relacionados à colaboração.

Palavras-chave: Colaboração; Inovação Social; Casas Colaborativas; Design Estratégico.

ABSTRACT

The process of the collaboration reserves important particularities that promote its practice. Collaboration refers to working together in some activity of interest to people. However, it is not enough to declare that to collaborate, only work or joint creation is necessary. Through a perspective of the creative ecosystems, the emergence of a phenomenon in the city of Porto Alegre was identified. They are the Collaborative Houses that receive a diversity of people interested in the development of social innovation. Through a collaborative project process, this research elaborated the meaning of the collaboration together with the Collaborative Houses network. Therefore, in addition to working together, relationships of the type of sharing of knowledge, exchange of language and affection are necessary to collaborate. As a methodological strategy, action research was adopted to advance the constructions. The involvement with the subjects in this research was essential for achieving the objectives. As results it is observed that the collaborative process is dynamic, open and depends on the diversity of the collective to be constituted, and it is impossible to recognize its beginning or the end. Another result was to have recognized that the strategic design incorporates the affection in its design processes; the metadesign was guided by the wills of the subjects of the collaborative project; the drawing of the collaborative process should enable network design to amplify the effects of social innovation. These results can be incorporated as inputs for works that deal with aspects related to collaboration.

Keywords: Collaboration. Social Innovation. Collaborative Houses. Strategic Design.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Critério de Análise	61
---------------------------------------	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Processo linear de design	43
Figura 02 – Desenhos de rede	44
Figura 03 – Representação de grafos	47
Figura 04 – Representação das regiões	48
Figura 05 – Desenho do Sistema <i>Slow Food</i>	55
Figura 06 – Momento do check-in no Paralelo Vivo.....	67
Figura 07 – Primeiros registros do Diário.....	69
Figura 08 – E-mail de convocatória inicial para o Engajômetro.....	70
Figura 09 – Tela inicial do Engajômetro.....	71
Figura 10 – Anotações sobre as motivações da projeção.....	72
Figura 11 – Evidência da entrada de projetos.....	76
Figura 12 – Expressão dos conceitos da colaboração.....	77
Figura 13 – Esboço do desenho de processo colaborativo.....	78
Figura 14 – Desenhos que integram o Kit para colaboração.....	79
Figura 15 – Desenho dos grupos sociais (Clara Feund).....	81
Figura 16 – Desenho da importância da empatia (Clara Feund).....	82
Figura 17 – Desenho dos fractais (Clara Feund).....	82
Figura 18 – Evidências dos conteúdos compartilhados (Aline Bueno).....	84

Figura 19 – Animação possível de um processo colaborativo (Aline Bueno)	85
Figura 20 – Animação com movimentos de fractal (Aline Bueno).....	86
Figura 21 – Entrega do material produzido no momento da saída de uma abertura de exposição de arte	87
Figura 22 – Desenhos conceituais (Paola Zordan)	88
Figura 23 – Intervenções no Kit (Paola Zordan)	89
Figura 24 – Instante do compartilhamento do material (Leonardo Garavello)	90
Figura 25 – Sequência do material produzido do desenho de seu processo colaborativo (Leonardo Garavello)	91
Figura 26 – Evidência da abertura e linha de fuga do desenho (Leonardo Garavello) ...	92
Figura 27 – Metaesboço 1	94
Figura 28 – Metaesboço 2	95
Figura 29 – Imagem do desenho final do processo colaborativo	98
Figura 30 – Os <i>flipbooks</i>	99

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO DA LITERATURA	22
2.1 RELAÇÕES ENTRE O CODESIGN E O PROCESSO DE INTERSUBJETIVAÇÃO	22
2.2 AS CASAS COLABORATIVAS COMO LABORATÓRIOS DE INOVAÇÃO SOCIAL	30
2.2.1 Os Laboratórios como contexto	36
2.2.2 Os Laboratório como processo	38
2.3 REPRESENTAÇÃO DE PROCESSOS DE DESIGN ESTRATÉGICO	41
3 MÉTODO	57
3.1 O PROJETO DA REDE DE CASAS COLABORATIVAS DE PORTO ALEGRE	64
3.2 PRÁTICA METODOLÓGICA	66
3.3 CONSTRUÇÃO DE ESBOÇOS DE LINGUAGEM	76
3.3.1 Esboço fractal por Clara Feund.....	80
3.3.2 Esboço audiovisual por Aline Bueno.....	83
3.3.3 Esboço com recortes por Paola Zordan.....	87
3.3.4 Esboço das folhas por Leonardo Garavello.....	90
3.4 O METAESBOÇO.....	93
4 DISCUSSÃO.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116

1. INTRODUÇÃO

Com uma manifestação de desenvolvimento emergente, os ecossistemas criativos tornam-se territórios instigantes para um acompanhamento mais próximo. Um “ecossistema criativo é um tipo de ecossistema cultural caracterizado pelo desenvolvimento de processos criativos que resultam em dispositivos sociotécnicos possivelmente originais e inovadores” (FREIRE et al, 2015, p. 171). Desejavelmente, esse tipo de ecossistema específico pretende desenvolver práticas capazes de transformações nas realidades em que atuam. Os interesses e as necessidades das pessoas acabam sendo difusos, o que confere um grau de dificuldade enorme para elaborar um tipo de processualidade que atue ao encontro das questões reivindicadas. Certamente, para que determinadas transformações esperadas ocorram depende da articulação de uma série de vontades. Nesse sentido, identifica-se uma lacuna que deverá ser cada vez mais ocupada por iniciativas criativas.

A possibilidade de encontrar soluções para que ocorram transformações vincula-se à prática projetual da área do design. Os desafios a serem enfrentados são inúmeros, e as soluções que podem ser elaboradas, também. Para Zurlo (2010), os processos disparados através do design estratégico habilitam uma dinâmica dialógica entre vários atores. Esses atores são as diferentes pessoas que fazem parte do processo projetual.

Para Mauri (1996), a palavra estratégia promove um efeito de sentido ao design quando duas questões de projeto são desvendadas. A primeira trata-se do saber criativo atrelado ao tipo de processualidade em questão; a outra é o agir relacional que apresenta uma atitude de interação já existente. As iniciativas criativas elaboradas na perspectiva dos ecossistemas criativos, deixam uma lacuna a ser ocupada estrategicamente. A dinâmica relacional existente precisa ser elaborada através de um agir estratégico. Sendo assim, a dialógica apresentada por Zurlo (2010) pode ser percebida como a ação estratégica do design.

O saber criativo pode ser compreendido como um processo em movimento que se desenvolve através das relações entre as pessoas. Está diretamente relacionado à troca estabelecida na prática projetual. O agir relacional pressupõe a necessidade da ação dialógica no coletivo. Sendo assim, segundo Mauri (1996), o projeto apresenta-se como um processo capaz de disparar transformações de sentido para os

problemas que consegue ver. A prática projetual orienta novas possibilidades de visualizar as questões implicadas sob diferentes ângulos. As reflexões de Meroni (2008) ampliam os sentidos do design estratégico quando colocado em relação à inovação social, aos processos de codesign e à perspectiva da evolução.

Entende-se por inovação social “as mudanças no modo como indivíduos ou comunidades agem para resolver seus problemas ou criar novas oportunidades” (MANZINI, 2008, p.61). Ainda para Manzini (2015), a inovação social pode ser compreendida por novas ideias que criam relações sociais e colaborações. São vários os exemplos que demonstram essas práticas. São pessoas que se revezam para cuidar os filhos como um clube de mães; pessoas que se dispõem a passear com os animais de estimação dos vizinhos; que disponibilizam suas casas para hospedagem; compartilham o uso de carros e bicicletas; organizam-se para compartilhar conhecimentos sobre tratamentos de doenças, dentre outras possibilidades que emergem a cada instante.

Há uma diversidade de abordagens acerca da inovação social. No estudo de Majumdar, Choi (2015) apresenta uma nuance de sete perspectivas diferentes articuladas por diversos autores: (1) sociológica; (2) criatividade; (3) empreendedorismo; (4) bem-estar econômico; (5) práticas orientadas pelo campo; (6) Psicologia da comunidade; e (7) Desenvolvimento do território. Para cada uma delas existe uma linha de interpretação que orienta o sentido das práticas em inovação social. As abordagens apresentadas podem ser compreendidas como complementares, à medida que uma perspectiva pode estar contida na outra. Para os desdobramentos desta pesquisa, assume-se uma aproximação direta com a perspectiva sociológica. Tal escolha se dá, em função da perspectiva sociológica apresentar que a inovação social é compreendida pelas novas formas de vida ou pela articulação de novas práticas sociais que conseguem influenciar comportamentos de mudança para atender necessidades ou problemas comuns.

A perspectiva sociológica apresenta os efeitos da inovação social nas práticas sociais. Esses efeitos podem produzir mudanças sociais, ao se identificar a dimensão processual. Os autores Manzini, Jegou (2003) corroboram a questão sociológica, ao afirmarem que as inovações pertinentes são aquelas que movimentam a dimensão social. Entende-se por social, aquilo que está associado com as mais diferentes relações existentes. As inovações integram um sistema complexo sociotécnico, apesar de serem mais sociais do que tecnológicas (MANZINI, JEGOU, 2003). É de extrema importância

para esta pesquisa o significado de sistema, ora referido. Para Freire et al (2015, p.165), “o estruturalismo representou um marco na transformação do sentido dado à noção de sistema, uma vez que rompeu a relação temporal de causa e efeito”. Ou seja, qualquer recorte feito no sistema como um todo já possui todas as partes dentro desse mesmo sistema. Além disso, essas partes do sistema desenvolvem relações entre si. Essa dinâmica de funcionamento introduz a possibilidade de uma organização em rede.

São muitos os elementos que compõem um sistema. Podem ser as pessoas, os animais, outros elementos da natureza, objetos inanimados ou os processos. E essa perspectiva pode ser denominada ecossistêmica. Se todas as partes do sistema estão em relação são capazes de produzir colaboração. A inovação social é geradora de processos colaborativos e requer uma articulação ecossistêmica. O design estratégico, por sua vez, pode promover uma processualidade que possa dar conta dessa mobilização dos elementos do sistema. Sendo assim, a criação de um processo de projeto colaborativo é muito bem-vinda para a movimentação da inovação social. Segundo Manzini (2008), tais movimentos emergem de processos organizacionais articulados na base entre sujeitos e são guiados mais por mudanças de comportamento do que por mudanças tecnológicas ou de mercado. Indo ao encontro dessa reflexão, Meroni (2008) compreende que a perspectiva da evolução não está atrelada a motivos egoístas, mas a uma sensibilidade de levar em conta os interesses da comunidade como meio de atingir os individuais. Ou seja, não é algo impositivo, mas articulado e construído entre as pessoas implicadas. Tais grupos podem ser denominados comunidades criativas.

As contribuições de Meroni et al (2007) questionam se existe a possibilidade de as comunidades criativas serem um fenômeno global. São diversos exemplos que inspiram novas possibilidades de modos de vida. Segundo os autores, é possível observar que as comunidades criativas conseguem organizar seu tempo e suas atividades com uma forte conexão com a perspectiva do compartilhamento. Além disso, atuam em função de uma relação com questões locais de produção e consumo de suas necessidades. Sem dúvida, essas manifestações serão “um processo de aprendizagem social largamente difuso no qual as mais diversificadas formas de criatividade, conhecimento e capacidades organizacionais devem ser valorizadas de modo mais aberto possível” (MANZINI, 2008, p.61).

Em consulta em um site da Finlândia é possível identificar o *Club Liberté* como um exemplo desse movimento das comunidades criativas. Trata-se de um local que foi

fundado de forma colaborativa com diferentes pessoas interessadas. É um espaço que a cena musical da cidade de Helsinki pode utilizar para suas apresentações e ensaios. Além de promover artistas que não têm espaço para demonstrar seu talento, exerce uma função social à medida que é um local de encontro para os jovens cidadãos locais. Ainda na mesma cidade, o site *Sustainable Everyday Project*, apresenta o projeto *Happihuone*. Trata-se de outra possibilidade de espaço que oferece exposições de arte, design e cursos que tenham relação com a natureza. As pessoas buscam esse local para socializarem e aprenderem com a vasta programação disponível. Trata-se de um espaço aberto para que as pessoas também proponham atividades e colaborem para a formação de uma rede de interessados nos assuntos relacionados.

Em Paris, o site do projeto *Cafezoide Playground Café* apresenta uma iniciativa de vizinhos que construíram um local para as crianças se encontrarem e brincar. O espaço tem uma programação diversificada que envolve oficinas de arte, uma biblioteca e um café. Ao mesmo tempo em que os pais levam seus filhos para brincar, têm a oportunidade de participar de alguma atividade de interesse. Da mesma forma que podem sugerir outras programações para o espaço e colaborar com alguma nova pedagogia para as crianças. Assim, semelhante a esses exemplos, existem muitos outros na Europa que emergem espontaneamente. Essas iniciativas já vêm sendo acompanhadas e ganharam um importante espaço de fomento através do Programa Europe 2020. Trata-se de uma política transversal de fomento na União Europeia para projetos de inovação social. Com um processo bastante avançado e sistematizado, a política inclui diferentes tipos de iniciativa e promove a melhoria de questões complexas: novas formas de educação, redução da desigualdade social e outras questões de pesquisa e desenvolvimento. Segundo o relatório *Financing Social Impact*, já foram mais de três bilhões de euros investidos até então, o que indica uma seriedade e responsabilidade inerente aos processos de projeto desenvolvidos.

No contexto nacional, em matéria *on-line* veiculada no Jornal Gazeta do Povo de Curitiba, identifica-se a existência das Casas Abertas. São espaços onde as pessoas compartilham intenções que apontam para a geração de novos projetos colaborativos. Ao trabalharem no mesmo espaço, esses empreendedores compartilham os custos da estrutura e conseguem sustentar um ambiente de trabalho que almeja a colaboração entre as pessoas. Segundo a matéria, a intenção é “compartilhar e viver em rede, com o cuidado que a experiência exige”. No Rio de Janeiro identifica-se um espaço chamado

Goma, como uma iniciativa que reúne diferentes pessoas que estão trabalhando em um mesmo espaço compartilhado. Através da clara orientação para projetos que tenham um impacto social relevante e fomentem uma economia criativa, a Goma reúne mais de quinze empreendimentos colaborativos. Em seu site, consta, como parte de seus compromissos, a expressão de serem um “grande laboratório de gestão compartilhada”.

É nesse contexto de iniciativas que se insere um fenômeno observado na cidade de Porto Alegre, objeto de interesse desta pesquisa de mestrado. É a rede das Casas Colaborativas, assim intituladas até o presente o momento. Poderiam ser percebidas como os lares da comunidade criativa da cidade, porque recebem uma diversidade enorme de pessoas que articulam projetos orientados para uma inovação sociocultural. As Casas Colaborativas são espaços físicos localizados em diferentes bairros, geralmente materializados em casas ou grandes pavilhões. Possuem diferentes dinâmicas de funcionamento, mas partilham a vontade de promover melhorias no seu entorno social. As Casas Colaborativas atuam como espaços de *coworking* e podem desenvolver processos de projetos colaborativos. Elas também atuam no sentido de um laboratório de inovação sociocultural. A questão do laboratório confere uma dinâmica específica a esses espaços. Sua forma de agir, tanto através de projetos ou na própria gestão e organização do espaço, ganham proximidade com a experiência do encontro. É da articulação criativa entre diferentes elementos ecossistêmicos que as Casas Colaborativas lidam com sua existência. Para esta pesquisa, identificou-se as Casas Colaborativas de Porto Alegre denominadas Vila Flores, TransLAB, Acervo Independente, CC100, La Casa de Pandora, Nimbus, Aldeia, Paralelo Vivo, Marquise 51 Hub Criativo e Setor de Projetos. Entretanto, pelo dinamismo de configuração da rede das Casas Colaborativas, algumas podem ter deixado de existir e tantas outras participado sem a devida identificação.

Essas Casas Colaborativas vêm ganhando espaço de visibilidade no contexto estadual pelas iniciativas que têm demonstrado. O Edital inédito Pró-Cultura RS FAC Processos Culturais Colaborativos, lançado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, no final do ano de 2013, reconheceu e premiou o TransLAB como a primeira Casa Colaborativa nesse contexto de fomento. O Vila Flores foi selecionado para 15^a Bienal Internacional de Arquitetura de Veneza. O Gabinete de Inovação e Tecnologia da Prefeitura de Porto Alegre tem se aproximado desse contexto, a exemplo do importante

evento de lançamento do Mapa Digital da Economia Criativa, onde foram convidados a falar representantes das Casas Colaborativas.

Essa rede das Casas Colaborativas adotou a prática de encontros regulares durante todo ano de 2016, demonstrando sua expressão organizacional em rede. A percepção de estar em rede carrega uma dinâmica bastante peculiar de funcionamento. Para Castells (2009), a rede é um sistema aberto e dinâmico capaz de gerar inovação sem ameaças ao seu equilíbrio. Tal abertura mencionada pelo autor é o que promove um funcionamento pautado através da intensidade de interações. As contribuições de Castells (2009) apoiam a compreensão que estabelece as redes como uma estrutura organizacional. Uma rede não tem limite para expandir de tamanho e apresenta-se de formas distintas. Trata-se de uma estrutura social que promove muitas interações entre os atores componentes e são elas que garantem o funcionamento de uma rede. Sendo assim, percebe-se uma dinâmica existente que está em pleno movimento e assume a possibilidade de uma reconfiguração contínua.

Uma rede pode ser composta por distintas organizações, no entanto, a dinâmica de interação ocorre em um nível interpessoal. São as pessoas que estabelecem processos de diálogos e interagem entre si. Através disso, devem existir condições para a diversidade do ponto de vista da expressão da singularidade dos sujeitos; uma rede que tenha múltiplas capacidades, formações e opiniões em função das individualidades presentes. Identificou-se que, apesar de as Casas Colaborativas terem mantido uma prática recorrente de encontros, havia uma dificuldade para colaborar. A denominação de serem espaços colaborativos pressupõe o exercício da colaboração nesse contexto. No entanto, não parece suficiente o uso dessa palavra para definir suas práticas. Sem dúvida, observa-se uma predisposição para que existam condições para a colaboração acontecer. O potencial de complementaridade existente entre os atores da rede parecia disperso e desconectado.

Sendo assim, frente ao contexto apresentado parece adequado o questionamento de *como colaborar para gerar colaboração na rede das Casas Colaborativas?*

Etimologicamente, a palavra colaboração encontra sua origem no latim *collaborare*, que significa trabalhar com alguém em alguma coisa. O prefixo “co” sugere simultaneidade. O trabalho pressupõe a construção de algo, a operação ou a produção. Ao encontro dessas contribuições, os autores Tapscott e Williams (2007) propuseram uma reflexão que levantou uma nova associação com a palavra

colaboração. Além de chegarem ao entendimento que também se trata de fazer algo em conjunto, citam a questão da felicidade. Ou seja, a colaboração, no senso comum, é lembrada por pessoas que trabalham juntas e felizes. Os autores Doorley e Witthoft (2012) ampliam o sentido da colaboração quando discorrem amplamente sobre as múltiplas relações existentes no espaço físico. O espaço físico precisa estar condicionado para que ocorra a colaboração. A colaboração pressupõe um processo dinâmico e o espaço deve acompanhar esse movimento. As pessoas precisam ter a oportunidade de mexer no espaço e reconfigurá-lo. Portanto, o mobiliário deve ser de fácil deslocamento, as salas fechadas podem ser evitadas e substituídas por amplos espaços de circulação. Dessa maneira, as pessoas o ocupam da melhor forma.

Entretanto, as contribuições mais profundas de Tapscott e Williams (2007) em relação à colaboração estão relacionadas ao conceito de *peering*. Para os autores, é através da colaboração que a inteligência humana será mais bem explorada. O conceito de *peering* está relacionado com dinâmicas de interação horizontais. Ou seja, as pessoas e organizações são capazes de colaborar em um mesmo projeto, porque não há uma estrutura hierárquica verticalizada que controle os fluxos de interação. O *peering* pode ser compreendido como uma nova forma de organização colaborativa. Para os autores, “o *peering* consegue obter sucesso porque alavanca a auto-organização” (TAPSCOTT, WILLIAMS, 2007, p. 37).

As reflexões de Coleman (2009) apresentam duas dimensões pertinentes da colaboração: pessoas e processos. Para o autor, a questão da confiança não é suficiente para que haja colaboração. É necessário conhecer o contexto local da outra pessoa ou organização com quem se está colaborando. Entender quem é a pessoa, suas características individuais e seu contexto cultural são questões essenciais que precisam ser realizadas. Para o autor, antes de iniciar um projeto, recomenda-se investir um tempo para o alinhamento de linguagem, expectativas, objetivos, medos ou dificuldades. Ainda, a clareza de algumas indicações que orientam um engajamento se faz necessário, ou seja, deve existir uma combinação entre o grupo que está colaborando, quais são os processos de comunicação necessários para que a colaboração avance de forma adequada. Outro aspecto pertinente é a questão da clareza na comunicação e o sentido das palavras empregadas. A construção de um ambiente de confiança passa por essa questão. Muitas vezes, uma palavra ou uma expressão

possuem diferentes significados, em função da bagagem cultural de cada indivíduo. Isso pode levar a um desalinhamento representativo na colaboração.

Indo ao encontro destas reflexões, Sennet (2012) aponta que fomos perdendo a habilidade de compreender a diferença. Aquilo que é estranhamente diferente, passa a ser isolado e promove reações que sugerem um distanciamento. Parece haver uma indisponibilidade para encontrar a potência na composição com a diferença. Em consonância, Deleuze (2000) apresenta os efeitos da limitação ou da oposição de lidar com a diferença. Quando dispara que há “um pluralismo de diferenças livres, selvagens ou não domadas, um espaço e um tempo propriamente diferenciais, originais que persistem através das simplificações do limite e da oposição” (DELEUZE, 2000, p. 58). Ou seja, a composição com a diferença acontece a todo momento entre os elementos ecossistêmicos e mobiliza a colaboração. A construção de significado a respeito da colaboração pode receber influências da filosofia da diferença e ampliar seus efeitos de percepção.

Para os autores Connor e Irizarry (2015), o resgate do sentido da crítica é fundamental para que ocorra a colaboração. A crítica como uma forma de expressão precisa ser praticada no processo da colaboração. Ela é uma forma de potencializar as relações de diferença. Existem alguns fatores que não contribuem para que haja uma construção crítica orientada para a colaboração. Uma crítica não deve ser motivada por aquilo que intimida ou reprime o outro. Uma expressão crítica pode sugerir a abertura de um diálogo e não permanecer ancorada em aspectos exclusivos de preferência pessoal. Retomam-se as contribuições de Coleman (2009), que apontam para ocorrer um processo colaborativo são necessários a figura da liderança e o pensamento de projeto. Ou seja, a colaboração precisa ser gerenciada como um projeto (COLEMAN, 2009).

As palavras design e projeto estão associadas tanto a um processo de criação de algo que ainda não existe quanto à descrição de um resultado deste processo (SCALETSKY, BORBA, 2010). Em consonância, Celaschi (2007) afirma que o projeto é o jeito pelo qual se organizam os fatores que competem para obter um efeito. A articulação entre os sujeitos da rede das Casas Colaborativas, através de uma projeção colaborativa, assume uma processualidade que poderá levar à existência de uma infinidade de novos projetos, desvendando a existência da operação metaprojetual. Um dos princípios citados por Franzato (2014), que habilita os processos de metadesign, é

o deslocamento. O deslocamento sugere um afastamento da realidade do projeto e mobiliza visualizações de novas possibilidades imprevisíveis, que vão além da realidade do projeto de origem. Sendo assim, os processos de metadesign podem ser desenvolvidos através da prática de projeto.

Um processo de metaprojeto também deve ser regido pela sua abertura disponível. As contribuições de Giaccardi (2005) revelam a necessidade de promover uma dinâmica relacional que comporte a construção de sistemas baseados em processos abertos que afetem e sejam afetados, simultaneamente. Os processos do design estratégico, nesse sentido, habilitam essa dinâmica de funcionamento do metaprojeto, pois exercem com plenitude sua capacidade dialógica. Segundo Bohm e Peat (1989), existe uma consciência participativa que é necessária na prática do diálogo. Trata-se de um exercício criativo de perceber o significado de cada opinião emitida no processo em construção. Nesse momento, identifica-se a aprendizagem social referida por Manzini (2014) e vivencia-se a prática de um processo de inovação social orientado pelo design estratégico.

É de interesse desta pesquisa a prática de um projeto colaborativo entre os sujeitos da rede das Casas Colaborativas, e o exercício do projeto como meio de habilitar operações metaprojetuais. O desenvolvimento da ação de colaborar decorre da possibilidade de uma projeção simultânea entre os atores dessa rede. A manifestação da disponibilidade necessária dos sujeitos para gerar colaboração deverá ser reconhecida nesse processo, como todas suas nuances e imprevisibilidades inerentes à prática.

Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é desenvolver um processo de projeção colaborativa com a rede das Casas Colaborativas. Esse processo foi liderado pelo pesquisador como uma das formas de sustentar colaboração. Fez parte dessa pesquisa incluir todo tipo de contribuições que ocorreram ao longo do processo. Pretendeu-se enfrentar a prática de projeto colaborativo com a rede, para desvendar como colaborar para gerar colaboração. Sendo assim, apresentam-se os seguintes objetivos específicos:

- Identificar quais são os princípios encontrados para o processo colaborativo da rede das Casas Colaborativas;
- Identificar como são os processos de trabalho conjunto da rede das Casas Colaborativas;

- Relacionar o entendimento das Casas Colaborativas com os processos do design estratégico;
- Relacionar o entendimento das Casas Colaborativas com os processos da inovação social;
- Articular os sujeitos envolvidos no processo de projeto reconhecendo os sentidos atribuídos para colaboração;
- Criar o desenho da representação do processo colaborativo para a rede das Casas Colaborativas.

Como forma de viabilizar esses objetivos, a escolha da prática do codesign contribuiu para que o processo ocorresse. O codesign pode ser compreendido como a criatividade coletiva aplicada ao longo de um processo de design (SANDERS; STAPPERS, 2008). O codesign sugere uma orientação de fazer com o outro ou de projetar com o outro. Reserva desafios delicados de se enfrentarem ao longo do processo de projeto, de forma que habilite a construção do mesmo, coletivamente. Assume-se uma atuação de metadesigner, conforme as contribuições de De Mul (2011), ou seja, será projetado um espaço aberto de interação criativa, que levará em conta a participação de diferentes pessoas como codesigners.

Foi escolhida a estratégia da pesquisa-ação para elaborar a processualidade referida. Tal escolha se justifica pela experiência e proximidade direta do tema com o pesquisador. Além disso, a construção do processo colaborativo através de uma relação dialógica, deve promover uma inserção estratégica do design no âmbito das Casas Colaborativas. A pesquisa-ação reforça uma atuação colaborativa como um processo investigativo. A descrição da prática metodológica expõe a maneira como o projeto colaborativo foi conduzido. Na medida que as interações com a rede foram acontecendo, a proposição de processos e ferramentas articularam uma dinâmica relacional com vistas à colaboração.

Finalmente, os esforços de análise e discussão concentraram-se em desvendar os conceitos envolvidos com a colaboração, a partir do projeto que esteve em curso. Além do entendimento que a colaboração envolve o trabalho ou a criação conjunta, desvendou-se outros três conceitos relacionados. A troca de linguagem, o compartilhamento de saber e a afecção. A colaboração pressupõe um fluxo de intensidades ou um bloco de sensações. Neste sentido, a afecção passa representar uma

das essências que determina a ação criativa conjunta dos sujeitos. São sensações: perceptos e afectos, paisagens e rostos, visões e devires (DELEUZE E GUATTARI, 1992, p.229). Como resultados dessa pesquisa, podemos apontar o reconhecimento do dinamismo e da abertura do processo colaborativo, de maneira que não existe um início e um fim claramente reconhecidos. Outro resultado foi o entendimento do design estratégico incorporar a afecção em seus processos de projeto. Um terceiro resultado aponta que a metaprojeção dos processos e ferramentas foi orientada pelas vontades dos sujeitos do projeto colaborativo. E por fim, o desenho do processo colaborativo capaz de habilitar a projeção em rede para a inovação social.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 RELAÇÕES ENTRE O CODESIGN E O PROCESSO DE INTERSUBJETIVAÇÃO

A abordagem do codesign apresenta-se como uma possibilidade de projeção bastante adequada frente à complexidade dos problemas da vida cotidiana. É fundamental que haja a criação de inovação social para desenvolver outros modos de vida. É necessário dar espaço para uma diversidade de sujeitos articularem suas ideias para construção de soluções. As contribuições de Lee (2006) demonstram que o termo codesign foi apresentado pela primeira vez na publicação *Codesign: A Process of Design Participation*, de Stanley King (1989). Trata-se de um conceito que pode ser definido como uma combinação do design colaborativo, cooperativo e comunitário (LEE, 2006). O codesign refere-se à criatividade dos designers e de pessoas que não estão treinadas em design, trabalhando juntas no desenvolvimento de processos de design (SANDERS, STAPPERS, 2008). A questão da colaboração é intimamente relacionada ao conceito do codesign.

O desenvolvimento das questões relacionadas à articulação da criatividade coletiva já vem sendo pesquisado pela comunidade acadêmica através do uso do termo design participação. Para Lee (2006), design participativo pode ser considerado o conceito “guarda-chuva” de todas as práticas de design que levam em conta a participação de diferentes pessoas no processo, entre as quais o design inclusivo, design centrado no humano, dentre outras abordagens.

No processo disparado através do codesign identifica-se a função dos papéis do designer, do usuário e do pesquisador (SANDERS, STAPPERS, 2008). Em um contexto de projeção bastante dinâmico, esses papéis se misturam e passam a existir através de novas configurações. Os autores Kleinsmann e Valkenburg (2008) apontam o papel dos atores como a primeira barreira percebida na execução de processos de codesign. Isto no sentido da colaboração que deve existir entre eles para execução de uma tarefa de design. Ainda para esses autores, os fatores como a habilidade dos atores em usarem diferentes formas de se comunicar, o conhecimento aplicável do ator no processo e a sua experiência aplicável influenciam diretamente o significado compartilhado.

A relação dialógica identificada no design estratégico e transposta para o codesign, é disparadora no reconhecimento dos papéis dentro da prática de projeção. Os autores Sanders e Stappers (2008) reconhecem e afirmam que nem todas as pessoas podem tornar-se designers, embora possam ser criativas o suficiente para compor um processo de projeto. Eles atribuem aos fatores nível de paixão, de conhecimento ou de criatividade, como influenciadores para que assumam a função de codesigners.

O uso das expressões usuário ou atores merecem receber uma outra perspectiva de entendimento. Segundo Sanders e Stappers (2008), os usuários, ao entrarem no processo de projeto, através de suas experiências pessoais, precisam de ferramentas adequadas para conseguirem se expressar. Os papéis do designer e do pesquisador devem atuar na elaboração dessas ferramentas porque o conhecimento em design é bastante importante nessa construção. No entanto, as ferramentas são apenas um auxílio na promoção da colaboração desejada. Os exemplos de ferramentas bastante utilizadas em design, tais como a matriz SWOT, Mapa de Atores, Brainstorm, MoodBoard, Personas, Lista de Requerimentos, Blueprint, dentre outras, não garantem que aconteça uma dinâmica dialógica e criativa, porque também produzem múltiplos efeitos de sentido. O estranhamento no uso das ferramentas por parte dos usuários deve ser absorvido no processo em construção.

Parece oportuno que se estabeleça uma discussão quanto aos efeitos gerados, a partir da interação dos usuários com o uso das ferramentas. As ferramentas abrem espaço de interpretação, quando percebidas através de uma perspectiva utilitarista. Toda ferramenta é disponibilizada através de uma orientação quanto ao seu uso. Pode ocorrer que nesta orientação, haja um encaminhamento pragmático para a processualidade decorrente do seu uso. Entretanto, as mesmas ferramentas que se apresentam de forma objetiva, são aquelas que proporcionam uma percepção mais sutil aos processos de codesign. A figura do ator como demonstram Kleinsmann e Valkenburg (2008), é vista como uma barreira, porque anuncia a dificuldade de lidar com a colaboração. A processualidade encontrada no codesign vai ao encontro do ato de propiciar espaço para o dissenso. As descrições percebidas sobre os atores, antecipam um movimento que pertence a uma outra dimensão de compreensão.

Esse movimento aponta para o entendimento do sujeito e traz um outro significado para os papéis em codesign. É o sujeito que precisa ganhar notoriedade frente aos processos evidenciados. Segundo Deleuze (2010), o sujeito é a instância que

segue o lugar vazio e desloca-se com agilidade. Ele ocupa novas possibilidades de lugares pela sua dinâmica relacional que o constitui. O sujeito é anterior aos papéis possíveis de definição e está presente em todos os tipos. Ele expressa uma ação que dispara um movimento intersubjetivo. O sujeito tem vontades, desejos, leituras de mundo, bagagem social, cultural, política e econômica diferentes. Ele atribui sentidos diferentes para aquilo que vê. É único na sua condição de existência. Essencialmente, precisa das relações para se constituir como sujeitos. Sendo assim, o papel do usuário não poderia ser colocado de uma maneira passiva, na medida que assume uma função de projetista. Ele é lugar de passagem para a expressão do sujeito.

Ao explicar o critério do estruturalismo da casa vazia, Deleuze (2010) elucida que há um excesso de sentido percebido e que são diversas as possibilidades de movimento em uma estrutura. Por estrutura entendem-se várias coexistências — todos os elementos, as relações e valores das relações, todas as singularidades próprias (DELEUZE, 2010). A estrutura, que é estruturante, confere toda a dinâmica ao movimento que opera. O excesso de sentido que os sujeitos operam nas relações, pode proporcionar desdobramentos que não são favoráveis à inovação social. No emaranhado de sentidos, podem ser identificados aspectos que inibem a prática colaborativa. Por conseguinte, esse critério deleuziano torna os processos de codesign bastante difusos por excelência e garantem que sempre haverá um novo caminho que poderá ser seguido. Para lidar com esta processualidade, requer uma certa capacidade de processamento dos movimentos. Por vezes, a simplificação de um entendimento pode ser um dispositivo involuntário para conviver com tamanha intensidade de possibilidades. Estes vieses, na medida do possível, precisam ser evidenciados para que os contornos existam.

É essencial que sejam estabelecidas as conexões necessárias com o processo de intersubjetivação para ampliar as compreensões da processualidade existente em codesign. A intersubjetivação pode revelar aspectos pertinentes do tipo de relação que se estabelece entre os sujeitos. Ao levar em consideração a intersubjetivação é possível avançar na identificação das qualidades das relações existentes. Sendo assim, o codesign abre um espaço importante de compreensão a respeito da prática da colaboração.

O processo de cocriação envolve, necessariamente, a produção de subjetividade. Entende-se por subjetividade “o conjunto das condições que torna possível que

instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial.” (GUATTARI, 2006, p.19). O conjunto das condições é algo absolutamente imprevisível. Para o autor, a subjetividade articula-se naquilo que pode ser reconhecido como os “afetos partilháveis” e os “afetos não partilháveis” em uma fase emergente da subjetividade.

A colaboração é um movimento que requer a mobilização dos sujeitos envolvidos. É uma ação que exige o envolvimento. As motivações são diferentes para cada um encontrar a disponibilidade para a colaboração. Portanto, a questão do afeto está relacionada com as vontades de cada sujeito. O compartilhamento destes afetos promove a oportunidade para que a colaboração aconteça. Quanto mais claro estiverem posicionadas as vontades dos sujeitos, mais espaço está se abrindo para que as relações de trabalho conjunto emergjam. A subjetividade é formada não apenas por aquilo que é verbalmente declarado pelos sujeitos. Por ser um conjunto de condições, os elementos como o espaço físico, outros seres vivos, os objetos ou a tecnologia podem ser reconhecidos como influenciadores na formação da subjetividade.

Quando os sujeitos enfrentam a colaboração com vistas à inovação social, há um processo de intersubjetivação. Os sujeitos podem entrar neste processo motivados a encontrarem uma nova relação entre eles, ainda que isto não seja uma percepção concreta. É na processualidade da colaboração e do codesign que são desvendadas as qualidades das relações. Os territórios existenciais mencionados em relação à subjetividade, podem ser compreendidos pela maneira como é atribuído sentido por aquilo que é feito. Os territórios remetem ao pertencimento, ou seja, aquilo que integra as pessoas por algo em comum. O codesign orientado para inovação social, busca a criação de alternativas para novas práticas sociais. O sentido que cada sujeito atribui a este movimento é capaz de produzir relações geradoras de inovação social. Portanto, é através da intersubjetivação que podem ser qualificadas as relações de dependência, de confiança, de conflito, cooperação, competição, dentre outras. São tipos de relações observáveis que acontecem por meio do processo de projeto e articuladas entre as pessoas.

A construção de um sentido para colaboração desenvolvido por Svihla (2010), está inserido em um contexto do design como um processo social. Aquilo que pode ser entendido como o coletivo, no sentido de “uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao *socius*, assim como aquém da pessoa, junto a intensidades

pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos” (GUATTARI, 2006, p.20). Um processo que envolva essas configurações reconhece a potência da diferença dos sujeitos. Percebe que existem diferentes olhares, técnicas e valores sendo aportados para a construção coletiva. Reconhece que os papéis são dinâmicos e mudam com frequência ao longo do processo.

Quando um sujeito desterritorializa-se, encontra a possibilidade de construção de outros sentidos. O processo de intersubjetivação promove este tipo de movimento. É através da colaboração que os sujeitos podem perceber outros territórios existenciais. Estes territórios podem ser outras dimensões simbólicas, anunciadas por aspectos sociais, culturais, ambientais, dentre outros. Esta percepção não é apenas contemplativa. Ela é produtora de outros significados. A relação existente entre os sujeitos acompanha estes movimentos de desterritorialização e reterritorialização. Isso justifica uma preparação constante e renovada da subjetividade. Neste sentido, a maneira que ocorre a colaboração, o conjunto das condições, o como acontece esta ação influencia diretamente na geração da inovação social.

É essencial que sejam organizadas novas solidariedades e uma nova suavidade (GUATTARI, 1990). Isso se reflete na produção de novos modos de subjetividade conduzidos pelos processos de codesign para criação de inovação social. A produção de conhecimentos e de outras formas de sociabilidade integram os novos agenciamentos produtivos. Identifica-se a oportunidade de reconstrução das relações humanas dentro do contexto da inovação social orientada pelo codesign. Para Guattari (2006), é urgente a modelização de práticas sociais mais voltadas para o futuro, aquelas que devem proporcionar a construção de novos modos de vida. Também é necessário ir ao encontro dos sujeitos interessados nesse processo, no sentido de uma cogestão da produção de subjetividade (GUATTARI, 2006). As atitudes de autoridade e de imposição de ideias devem ser superadas, pois não contribuem para com o processo de agenciamento coletivo.

De modo a recuperar a colaboração como necessária na geração de efeitos de criatividade em processos participativos de design, depara-se com a noção de “memória transacional” (KLEINSMANN, VALKENBURG *apud* WEGNER, 2008). Os autores constroem o entendimento acerca de um significado compartilhado que deve existir e ser criado entre os sujeitos de um processo. A memória transacional também representa um sistema de memória capaz de processar diferentes mensagens e informações dos

sujeitos. Com isso, promove uma consciência ao longo do processo a respeito das funções de cada um. Para obter tal funcionamento, há uma necessidade identificada no uso de alguma tecnologia. O processamento sugerido acaba sendo artificial, na medida em que fornece leituras que dificilmente darão conta da imprevisibilidade dos sujeitos e de suas múltiplas expressões. Ou seja, trata-se de uma sensibilidade limitada que reconhece os diferentes tipos de contribuições dos sujeitos. Essa aparente e desejável sintonia entre os sujeitos do processo retrata uma capacidade de leitura das interações que ocorrem no coletivo. O processo de intersubjetivação inerente ao codesign é difuso. A memória transacional orientada para inovação social acaba sendo uma operação especulativa, do ponto de vista do sujeito.

A compreensão da ideia de experiência encontrada em Sanders (2005) contribui para desenvolver o processo de intersubjetivação inerente ao codesign. A experiência é a composição do que a autora define como as memórias, o momento presente e os sonhos que as pessoas têm. Em relação às memórias, são todas aquelas experiências que a pessoa teve no passado. Os sonhos são as experiências projetivas ou idealizadas. E o momento presente é o encontro dessas duas representações que compõem a ação da experiência (SANDERS, 2005). É fundamental que as pessoas consigam expressar sua criatividade através de diferentes formas. Retoma-se o sentido da prática dialógica através de uma ampliação da sua importância e significado. A construção de sentido se dá na articulação de diversos elementos que estão em relação.

A exposição de cada um diante do coletivo só acontece através do encontro colaborativo. É de Manzini (2015) a reflexão que apresenta as dimensões dos encontros colaborativos e seus desdobramentos processuais. Para o autor, é necessário que haja uma criação de valor compartilhado entre os sujeitos envolvidos no processo. Ou seja, há uma expectativa na aquisição de algum benefício porque as pessoas se encontram para trocar algo. É interessante a expressão de valor atribuído à colaboração porque fornece condições de evidências da riqueza do processo. A materialização da riqueza nem sempre é possível frente à construção processual na qual os sujeitos estão envolvidos. A riqueza parece ser compreendida como uma sensação no processo. A materialização refletida na sensação. Sendo assim, há uma necessidade do exercício permanente da sensibilidade para acompanhar as expressões de valor. Reconhecer as múltiplas formas de evidências que a riqueza de valor se expressa, é também encontrar o sentido da sintonia em uma troca constante.

As contribuições de Deleuze e Guattari (1995) acerca das características do agenciar elucidam que é imprescindível a percepção do estranhamento em si. Os processos do codesign operam na emergência de subjetividades como efeitos de agenciamento. O reconhecimento da riqueza da colaboração, portanto, fica associado ao como é percebida a mudança nos modos de fazer e dizer pessoais. Não se trata de reproduzir a forma diferente de fazer ou dizer do outro. A manutenção e a clareza da diferença são fundamentais para sentir os movimentos de mudança proporcionados pelo agenciamento coletivo de enunciação. A prática do codesign orientada pela inovação social gera transformações sutis nas pessoas. Em uma época em que parecem cada vez mais individualistas e isoladas em seus territórios existenciais familiares, o reconhecimento do valor da colaboração é muito bem recebido para que haja a manutenção da possibilidade da cocriação de tantos novos projetos.

Segundo Manzini (2015), a prática da colaboração exige um acordo com as outras pessoas envolvidas no processo. A partilha de um tempo comum acende a relação com a liberdade de cada um. Ou seja, cada pessoa tem a liberdade de escolha para decidir o que, quando, como e com quem fará suas coisas. Nesse sentido, é necessária a criação dos preceitos da colaboração (MANZINI, 2015). De forma alguma é algo que esteja pronto e disponível, pois deve ser negociado entre os sujeitos do processo e merece constantes alterações. Sendo assim, depara-se com um processo de colaboração por escolha.

Considerando-se que a colaboração não é algo que simplesmente acontece e que é necessário criar condições para que se manifeste, a dimensão da intensidade relacional merece ser desenvolvida. O que Manzini (2015) assinala é que todo encontro colaborativo leva em consideração algum nível pessoal de empatia e engajamento. De forma a aprimorar tais considerações, o autor apresenta a necessidade que uma pessoa tem de abrir-se para o relacionamento. Dessa abertura deriva a sensação da vulnerabilidade. Ao se relacionar com o outro, a habilidade de cada um em fazer esse movimento deve ser levada em consideração. É um ato destemido e afetivo, simultaneamente. Ao encontro dessas reflexões, Rosenberg (2003) demonstra que todas as pessoas compartilham necessidades básicas. A abordagem da comunicação não violenta complementa as construções acerca do codesign. Ela ajuda reformular a maneira pela qual as coisas são ditas e escutadas (ROSENBERG, 2003). Dentre elas estão a integridade e a interdependência. A integridade no sentido da autenticidade e

autovalorização. Isto é, a preservação da singularidade dos sujeitos é fundamental para uma dinâmica relacional. A interdependência no sentido da aceitação, da consideração, do respeito e do amor.

Para Maturana (1997), o amor precisa ser reconhecido como uma emoção estruturante do social. É na convivência que os efeitos do amor potencializam a condição dos humanos. Frente às conexões com os processos do codesign não cabe relacioná-las ao sentimento do amor, porque seria outro aporte conceitual. Trata-se de uma disposição biológica que encaminha a ação. O amor é a abertura de um espaço de existência para o outro como ser humano (MATURANA, 2006). Ao se identificar a emoção fundante das interações sociais não significa que sempre haverá uma concordância em relação aos pontos de vista do outro. Da mesma forma que a aceitação da divergência é amor também. No encontro colaborativo essa construção de consciência eleva os efeitos da criatividade para as transformações sociais desejáveis. Tais transformações devem ser estabelecidas nas esferas do sujeito e do contexto.

Sabendo-se que as relações e interações sociais constituem a abordagem do codesign, o desafio de construção do processo colaborativo deve apoiar-se naquilo que sustenta a sua produção. Ou seja, a processualidade orientada para “uma desterritorialização suave pode fazer evoluir os agenciamentos de um modo processual construtivo” (GUATTARI, 1990). Um processo que deriva de um devir-transgressor. Para Deleuze e Guattari (1997), o devir é o que está em vias de tornar-se. Para os autores, também é um processo do desejo e indica um sentido de copresença daquilo que compõe para uma transformação e viabiliza a criação de novos universos de referência. Sendo assim, o processo que interessa é aquele que produz realidades emergentes.

Para Deleuze (1994), o desejo situa-se com precisão nas linhas de fuga, na conjugação e dissociação do fluxo. É aquilo que promove novos percursos e apresentam uma outra camada de intensidade para o acontecimento da colaboração. Quem colabora orientado pela inovação social, manifesta alguma intensidade do desejo. Ainda para o mesmo autor, o desejo não está relacionado com aquilo que pode estar faltando. Ele “está constantemente unido a um agenciamento que funciona” (DELEUZE, 1994, p.61). Ou seja, potencializa o sentido do acontecimento quando as pessoas se encontram para colaborar. Os movimentos de agenciamento do desejo acontecem da forma processual e são orientados pelos afetos. Sendo assim, retoma-se o sentido de criar valor

compartilhado apresentado por Manzini (2015), porque são os agenciamentos do desejo que visualizam outros territórios existenciais capazes de gerar sensações que suportam a processualidade de um projeto colaborativo.

2.2 As Casas Colaborativas como Laboratórios de Inovação Social

Existem diversos tipos de laboratórios que atuam em função de suas vocações. Uma consulta ao *Online Etymology Dictionary* revela a origem da palavra laboratório. Do latim, o termo *laborare* significa um espaço voltado ao trabalho. Também podem ser reconhecidos como espaços que recebiam experimentos científicos desde a Idade Média. Também eram espaços ou oficinas onde os artesãos trabalhavam com processos manuais. Uma vez encontrada a origem dessa palavra, é pertinente o desvendamento do significado dos laboratórios. Os alquimistas, através de diferentes técnicas, elaboravam seus processos que ocorriam dentro de laboratórios. Não raro a atividade elaborada por essas pessoas foi associada a questões de magia ou esoterismo. Dentre as atividades que elas realizavam com frequência, a tentativa da transformação de metais em ouro representava uma das grandes investigações de interesse, conhecida como a Pedra Filosofal. No decorrer deste breve contexto histórico pretende-se compartilhar o sentido da aproximação das Casas Colaborativas ao de laboratórios de inovação social.

É pertinente o resgate dos princípios alquímicos para estabelecer uma compreensão mais ampla do sentido histórico dos laboratórios. Na obra clássica *O Mistério das Catedrais*, do autor Fulcanelli (1964), para os alquimistas todo fenômeno do universo é composto de uma combinação única. Além disso, tudo é decorrente dessa única coisa através de processos de adaptação. Identifica-se uma associação com aquilo que é transformado ou que está submetido ao estado de transformação. Os laboratórios foram espaços que deram o suporte para esse tipo de práticas científicas. Da mesma maneira que as coisas eram submetidas a experimentos, percebe-se que os alquimistas também trabalhavam para outra dimensão de transformação: a de si próprios e sua consciência. Havia o interesse de encontrar um modo de elaborar a transformação do homem em um espírito planetário. Ainda que as evidências encontradas não demonstrem o modo com que esse processo era realizado, a atividade nos laboratórios remete ao plano da transformação pessoal. Portanto, os princípios da adaptação e da transformação são úteis na composição de um conceito para os laboratórios, e são de interesse desta pesquisa.

Desses princípios surge a questão do acúmulo de conhecimento frente às práticas realizadas. Os alquimistas, em seus laboratórios, adquiriam conhecimentos que possibilitavam o avanço de seus experimentos. A investigação de Fulcanelli (1964)

analisa a simbologia das antigas catedrais europeias e revela dinâmicas de um contexto de convivência com os alquimistas. Em uma de suas descrições acerca da mansão do grande alquimista Lallemand, identifica-se o espaço do laboratório. Além de ser um espaço voltado ao trabalho, o autor o apresenta como “um lugar onde a natureza opera” (FULCANELLI, 1964, p. 146). O sentido atribuído à natureza remete a uma proximidade da onipotência divina. Ou seja, os alquimistas encontravam-se no laboratório para trabalhar e buscavam a realização de feitos científicos incompreensíveis, inusitados, surpreendentes e desafiadores.

A partir dessa perspectiva histórica de laboratório é construída a imagem de espaços físicos que remetem a uma memória visual cheia de instrumentos científicos: tubos de ensaio, provetas, pinças e equipamentos de diferentes naturezas. Com o avanço das tecnologias e da ciência, de forma geral, possivelmente consta no imaginário do senso comum a figura de cientistas em trajes brancos e equipamentos de proteção individual — óculos ou máscaras que protegem o rosto. Nesses espaços, nota-se a necessidade de bastante higienização e os experimentos realizados devem ser altamente controlados, calculados e registrados. Além disso, a eventual utilização de substâncias químicas incide em riscos que podem ser, deveras, prejudiciais para a saúde.

Para Sennett (2009), as oficinas funcionavam como as casas do artífice. É interessante perceber esta associação estabelecida pelo autor pelo significado das casas atribuído. Os artesãos faziam seus lares dentro das oficinas. Todas as atividades domésticas eram realizadas, tais como cuidar dos filhos ou dormir. Também acolhiam um número grande de pessoas em função de um espaço, geralmente, pequeno. Para os artífices, “pareciam encontrar ali um lar acolhedor, um lugar onde o trabalho e a vida se misturavam frente a frente” (SENNETT, 2009, p.67). No entanto, havia uma forte orientação para o trabalho. A relação com a sensação de acolhimento nesses espaços não invalida essa predominância de uma atividade focada no trabalho.

Ainda para o autor, as oficinas funcionavam orientadas para interação pessoal direta. É interessante a reflexão que existe a respeito das relações que existiam dentro desses espaços. A experiência acumulada do artesão confere uma autoridade direta em relação aos demais. Essa autoridade era considerada hostil e ganhava caráter pessoal de relação. Sendo assim, a história das oficinas na Idade Média foi pautada por evitar ou enfrentar questões de autoridade e autonomia (SENNETT, 2009). A autonomia no

sentido dos artesãos galgarem espaço de experiência e contornarem o confronto com a autoridade.

Diante desse resgate histórico que pretende conceituar e desvendar o significado de laboratório é fundamental que haja um novo esforço de conceituação para os laboratórios de interesse desta pesquisa. É pertinente recolher que os laboratórios, portanto, são lugares relacionados ao trabalho. Espaços que lidam com a experimentação e sugerem o uso de instrumentos adequados para tal atividade. Também são espaços acolhedores e voltados para relações interpessoais de trabalho. Lidam com a expressão e processos de criação. Sendo assim, são laboratórios que ganha outra caracterização quando associados a uma atuação voltada para a inovação social. Segundo Murray, Grice, Mulgan (2010), a inovação social são as ideias ligadas a questões exclusivas das necessidades sociais, e podem ser desenvolvidas nos setores privado, público ou terceiro setor. Estruturas de laboratórios que se aproximam dessa área podem assumir espaços bastante distintos aos apresentados anteriormente. Podem receber suas atividades em espaços como casas, pavilhões, salas ou prédios, e acolhem diferentes pessoas para a criação conjunta de novas ideias. Plataformas conhecidas pelas nomenclaturas *coworking*, *fablabs* ou *living labs* ajudam a continuar conceituando os laboratórios de inovação social de interesse.

Os espaços denominados *coworking* recebem diversas pessoas para trabalhar no mesmo local. São espaços que alugam postos de trabalho em um ambiente geralmente inspirador. De acordo com o site Coworking Brasil, que reúne muitos espaços dessa natureza, no Brasil, um *coworking* é um novo modelo de trabalho voltado para profissionais autônomos, *freelancers* e pequenas empresas que se reúnem em um mesmo espaço para compartilhar experiências e custos. Outro argumento de convencimento que utilizam é a possibilidade de fazer *networking*, ou seja, conhecer uma diversidade de pessoas que podem colaborar nos projetos pessoais. Segundo os registros desse site brasileiro, existem mais de cem espaços desse perfil no Brasil. O projeto *Global Coworking Map* se propõe a mapear todos os *coworking* no mundo. São mais de mil espaços desse perfil mapeados nos diferentes países do mundo, tendo o Brasil como o país com mais registros de *coworking*. Os estudos de Ross e Ressia (2015) revelam que já existem mais de 2.500 espaços de *coworking* no mundo.

Segundo Surman (2013), a inovação social precisa de condições adequadas para emergir. Essas condições passam pela adequação de um espaço e a formação de uma

comunidade nesse espaço. A experiência junto ao espaço de inovação social denominado CSI permitiu que a autora desenvolvesse o que denomina de teoria da mudança. Quanto ao espaço, este precisa fornecer ferramentas adequadas, como conexão de alta velocidade para internet, salas de reunião e espaços para encontros. O ambiente deve ser acolhedor para inspirar a criatividade. A formação de comunidade é um trabalho realizado pelos animadores de comunidade. Essas pessoas assumem o papel para tratar das questões que envolvem “elementos operacionais, construção de relacionamento, *hosting*, e compartilhamento de conhecimentos e habilidades” (SURMAN, 2013, p. 192). Além disso, há a preocupação com uma hospitalidade radical. Ou seja, as pessoas que frequentam o *coworking* precisam ser bem recebidas no espaço.

Ainda de acordo com Surman (2013), a inovação social precisa de uma combinação entre elementos orgânicos e intencionais. Ou seja, o espaço deve permitir que as pessoas mantenham conversas e realizem encontros que promovam uma colaboração mais formal entre elas. Também é verdade que intervenções mais específicas são necessárias, como ações de apresentação entre os membros do *coworking* feita por um animador de comunidade. Esses movimentos orientam a colaboração entre as pessoas e reforçam o entendimento de que a colaboração não ocorre exclusivamente de forma espontânea. Indo ao encontro dessa reflexão, os autores Ross e Ressia (2015) mapearam diferentes caracterizações de espaços de *coworking* e afirmam que nem sempre acontece a colaboração nesses espaços.

Não raro, os laboratórios são reconhecidos em salas com equipamentos que convidam à prototipação digital de objetos. São os *fablabs* que apresentam essa orientação. Uma consulta ao site Fab Lab Foundation revela que os *fablabs* é uma organização em rede. São cerca de 450 laboratórios espalhados no mundo voltados à fabricação digital. A rede dos *fablabs* orienta sobre quais equipamentos são necessários para que haja um credenciamento formal na rede e encoraja as pessoas a abrirem novas operações em conexão umas com as outras.

Os princípios dos *fablabs* são claros e conseguem expressar o modo com que se organizam em rede. Um dos princípios que partilham é o conhecimento aberto. Ou seja, as descobertas de processos e formas de projetar os objetos são incentivadas para que ocorra o compartilhamento. A própria questão da rede é tratada como um princípio, pois existe uma consciência de os laboratórios *fablabs* estarem dentro de um contexto

em rede. São espaços que permitem a circulação de uma diversidade de pessoas, portanto, são estruturas abertas à comunidade e promotoras de processos de projetos colaborativos. A abertura no contexto dos *fablabs* está principalmente atrelada à democratização ao acesso e ao uso dos equipamentos digitais. Precisa ser um espaço que proporcione a livre expressão das pessoas.

Para Diez (2012), os *fablabs* podem ser compreendidos como projetos vivos. A perspectiva do uso da internet proporciona uma troca sistemática das descobertas que evoluem em cada laboratório. A rede dos *fablabs* está configurada para existir através dessa dinâmica de compartilhamento de conhecimento em plataformas digitais ou através das videoconferências. Quando o autor menciona a questão de projetos vivos, representa uma diversidade de pessoas conectadas em função dos mesmos princípios. Troxler e Wolf (2010), em uma pesquisa realizada com a rede de *fablabs*, dizem que os laboratórios raramente fazem uso das possibilidades que existem no ecossistema de inovação que atuam. Isso demonstra a dificuldade existente na geração de colaboração entre os laboratórios da rede. Ainda que haja um conjunto de princípios que cumpram uma orientação voltada à colaboração, não há um processo claro que dê conta da complexidade desse movimento.

Para evoluir na conceituação do que são os laboratórios de inovação social, os *living labs* aportam compreensões relevantes. A rede ENoLL (*European Network of Living Labs*) é constituída por diversos laboratórios espalhados no mundo inteiro. A forma como a ENoLL define o conceito de *living labs*, coloca o papel do cidadão no centro da inovação. Além disso, incentiva uma constante pesquisa e inovação orientada para contextos da vida real. Os estudos de Pinto e Fonseca (2013) apresentam três tipos de *living labs* e ajudam a reconhecer de forma prática. O primeiro tipo são os espaços físicos — residências temporais para pessoas que experimentam novas tecnologias (PINTO; FONSECA, 2013); o segundo, podem ser organizações facilitadoras de processos de inovação através de metodologias de cocriação com os usuários; e o terceiro tipo são os *living labs* como rede de inovação, o que lhes confere uma dimensão do tipo de sua organização.

As contribuições de Bitencourt (2015), demonstram que os *living labs* possuem associações com ambientes sociais, ambientes de experimentação, meio social de inovação centrada no usuário e envolvimento do usuário no processo de inovação são abordagens possíveis de serem relacionadas com os *living labs*. Percebe-se uma clara

conexão da aplicação de todos esses conceitos em contextos da vida real. Ou seja, os laboratórios mencionados acontecem através da interação com diferentes pessoas. A visão de um laboratório asséptico é rapidamente transformada, porque não mais se trata de espaços voltados para experimentos controlados. Os elementos da experimentação são sujeitos mobilizados na criação de inovação.

Retoma-se as contribuições dos *coworking*, *fablabs* e *living labs* na conceituação dos laboratórios orientados para inovação social. A premissa de serem espaços voltados para a colaboração e o compartilhamento posicionam esses laboratórios na sua forma de atuar. O compartilhamento de recursos das mais diversas naturezas parece abrir espaço para a colaboração emergir. A partir dos *fablabs*, é possível extrair para os laboratórios de inovação social o reforço de uma atividade voltada para experimentação. Além disso, os processos de aprendizagem que derivam de sua processualidade de projeção e uma orientação para um fazer. Fica evidente a organização em rede e a abertura existente. Qualquer um pode integrar a rede, desde que partilhe de princípios em comum. Dos *living labs*, recolhe-se, fundamentalmente, sua dinâmica relacional com a comunidade. Sua abertura voltada para articulação, cocriação, experiência, aprendizagem e experimentação junto com a sociedade.

Corroborando as conexões existentes entre o conceito de laboratórios e o design, os autores Binder e Brandt (2008) falam sobre suas compreensões acerca da expressão Design: Lab. O significado da expressão compreende o entendimento voltado para colaborações abertas entre diferentes pessoas que compartilham um interesse comum em pesquisa de design (BINDER, BRANDT, 2008). A perspectiva da experimentação é muito presente definição dos autores, através dos processos colaborativos realizados. O conceito de laboratório explorado pelos autores é utilizado para demonstrar toda sua capacidade investigativa e experimental em torno dos processos do codesign. Sendo assim, o Design:Lab também pode ser percebido como uma plataforma, porque recebe a construção aberta através de diferentes técnicas e métodos. Fica disponível, portanto, uma articulação pertinente do conceito de laboratório com os aspectos do metadesign.

Ao apresentar sua perspectiva a respeito de metadesign, a autora Giaccardi (2005) diz que a criação está mais associada ao contexto do que ao conteúdo. Ou seja, são as ações que possibilitam a criação de ambientes, nos quais as pessoas podem ter conversações criativas (GIACCARDI, 2005). Essas ações podem significar a função do facilitador com as suas técnicas para promover um ambiente orientado para a

criatividade. Os conceitos de criatividade e evolução podem ser reconhecidos nesses ambientes, pois há o esforço de manter o estado participativo do usuário ao longo do processo. Para Giaccardi e Fischer (2008) também pode ser identificada a questão do engajamento e a interação adaptável na criação de sistemas abertos orientados pelo metadesign. É nessa dimensão conceitual de espaço que os laboratórios também podem ser relacionados e constituídos em rede. Ao propor um tipo de interação que esteja voltada para geração de sistemas abertos, há uma estreita relação de funcionamento com uma organização em rede. Nesse sentido, os laboratórios aproximam-se como plataformas de metadesign e estabelecem dinâmicas de funcionamento em rede.

2.2.1 Os Laboratórios como contextos

Os laboratórios precisam dar conta de um ambiente voltado para a experiência. O tipo de ambiente que está relacionado a isso é aquele que envolve diversidade de pessoas. Nesse momento, vincula-se essencialmente à formatação de um espaço aberto para as pessoas se encontrarem, para acessar a possibilidade de uma experiência de interação projetual. Para Giaccardi e Fischer (2008), identificam-se três planos do design que compõem o espaço multidimensional do design. O primeiro deles apresenta como as pessoas experienciam e negociam seus sistemas de relacionamento para se engajarem no processo projetual. Nesse plano, são utilizadas técnicas e métodos afetivos que habilitam atividades sensoriais e emocionais. O segundo diz respeito à forma como metadesigners e usuários participam da atividade de design. Nesse plano, são utilizadas técnicas e métodos participativos que permitem o envolvimento dos usuários. O terceiro plano está relacionado à maleabilidade dos processos e ao cuidado por não produzir estruturas fixas. Certamente, essas três dimensões do metadesign influenciam o percurso projetual. Os laboratórios podem ser espaços promotores dessa situação sempre inédita para todos. O encontro entre as pessoas é imprevisível e aponta para caminhos de construção criativa.

Os laboratórios de inovação social, como espaços físicos, podem proporcionar ambientes que inspirem uma projeção. Geralmente, são configurados em espaços que favorecem uma criatividade maior entre as pessoas. São mesas compartilhadas, a presença e o uso das cores para divertir o ambiente tanto em mobiliários quanto nas paredes do espaço e a disposição de salas mais abertas e menos compartimentadas. Por

serem espaços que compartilham os recursos existentes, identifica-se salas que podem ser consideradas das empresas residentes. Ou seja, são espaços que possuem uma restrição de uso destinada para as pessoas ou organizações que pagam por aquela metragem de área específica. Estes espaços convivem com outros ambientes de livre circulação das demais pessoas que frequentam o laboratório de inovação social.

Por outro lado, estes espaços abertos são destinados para reuniões, workshops, palestras, seminários, exposições, espetáculos de música, encontros abertos em geral. Podem ser configurados como auditórios para receber pessoas sentadas para algum evento. Geralmente estes espaços são vocacionados para atender uma diversidade de programações. Ora são espaços para espetáculos de música, ora para seminários. Não há uma formalidade aparente de configuração do mobiliário deste espaço. Preferencialmente, todo mobiliário precisa ser móvel. Ou seja, a formatação é maleável. Se houver necessidade de montar o ambiente com mesas e cadeiras ou só com cadeiras, precisa ser viabilizado com dinamismo. Não raro estes espaços já estão preparados como uma estrutura básica de som e imagem. Eventualmente, há um projetor fixado em uma área de projeção específica. No entanto, a televisão fixada na parede ou em algum mobiliário móvel também funciona como uma alternativa.

Esses exemplos poderiam constituir o imaginário do espaço dos laboratórios. No entanto, essa configuração espacial não garante, necessariamente, a existência da prática projetual colaborativa. Ela pode favorecer a experiência da interação e do convívio social pela informalidade que se expressa. Porém, é necessária a preparação desses espaços para que a projeção aconteça. Para agir como designers e serem criativos, os usuários precisam conseguir expressar-se e engajar-se em atividades que tenham significado pessoal (GIACCARDI, FISCHER, 2008). Os laboratórios acabam favorecendo dinâmicas projetuais que operam de maneira orgânica. Ou seja, é casual que as pessoas encontrem os espaços para colaboração em projetos. Sendo assim, esse contexto apresenta a possibilidade de compreensão de uma projeção em rede.

Esses aspectos podem ser percebidos na ambientação dos espaços de forma geral. Geralmente, não há a configuração de um espaço de recepção, com alguma pessoa na função de secretariado. O formalismo dos procedimentos de registro do nome, coleta dos dados de documentação pessoal e retirar uma foto com uma câmera de computador acabam não acontecendo. As pessoas que entram nesses espaços são recebidas por algum residente do laboratório que consegue atender e abrir a porta de entrada.

Portanto, a experiência da chegada já anuncia uma dinâmica relacional diferente de outros ambientes corporativos.

Os laboratórios de inovação social podem ter áreas externas, como pátios, varandas, sacadas ou terraços. Na maioria das vezes, há uma predisposição das pessoas para plantarem diferentes flores ou alimentos. Alguns espaços possuem hortas mais estruturadas, como pequenos canteiros. Entretanto, há uma relação de cultivo que está presente no espaço. Nessas áreas abertas, são os espaços que podem ter mesas de jardim, bancos de madeira, arquibancadas, cadeiras de balanço, cadeiras de madeira. Também identifica-se o uso de materiais reaproveitados, como os pallets industriais. Através do seu uso, mesas e sofás podem ser formatados. Todo esse ambiente favorece o diálogo colaborativo e as relações orientadas para uma criação conjunta.

O uso de materiais de suporte para a cocriação é bastante comum. São paredes estilo quadro de giz ou quadros brancos dependurados. Todos dispositivos abertos para livre interação de qualquer um. Recursos como folhas, canetas e post its estão em abundância e configuram a ambientação desses espaços. Dificilmente, não há paredes com cartazes ou post its colados. Por vezes, os vidros das janelas são utilizados como suporte para uma criação conjunta. Essa liberdade identificada no uso do espaço contribui para que as relações colaborativas aconteçam orientadas para inovação social.

2.2.2 Os Laboratórios como processo

Para Giaccardi e Fischer (2008), poucos mecanismos existem para conseguir suportar o que é denominado sistemas como entidades vivas. Os laboratórios como processo articulam essa compreensão porque operam diante de práticas metaprojetuais, e recebem a possibilidade da existência de diversos projetos. Portanto, representam uma plataforma de novas formas de expressão do design colaborativo. O metadesign permite processos coadaptativos entre os usuários e os sistemas (GIACCARDI, FISCHER, 2008), e a processualidade envolvida nos laboratórios opera através dessa orientação. Os laboratórios, na qualidade de plataformas de metaprojeção, acabam por incluir os sujeitos em um espaço de interação complexa. Sendo assim, criam-se as condições para agir na construção da abertura característica de funcionamento dos processos.

Para De Mul (2011), o designer não deveria restringir sua atuação apenas como designer. O autor apresenta a ampliação de uma atuação como metadesigner, que atua

através de uma dimensão espacial multidimensional. A metáfora construída pelo autor para representar essa atuação remete à construção de um espaço agradável de jogo, no qual emerge um significado pertinente para os envolvidos. Em consonância, Giaccardi e Fischer (2008) apontam para a criação de sistemas abertos que podem ser modificados pelos seus usuários. Percebe-se que existe uma intenção que habilite os usuários a criarem e a contribuírem com suas próprias visões para a manutenção simultânea do sistema. Os laboratórios, na condição de processos experimentais, devem dar conta desses movimentos, porque são espaços orientados para esse sentido.

Na medida em que os laboratórios de inovação social recebem diferentes pessoas que desenvolvem projetos nesses espaços, fica estabelecida uma dinâmica de convivência relacional que oportuniza o surgimento de novos projetos. As pessoas que se aproximam do contexto dos laboratórios, muitas vezes, possuem relações de proximidade com outras pessoas que já estão vinculadas com o laboratório. Logo, há uma facilidade de integração que oportuniza as pessoas se conhecerem. Os laboratórios recebem diferentes formatos de encontro ou reuniões que acabam servindo como momentos de reconhecimento de oportunidades. Ou seja, através da mobilização de pessoas para uma reunião é possível que haja aproximações, com outras pessoas que não estão diretamente envolvidas naquele momento. Esse movimento pode não ser percebido, porque é realizado de forma espontânea. É interessante compreender que a projeção não se dá exclusivamente entre os sujeitos que frequentam o espaço físico. As relações são ampliadas nesse sentido e há uma abrangência considerável que pode ser descrita.

O surgimento de novos projetos também articula outras pessoas e organizações de interesse. A aproximação com universidades, governo, iniciativa privada, organizações não governamentais, profissionais liberais ou o cidadão comum acontecem com frequência. Os laboratórios fazem esta aproximação e acabam servindo como articuladores da inovação social. Sem dúvida, um serviço prestado que pode ou não ser remunerado como uma prestação de serviço. A projeção acontece pelo convívio das comunidades criativas que encontram o laboratório como espaço para colaboração. Essas iniciativas podem evoluir e “tornam-se empreendimentos sociais difusos e, por sua vez, os casos promissores que elas geraram tornam-se organizações colaborativas” (MANZINI, 2008, p.70). Para o autor, é possível identificar três tipos de organizações colaborativas: (1) serviços colaborativos; (2) empreendimentos

colaborativos; (3) cidadãos colaborativos. No primeiro, identifica-se o envolvimento daqueles que usam o serviço na sua construção. O segundo possui uma estreita relação com aquelas iniciativas que conectam-se com atividades locais, tanto para novos serviços ou produtos oferecidos. Já o terceiro, representa um grupo de cidadãos que mobiliza-se para dar conta da criação de uma solução para um problema identificado por eles. Estes três tipos apresentados podem apresentar composições de sobreposição, dependendo do contexto que estão inseridos.

O papel do processo é construído por Lucero, Vaajakallio e Dalsgaard (2012), através de uma perspectiva que coloca o design como um processo dialógico simultâneo com a ação. Os autores desenvolveram um estudo a respeito de um método que aproxima a questão do diálogo com o conceito de laboratório. Muitas das associações, desvendadas até então, foram utilizadas para avançar nessa aproximação. Fundamentalmente, as conotações de experimentação, colaboração e interação foram exploradas para compor a investigação. Sem dúvida, identifica-se uma estreita relação dos laboratórios como processo, com as capacidades do design estratégico.

Para Zurlo (2010), a capacidade de ver, prever e fazer ver compõe diferentes processos que o design estratégico mobiliza. A capacidade de ver reconhece a abordagem sistêmica para observar determinado fenômeno. Essa capacidade “permite identificar as exigências tácitas e não expressas das pessoas, que muitas vezes podem ser convertidas em oportunidades para a inovação” (ZURLO, 2010, p.11). Sem dúvida, é uma habilidade relacional do designer determinante em um processo de projeto. O prever está relacionado aos aspectos da criatividade. Essa capacidade mobiliza a construção de um cenário futuro. O fazer ver promove o entendimento daquilo que está em construção, através do uso de ferramentas adequadas e a organização das ideias. Essas capacidades do design estratégico são habilitadas pela processualidade aberta e inerente aos laboratórios de inovação social. A presença do profissional designer nem sempre está atrelada ao processo de projeto nos laboratórios. No entanto, algumas pessoas assumem o papel do designer de forma intuitiva e orientam os rumos do processo através das capacidades do design estratégico.

A prática da projeção nos laboratórios encontra um espaço bastante peculiar para seu desenvolvimento. Nesse sistema, parece não haver lugar para aqueles que não atuam ativamente, e, portanto, um processo que pode ser excludente para aqueles que não compreendem o significado complexo dos laboratórios. É possível perceber que

existem os mais diferentes tipos e nuances de envolvimento, de modo que, o desafio dos laboratórios, na qualidade de processos, seria a partilha sensível da sua existência que se constitui tão somente através da diversidade absoluta.

2.3 REPRESENTAÇÃO DE PROCESSOS DE DESIGN ESTRATÉGICO

Os desafios são diversos quando a processualidade é colaborativa em um percurso de projeto. A maneira com que cada sujeito compreende o seu papel no processo de projeto é incontável. O contexto de projeção orientada pelos ecossistemas criativos possuem particularidades importantes de serem compreendidas. Para Freire et al (2015), os sistemas que compõem são aqueles caracterizados — recursos naturais, socioeconômicos e culturais. São de Bertalanffy (1968) as reflexões pertinentes aos sistemas que compõem aqueles entendimentos essenciais para um direcionamento inicial quanto à representação de processos de design estratégico.

As contribuições do biólogo Bertalanffy (1968) esclarecem que os sistemas são formados por um conjunto de elementos que permanecem em constante interação. Essas interações não podem ser reconhecidas como lineares. Ou seja, não existem padrões absolutos que condicionam uma repetição em como ocorrem tais interações. Esses pressupostos elucidam um aspecto importante em relação à percepção dos movimentos da interação. Os fenômenos observáveis quando separados em partes para uma análise do seu contexto suscitam a afirmação de uma leitura cartesiana de mundo, a qual carrega um paradigma científico bastante consolidado, embora passível de uma ampliação necessária de percepção. É o que Capra (2006a) concebe como uma crise de percepção, porque os fenômenos merecem ser vistos através de diferentes ângulos, cada vez mais interdependentes e influenciáveis por uma teia de interações que movem os acontecimentos. Os sistemas não são compreensíveis por uma análise de suas partes respectivas de maneira isolada diz Bertalanffy (1968).

Um aspecto que imediatamente surge em relação ao sistemas é a questão da sua ordem hierárquica. Ainda para Bertalanffy (1968), é possível identificar o significado do que são estruturas e funções. As estruturas podem ser reconhecidas como a ordem das partes. Já, as funções podem ser reconhecidas como a ordem dos processos. No mundo biológico, “as estruturas são a expressão de um fluxo dos processos” (BERTALANFFY, 1968, p.27). Nos desdobramentos de suas reflexões depara-se com as noções de diferenciação e evolução, que são pertinentes para acessar uma dimensão mais profunda de entendimento da ordem hierárquica dos sistemas. O sentido de hierarquia pode ser associado a alguma organização possível entre elementos diversos.

Esse ordenamento entre os elementos está em constante evolução e jamais permanece o mesmo, ou seja, difere em sua estrutura pelo dinamismo dos processos.

Para Georgescu-Roegen (2012), os sistemas que operam através de um padrão de organização, como todas as formas de vida, são aqueles denominados abertos. Sistemas isolados não trocam nem matéria, nem energia com o meio. Os sistemas abertos trocam energia e matéria, e os fechados são aqueles que trocam apenas energia. Os seres vivos conseguem manter sua organização temporariamente, resistindo ao processo entrópico do universo. Isto só é possível por serem abertos à entrada de energia e materiais. Ao encontro dessa reflexão, Bertalanffy (1968) diz que os sistemas abertos, ao se manterem estáveis, podem, inclusive, desenvolver estados de aumento de organização. Esse aumento de organização pode ser encontrado porque existe uma capacidade de produzir trabalho. É diferente de estar em equilíbrio no sentido estático, isto é, os organismos vivos permanecem em fluxo e mudança contínuos.

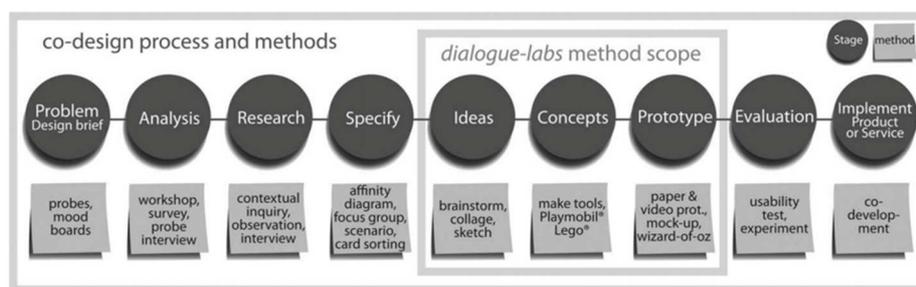
A partir dessas contribuições que identificam os organismos vivos como sistemas abertos é possível compreender o fenômeno da auto-organização. Os sistemas vivos se constituem de uma infinidade de interações que são não lineares. O estudo do padrão é imprescindível para viabilizar o entendimento da auto-organização. É de Capra (2006a) a reflexão acerca do estudo da substância e o estudo da forma; substância que também pode ser entendida como estrutura. Retoma-se o sentido atribuído a estrutura por Bertalanffy (1968), porém, Capra (2006a) complementa que as estruturas podem ser medidas ou pesadas. Ou seja, as estruturas envolvem noções quantitativas. Por outro lado, a forma ou o padrão precisa ser mapeado. Para se entender um padrão é necessário mapear como as relações estão configuradas (CAPRA, 2006a). Sem dúvida, um processo bastante qualitativo que envolve uma dose de subjetividade importante.

Diante dessas reflexões, o padrão de organização comum reconhecido nos organismos vivos é um padrão de rede. “Sempre que olhamos para a vida, olhamos para redes” (CAPRA, 2006a, p. 78). Essa afirmação é bastante esclarecedora, do ponto de vista de dar continuidade de relação com a questão da auto-organização. O padrão de rede remete ao entendimento de que as relações ganham caminhos voltados para todas as direções. Do ponto de vista das conexões ou da comunicação entre os elementos da rede, há uma liberdade enorme de trânsito que garante a configuração do padrão em rede. Isto é, os próprios elementos da rede têm a capacidade de trabalhar em sua regulação. Quanto mais trocas existirem nesse padrão de vida que está sendo elaborado,

mais capacidade de auto-organização deve ocorrer. A manutenção de um fluxo dos processos é necessária para que exista a organização em rede. O fluxo que remete a um estado de fluidez ou movimento.

Ao se retomar as contribuições de Lucero, Vaajakallio e Dalsgaard (2012), percebe-se que os autores apresentam uma representação de processo de codesign como uma sequência linear de ações. Os autores sugerem, inclusive, um tempo cronológico determinado para cada etapa percorrida ao longo do processo. As etapas reconhecíveis nesse processo contribuem e direcionam para uma relação clássica do design que é a do problema à solução. No entanto, condicionam um único fluxo de processo, e parece que não levam em consideração a imprevisibilidade do processo. Da mesma forma que não se encontram evidências de aspectos relacionais colaborativos implicados na representação. Trata-se de um processo que representa o momento específico e pontual de codesign. A perspectiva dialógica característica da processualidade do design estratégico também é pouco explorada na representação gráfica, em detrimento da demarcação de macroetapas que configuram uma única possibilidade de execução do processo.

Figura 01: Processo linear de design



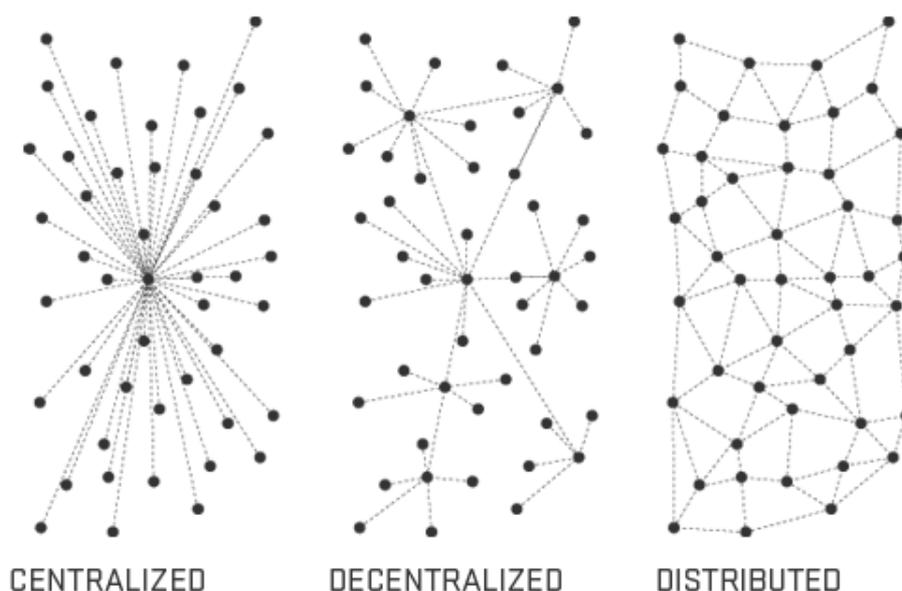
Fonte: LUCERO, VAAJAKALLIO E DALSGAARD, 2012, p. 8.

O que os autores conceituam como *dialogue-labs* trata-se de um processo específico que pretende estabelecer um método de como gerar ideias de solução. Esse processo se divide em oito passos que devem ser realizados em quinze minutos cada. Um único aspecto pertinente previsto nesse momento é a preocupação com o ambiente criativo. Isso está descrito na primeira das oito etapas do *dialogue-labs*, cujo nome é

introdução. Segundo Lucero, Vaajakallio e Dalsgaard (2012), é necessário que os participantes sintam o conforto como se estivessem na atmosfera de suas casas. Da mesma forma que incentivam os participantes a se moverem pelo espaço, porque há painéis ou quadros de interação posicionados em diferentes pontos. Assim, garantem uma atitude ativa dos participantes e mantêm o dinamismo do processo.

Ao analisar as contribuições do pesquisador Paul Baran (1964) a respeito dos tipos de organização em rede, cabe o resgate de alguns argumentos fundantes dentro da perspectiva de representação de redes. É necessária a compreensão que existem três tipos de organizações em rede, sendo aquelas centralizadas, distribuídas ou descentralizadas. A questão da sobrevivência da organização é um ponto-chave dentro de uma leitura sistêmica das reflexões de Baran (1964). O estudo proposto por ele exemplifica e pretende demonstrar estruturas resistentes a possíveis ataques de inimigos em uma situação de guerra. Trata-se de outra perspectiva que contribui para compreensão da organização dos sistemas vivos. Portanto, aquela organização que consegue estabelecer uma formação distribuída com fluidez de conexão e interação entre os pontos da rede, demonstrará enorme dificuldade para o inimigo acabar com sua atividade. Isto porque, qualquer ponto que sofra um ataque, os demais pontos não perdem sua conexão, porque estarão multiconectados.

Figura 02: Desenhos de rede



Essas representações gráficas das organizações em rede, ilustram uma possibilidade de visualidade de processos. É possível reconhecer as linhas entre os pontos como as interações, as conexões ou os processos. Ou seja, no gráfico que expressa o centralizado todas as conexões dependem de um elemento central. A interação entre os pontos não acontece com a fluidez necessária para que seja reconhecida, como um padrão de rede dos sistemas vivos. Sendo assim, qualquer representação de processos que ilustre algo semelhante a essa visualidade estaria depondo em contradição com as reflexões fundantes do que são os sistemas vivos. Da mesma forma poderia ser feita a analogia com o tipo de organização descentralizada. A única diferença é que são múltiplas representações de centros espalhados. O tipo distribuído é aquele que mais se aproxima de uma ilustração da dinâmica de interação dos sistemas vivos, no entanto, ainda carentes de uma atualização a criar de uma visualidade coerente com processos que transmitem uma fluidez. Os elementos precisam expressar uma liberdade de conexão entre si. A visualidade do tipo de organização distribuído expressa uma linearidade não desejável de conexão entre os pontos, ou seja, ainda que todos os pontos pareçam estar todos conectados precisam passar de um para o outro, necessariamente, para seguir um caminho. Não há um processo nele representado que gere mais autonomia e conexão imprevista entre os pontos.

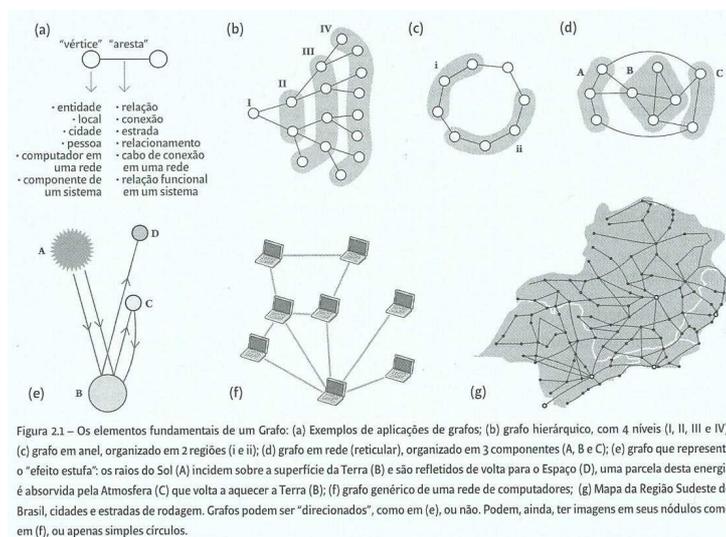
De acordo com essas ponderações, as contribuições de Lima (2011), a respeito de visualidade das redes, trazem aspectos significativos. Para o autor, existem cinco funções-chave a respeito da visualização de redes. A primeira é a que serve como um documento. Nesse sentido, é possível realizar um comparativo com a função de um mapa. Ao se mapear um sistema revela-se uma informação que poderia nunca ter sido vista antes. E havendo uma visualização pode ocorrer um estímulo importante para que outras pessoas aprofundem um conhecimento posterior. A segunda função diz respeito à questão da clareza, ou seja, a representação torna o processo transparente. O ponto principal nesse contexto é a simplificação para explicar aspectos relevantes e clarear determinadas áreas do sistema (LIMA, 2011). A terceira função é de revelar aspectos das relações existentes e suas correlações. A quarta é a questão da expansão. Essa

função diz respeito aos aspectos de futuras explorações que podem ser realizadas a partir de um registro de representação. A visualização é percebida como um meio para se desenvolver outras questões de interesse futuro. A quinta e última função é a abstração. A exploração de um esquema visual deve ser compreendida como uma plataforma, e é necessário um esforço de leitura da representação com essa capacidade de abstração. Portanto, algumas informações podem não estar representadas, e não significa que não podem ser percebidas em um trabalho de interpretação e uso.

As reflexões de Vassão (2010) elucidam um aspecto pertinente à questão da representação de processos. Para o autor, é necessário enfrentar a redução da realidade quando algum processo é representado. Além disso, “é praticamente impossível lidar com as coisas sem que façamos usos de representações, e por isso é importante ter-se em mente que essa simplificação é um ato criativo e subjetivo” (VASSÃO, 2010, p.25). A representação de processo que interessa a esta pesquisa é aquela que produz novas realidades, porém jamais definitiva e soberana, que docilize o fluxo.

A representação de um processo que atenda o funcionamento dos sistemas vivos em um contexto dos ecossistemas criativos deve incluir seu padrão de organização em rede. Portanto, a representação de uma processualidade pontual, de um momento específico de criação colaborativa é insuficiente. Segundo Vassão (2010), esse processo pode ser representado através do uso de diagramas e dos princípios da topologia. A topologia que apresenta configurações e arranjos, através dos grafos e regiões. Dessa maneira, os sistemas começam a ser identificados em sua dimensão espacial, “não apenas o espaço gráfico da imagem bidimensional, ou o espaço geométrico da configuração do objeto, mas também neles e em outras configurações que demonstrem ou disponibilizem o arranjo das conexões, forças e fluxos de um sistema” (VASSÃO, 2010, p. 45).

Figura 03: Representação de grafos



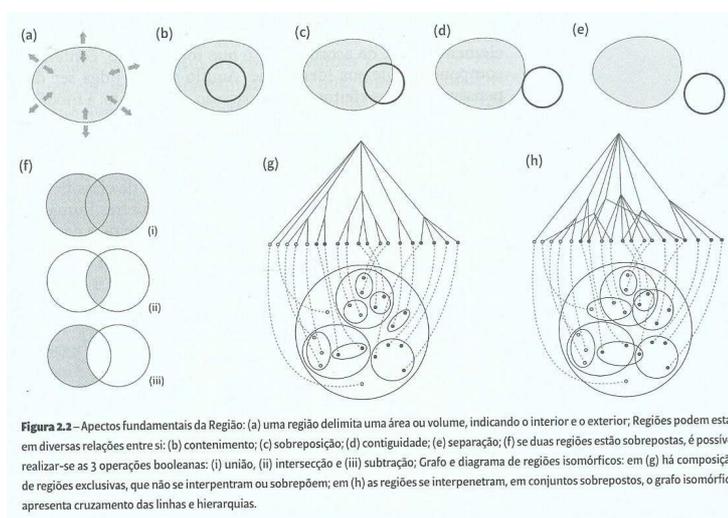
Fonte: VASSÃO, 2010, p. 47.

Através dessa representação gráfica identificam-se aspectos pertinentes para serem discutidos na representação de um processo orientado pelo design estratégico. Independente do tipo de grafo que será representado, há o reconhecimento dos elementos desse sistema. Da forma como está mencionado no exemplo "a" da Figura 03, são muitas as possibilidades de quais podem ser esses elementos especificamente, ainda que seja mais significativo na estrutura de um sistema aquilo que está em relação com o outro. O que é definido como "vértice" pode ser diferentes aspectos que definem o que está em relação. A esse movimento de relação, atribui-se o uso de linhas ou traços. São essas representações que avançam no entendimento do fluxo e da dinâmica do processo. Os grafos "b", "c", "d" e "e" contribuem para uma interpretação parcial aos escopos desta pesquisa. Nos grafos "b", "c" e "d" identifica-se a leitura de regiões através de uma cor mais escura. Ainda que são tipos de representações diferentes, esse aspecto das regiões é comum. Essas regiões qualificam o entendimento dos elementos que estão dentro e favorecem a interpretação das relações. O grafo "e" apresenta a possibilidade de representação de um elemento que influencia a relação e a interpretação da informação. Nesse caso, o elemento do "sol" cumpre essa função. É

necessário abstrair a possível leitura de linearidade que existe em todos os grafos comentados até então. Essa interpretação não é de interesse da pesquisa, porque não expressa de forma adequada as múltiplas conexões que existem entre os elementos. Por ora, as contribuições desta Figura 03 é a existência da representação das relações e das regiões que podem qualificar a compreensão das relações. Os grafos “f” e “g” não contribuem para nenhuma interpretação de interesse.

As “regiões são áreas, volumes ou massas, corpos, etc. que delimitam algum campo ou espaço” (VASSÃO, 2010, p. 47). Através desse recurso de representação é possível lidar com a possibilidade de entendimento daquilo que contextualiza determinados movimentos dos elementos em conexão no processo. A colaboração precisa ser qualificada no sentido das suas nuances ou diferentes dimensões. À medida que esta pesquisa evolui em sua ação colaborativa com os sujeitos e outros artefatos inerentes pretende-se extrair essas dimensões da colaboração. Elas podem ser reconhecidas como as atitudes predominantes que promovem ou facilitam os desdobramentos da colaboração. São estas as regiões passíveis de representação.

Figura 04: Representação das regiões



Fonte: VASSÃO, 2010, p. 48.

As diferentes regiões podem ser ocupadas por grafos distintos. É interessante perceber que as regiões “b”, “c”, “d”, “e” e “f” demonstram as possibilidades de relações entre as próprias regiões. Isso confere uma dinâmica de leitura pertinente na

representação do processo e precisa ser uma escolha consciente. As regiões representadas pelas imagens “g” e “h” podem ser consideradas para os escopos dessa pesquisa. Essas duas imagens mobilizam uma leitura de relações mais avançadas entre as regiões. Percebe-se que na figura “h” determinadas regiões estão sobrepostas com elementos que também estão sobrepostos. Na figura “g”, as relações de sobreposição acontecem de uma forma mais clara nas regiões e identifica-se uma região isolada. As linhas de conexão devem ser desconsideradas para a interpretação destas imagens. Portanto, as contribuições desta Figura 04 está na oportunidade de representar as relações das regiões sobrepostas, separadas, em contiguidade, contenimento, união, intersecção ou subtração. Todas essas relações são pertinentes para os desdobramentos da colaboração. A construção de um desenho do processo de design estratégico que é de interesse desta pesquisa-ação, pode considerar esses tipos de relações na sua formatação. O processo dialógico de cocriação leva ao entendimento de quais relações efetivamente são adequadas de proceder no desenho do processo.

É notório que o avanço dessas reflexões aproximam, sensivelmente, o que é expresso pelo pensamento sistêmico. Encontram lugar de reflexão através dele. O “pensamento sistêmico é pensamento de processo; a forma torna-se associada ao processo, a inter-relação à interação, e os opostos são unificados através da oscilação” (CAPRA, 2006b, p. 261). Quando a representação associa-se ao processo deve levar em consideração que existe a manutenção de um estado de inter-relação. Esse estado pressupõe uma organização dinâmica e interdependente no que diz respeito à representação da configuração das regiões e grafos. Sendo assim, é oportuno que seja realizada uma aproximação com o conceito do rizoma.

De acordo com Deleuze e Guattari (1995), existem determinados princípios característicos dos rizomas. A intenção de evoluir nas contribuições desses autores a respeito do rizoma ocorre em função do interesse de construir a representação de um processo do tipo rizoma. O primeiro deles é o princípio da conexão. Para os autores, “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 14). Os rizomas procuram a conexão entre distintas cadeias semióticas, tais como as biológicas, políticas, culturais, econômicas, artísticas, dentre outras. Produzem seu entendimento através de uma heterogeneidade e assim anuncia seu segundo princípio. O rizoma é dinâmico, arisco e fugaz, de difícil percepção de uma forma única, pois incorpora todas as formas possíveis de sua

existência. São puro deslocamento e fluxo intenso. Não raro as representações visuais dos rizomas são associadas à figura dos neurônios cerebrais ou das raízes de uma árvore, pela sua expressão catártica. No entanto, não é possível estagnar a visualidade dos rizomas com essas figuras. É necessária uma abstração das referências de visualidade para que se ampliem as possibilidades de influência que o entendimento conceitual dos rizomas proporciona.

“um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas”. (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 16).

A multiplicidade está relacionada aos diferentes impulsos que reorientam o fluxo do processo. As diferentes dimensões da colaboração que podem ser percorridas ao longo do processo fornecem diferentes territórios a serem ocupados. Quem designa a ocupação desses territórios é a multiplicidade ou o rizoma das involuntariedades dos sujeitos e das condições ecossistêmicas existentes para a colaboração. Portanto, o múltiplo é abstrato; está vinculado com o que Deleuze e Guattari (1995) denominam de plano de consistência das multiplicidades. Ou seja, esse plano é formado à medida que as conexões com outros territórios crescem. Sendo assim, as multiplicidades caracterizam-se por aquilo que está fora de seu território de referência.

Um processo do tipo rizoma que reconhece os grafos e seus elementos como componentes de uma representação deve priorizar uma leitura visual naquilo que são as conexões ou as linhas. Como não existem pontos ou posições, os grafos ficam representados pela expressão de diferentes tipos de ações. Outros elementos que não as ações podem ser expressos, como os instrumentos de projeto, equipamentos necessários, espaços, dentre outros exemplos. No entanto, deve existir alguma indicação de relação com as ações representadas. Para cada região representada pelas dimensões da colaboração que devem ser desvendadas, os grafos estariam expressos pelas ações ou movimentos que compõem aquela área específica. Essa representação estaria de acordo com o desenho das linhas de fuga, pela qual os rizomas acontecem. A

desterritorialização deve ser levada em conta na leitura desses movimentos ou ações para que não haja a possibilidade de interpretação de uma linearidade do processo.

As linhas de fuga também compõem o que poderia ser um comportamento do rizoma. Garantem que o imprevisível aconteça e que não exista a menor possibilidade da linearidade dos movimentos processuais do acontecimento rizomático. As linhas de fuga são movimentos sensíveis e involuntários. Elas conseguem contribuir para que o rizoma encontre um lugar na composição com outros territórios. As linhas de fuga remetem aos movimentos de transversalidade, e sendo transversais conseguem tecer múltiplas interações e rescindem com o sentido de ordem das coisas; ordem que assume todas as possibilidades de movimentos em sua composição. Sendo assim, as linhas de fuga também conferem um sentido ao processo. À medida que os rizomas se constituem das linhas de fuga, um processo que tenha uma orientação rizomática não pode ser representado por uma imagem estática. O movimento é necessário para sustentar um comportamento essencial não apenas inerente ao rizoma, mas também diante da reflexão sugerida dos sistemas vivos.

O sentido fornecido ao movimento da desterritorialização complementa a processualidade das linhas de fuga dos rizomas. O movimento desejado pelo rizoma é o que foge do curso. É aquele que enxerga em outro território de existência a possibilidade de reterritorializar a si próprio. É na curva do fluxo processual que é possível encontrar um novo rumo de caminho, uma alternativa. Esse novo território de existência está sempre na eminência de surgir. Ele surge a cada instante porque constitui a forma de um rizoma. A noção de território, transposta para a construção de uma representação de processo desta pesquisa, é percebida como as diferentes dimensões da colaboração a serem elaboradas.

O quarto princípio de ruptura deve retomar as contribuições recém-elaboradas do terceiro princípio. Todo o “rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é territorializado, organizado, significado, atribuído” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 17). Entretanto, é necessário que as linhas de desterritorialização existam. Essas linhas, na representação do processo resultante desta pesquisa, poderiam ser aquelas que conectam as ações entre as regiões do processo. Essas linhas indicam a possibilidade de que tudo são caminhos possíveis e conferem imediatamente o padrão de organização em rede. Segundo Deleuze e Guattari (1995), essas linhas são constantemente remetidas umas às outras. Trata-se de um devir-ação de outra região do

processo. É pertinente avaliar o sentido de ruptura quando reconhecido no processo. O caminho sugerido pelo processo encontra sua plenitude de referência quando não eterniza seu fluxo, ou seja, não existem evidências que deixem a possibilidade de um único caminho a ser percorrido no fluxo processual.

O quinto e último princípio do rizoma é o de cartografia. O movimento sugerido pelo rizoma produz o que se pode reconhecer como um mapa. Certamente não aqueles mapas convencionais que determinam uma única leitura e interpretação. O “mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 17). O que os autores deixam claro é que uma das características mais importantes do rizoma é que ele possui diversas entradas possíveis. Os rizomas são impulsivos e reconhecem tal comportamento como componente de sua natureza. Um processo rizoma, portanto, não é dócil.

As regiões do processo que recebem a influência dos movimentos de um rizoma podem ser reconhecidas como diferentes platôs. A palavra platô designa “algo muito especial: uma região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, e se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior” (DELEUZE, GUATTARI, 1995 *apud* Gregory Bateson, p.32). Um platô possui sua autonomia de leitura e compreensão. Qualquer platô é uma entrada possível para desenvolver os desdobramentos processuais sugeridos, evitando qualquer regramento hierárquico. Uma zona de intensidades pressupõe que contempla diferentes condições ecossistêmicas para existir. É interessante perceber que um platô não aponta caminhos únicos de movimento, havendo uma coerência de significado em relação ao rizoma e às linhas de fuga.

Embora os platôs não apresentem uma evidência concreta e definitiva de visualidade, é possível traçar uma relação com o que Capra (2006a) denomina flutuações, e obter algum avanço nessa orientação. A noção de flutuação está relacionada à dinâmica de funcionamento dos sistemas vivos. O sistema encontra-se permanentemente em estado de flutuação. É possível identificar que existem limites que condicionam uma demarcação da zona de intensidades. Essas fronteiras ou bordas precisam ser membranas permeáveis, assim, fornecem as condições necessárias para que as conexões se estabeleçam entre os elementos dos diferentes platôs identificáveis.

Diante dessas reflexões elaboradas até aqui é possível evidenciar alguns princípios importantes. Tais princípios fornecem o suporte para uma prática disciplinar do design. A inter-relação e a interdependência dos fenômenos, o dinamismo dos processos, a interação e a conexão, a não linearidade, a multiplicidade, a ruptura, a cartografia e a auto-organização. Sendo assim, é o conjunto desses princípios que promove a construção da representação de processos de design estratégico.

Através de uma consulta ao site *Systemic Design*, elaborado pelos designers Alice Ninni, Arianna De Paoli e Serena Giulini, ficam claros os aspectos que corroboram a composição de um sistema em que ocorrem processos de design submetidos, até então, a alguns princípios pertinentes. As contribuições do design sistêmico expressam outra parcela de reflexão a um processo que promova a prática da colaboração entre as Casas Colaborativas. As principais operações do sistema elaboradas por esse grupo vinculado à Politécnica de Torino, são as questões relacionadas às relações, identidade e desenvolvimento. Estas três consideradas categorias temáticas que desdobram o conceito. Segundo os autores, o design sistêmico é capaz de conceber as relações existentes entre as pessoas, bens e recursos de um território, com o objetivo de reforçar a identidade e cultura local e produzir o desenvolvimento e bem-estar coletivo. Ainda que esta primeira categoria temática pareça bastante óbvia, porque o sentido das relações está presente a todo instante e não oferece uma qualificação específica que contribua para algum avanço conceitual. Ainda sim, percebe-se que o conceito está parcialmente alinhado ao sentido dos ecossistemas criativos e das Casas Colaborativas.

Quanto às relações, além das questões que demonstram os tipos de interações que podem existir, os componentes das relações podem ser reconhecidos como as ações ou os recursos necessários. A intenção é desenvolver a qualidade do sistema que está sendo criado. A interação entre as pessoas, suas atividades e os recursos sobre o mesmo território deve ser elaborada para que a qualidade do sistema possa existir. Essa interação ocorre através de uma processualidade específica que promove a articulação entre os três elementos referidos. É interessante que essa perspectiva inclui, claramente, aspectos ecossistêmicos. Isto é, o processo não está pautado exclusivamente na interação entre as pessoas. A busca pelo equilíbrio nessas relações deve ser perseguida. Esse equilíbrio é reconhecido no percurso do processo da interação.

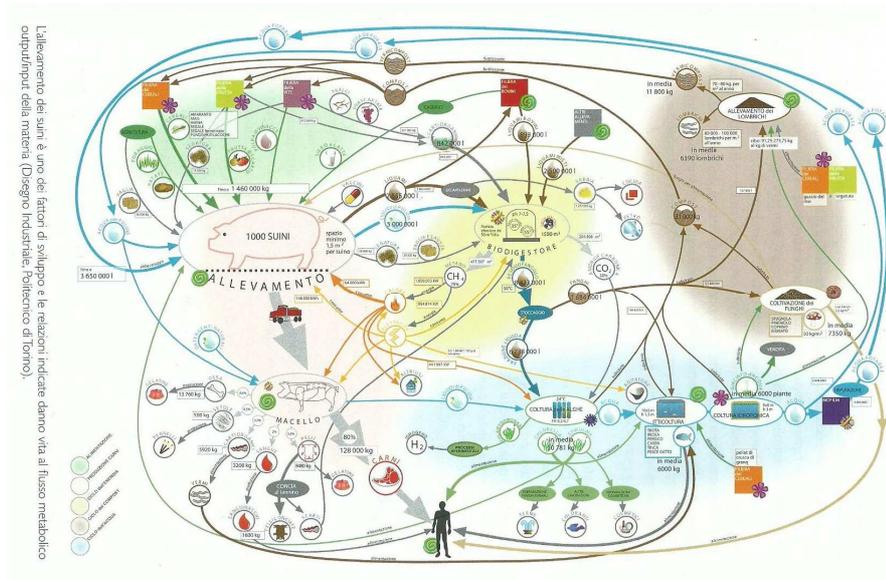
Sobre a identidade, a representação através do design sistêmico deve promover a consciência de uma cultura local. Uma das intenções é reconhecer os comportamentos

que determinam aquele contexto cultural específico. Trata-se de um aspecto bastante sensível, pois as evidências podem não ser tão claras. Os valores e as necessidades específicas também precisam ocupar lugar de destaque na expressão do sistema. O cuidado está em não padronizar e tornar a representação desconectada da realidade sociocultural na qual é inserida. Sendo assim, identifica-se uma dimensão de consciência sobre o sistema em que os processos acontecem.

O desenvolvimento, por fim, ancora seu entendimento na própria dimensão da processualidade existente, na sua construção autopoietica e nos efeitos do desenvolvimento sustentável. A perspectiva do desenvolvimento no sistema precisa estar em processo de autoconstrução permanente. É na ação dos processos que se estabelecem as relações orientadas para um desenvolvimento sustentável. Em consulta ao site para compreender o sentido da construção autopoietica entende-se que o sistema gera para si recursos, conteúdos e significados, em função de uma atualização e desenvolvimento de forma independente. Sendo assim, a adoção de uma abordagem sistêmica promove uma processualidade que reconhece o valor das relações entre os diversos elementos de uma rede e preserva a capacidade de reconstrução constante.

Segundo Bistagnino (2009), o design sistêmico apresenta determinadas capacidades pertinentes na representação de um sistema. Um dos aspectos é a organização de todas as partes internas de um ecossistema para que evoluam de maneira coerente uma com as outras. A necessidade de visualizar o fluxo das relações existentes entre essas partes é fundamental. Outro aspecto é a possibilidade de acompanhar e gerir, nos diferentes momentos dos processos, o diálogo mútuo entre os diferentes atores representados. Essa capacidade habilita a processualidade do design estratégico frente ao sistema representado. O autor ainda diz que as saídas de um sistema devem propiciar a entrada em outro. Neste aspecto, a abordagem do design sistêmico aponta para aquilo que é estrutural. Identifica-se uma contradição quando contrastado com as contribuições deleuzianas, que tanto oferecem caminhos de reflexão para esta pesquisa. Se todas as saídas levam para alguma entrada, descarta-se o sentido da linha de fuga na representação de um processo. Nesse sentido, há a necessidade de reforçar que os processos não sejam lineares e que evidenciem um sistema de múltiplas e imprevisíveis relações.

Figura 05: Desenho do Sistema *Slow Food*



Fonte: BISTAGNINO, 2009, p. 57.

É interessante perceber, através da representação do sistema acima mencionado, as múltiplas relações envolvidas. Trata-se de um sistema que representa o contexto do *slow food* e a produção de alguns alimentos derivados da criação de suínos. Segundo Bistagnino (2009), é possível avançar na proposição que articula diversos sistemas em torno da produção suína. Não apenas a representação dos sistemas, mas os tipos de conexões das entradas e das saídas promovidas entre eles. Os sistemas, tais como a reprodução dos suínos, o abate, a biodigestão, o cultivo de fungos são alguns exemplos possíveis de serem identificados. A legenda das cores das flechas revela os tipos de conexão. É possível identificar alimentação, produção de carne, ciclo de energia, ciclo da água e ciclo do composto. O interessante é perceber que, dependendo do processo de cada sistema, o composto se transforma em alimentação para o outro. Através deste diagrama, fica evidente que não há movimentos de ruptura do processo. A apresentação do diagrama apresenta uma estrutura de leitura, na qual tudo está devidamente

respondendo a uma lógica de estímulo e resposta. Não comporta os movimentos que podem ser gerados através da relação efeito-efeito. Ou seja, não é necessário que a saída de algum processo represente a entrada para outro. Esta possibilidade parece desequilibrar o sistema gerado pelo desenho. Sendo assim, se faz necessário considerar estas ponderações no entendimento da abordagem do design sistêmico.

Por ter sido abordada a questão da representação de processo, cabe alguns apontamentos que elucidam este significado. Segundo Meyer *et al* (2016), a representação associa-se com o desenho daquilo que representa algo real ou imaginário. O autor estabelece uma discussão que procura diferenciar a representação da reprodução. Quando o designer conhece com certo domínio aquilo que vai reproduzir, não há um exercício necessariamente original de desenho. Ou seja, trata-se de desenhar exatamente as mesmas características conhecidas daquilo que se está vendo. Não há muito espaço para imaginação, pois se está diante de um processo de reprodução. Do contrário da representação, que assume o exercício da imaginação para depois representar por meio do desenho.

No entanto, a representação para Deleuze (2000) parece receber uma outra camada de significado. Para o autor, a imagem do pensamento deve ser preservada de qualquer padrão de referência ora conhecido. É “como se o pensamento só pudesse começar, e sempre recomeçar, a pensar ao se libertar da Imagem e dos postulados” (DELEUZE, 2000, p.131). Para aquele que recebe a informação através de um desenho, o desafio parece ser a manutenção da repetição da diferença de significado. Ou seja, o desenho do processo colaborativo deve possibilitar os efeitos de leitura mais imprevisíveis, ao entrar em relação com o leitor. Ainda para o mesmo autor, se a representação é tão criticada em função de algumas operações que cerceiam o pensamento por sua impotência em pensar a diferença e a repetição em si mesmas, cabe revisitar o termo. Assume-se neste sentido, a palavra apresentação de um desenho de processo colaborativo para os desdobramentos dessa pesquisa-ação.

3. MÉTODO

A metodologia escolhida para dar conta desse processo é a pesquisa-ação. Esse tipo de “pesquisa social, com base empírica, é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo” (THIOLLENT, 2011, p.20). Um dos pressupostos para que aconteça a pesquisa-ação é a participação dos atores envolvidos. Também é possível compreender que, através da ação, ocorre a extração de um conhecimento, e, segundo Tripp (2005), não apenas a extração de um conhecimento, mas o seu compartilhamento com os demais sujeitos de interesse na questão. Há a necessidade de a pesquisa-ação tender para aspectos práticos que possam ser absorvidos, criticados, ampliados e difundidos pelos sujeitos práticos. Para Thiollent (2011), são seis aspectos importantes a se considerar para execução dessa abordagem metodológica:

- a) é necessário que exista uma relação muito clara entre o pesquisador e os sujeitos envolvidos na ação;
- b) é a partir dessa interação que ocorre a priorização do que se pretende resolver de forma coletiva;
- c) a situação social é determinante para a definição do objeto de investigação e pelos seus problemas encontrados;
- d) há a necessidade de resolver ou evoluir para uma compreensão frente aos problemas identificados;
- e) o acompanhamento das decisões e das ações deve ser realizado durante o processo;
- f) a intenção da pesquisa-ação é aumentar o conhecimento dos pesquisadores envolvidos ou o “nível de consciência” dos sujeitos do processo.

São de interesse desta pesquisa-ação as contribuições de Freire (2008) a respeito do entendimento de sujeito. O sujeito histórico e crítico é aquele que inspira a processualidade que será investigada através da pesquisa. O sujeito histórico consegue superar a condição de consciência ingênua, construindo em si e com os outros aquela que é uma consciência crítica (FREIRE, 2008). É fundamental que exista espaço para o sujeito aprender pensando; uma compreensão ativa para os problemas enfrentados.

Ainda, “a perspectiva freiriana procura explicitar que não há conhecimento pronto e acabado e estará sempre em construção” (FREIRE, 2008, p. 48). Sendo assim, a rede das Casas Colaborativas é composta por sujeitos que serão mobilizados para esse processo de pesquisa-ação.

As contribuições de Pimenta (2005) a respeito da pesquisa-ação também são importantes nas formulações metodológicas. Para o autor, a pesquisa-ação pode ser percebida como pesquisa-ação colaborativa. Os sujeitos envolvidos em um processo de pesquisa-ação agem conforme o que são e fazem. Isso revela quem são esses sujeitos e é a sua ação no processo. Existe uma diferença que deve ser estabelecida entre a prática e a ação. A prática está conectada ao contexto social e expressa um legado acumulado, sendo próprio das instituições (PIMENTA, 2005). O interessante é que o autor apresenta uma reflexão que posiciona a possibilidade de análise das práticas realizadas em determinado contexto, com o objetivo de transformar as ações. Esse processo denomina-se pesquisa colaborativa. Espera-se, como parte dos resultados da ação colaborativa da presente pesquisa, no âmbito das Casas Colaborativas, a extração de processos que levem ao desenho de um processo de design estratégico. Para tanto, as práticas colaborativas dos sujeitos serão analisadas, visando à transformação de suas ações colaborativas.

Ainda conforme Tripp (2005), a pesquisa-ação deve passar por uma etapa importante de reconhecimento. Nesse momento, o pesquisador elabora uma análise situacional que consiga fornecer uma visão ampla do contexto da pesquisa-ação, das práticas sociais envolvidas, dos sujeitos envolvidos. É necessário o planejamento constante, revisitando os momentos previstos de ação. Potencialmente, poderão ser elaboradas alterações no curso da pesquisa-ação. O autor também recomenda um processo reflexivo sobre o que está sendo percebido. Isso levará à manutenção do processo de planejamento da pesquisa. Por fim, entende-se que a pesquisa-ação realizada é do tipo pesquisa-ação política. Segundo Tripp (2005), as suas principais características são: trabalhar em conjunto com outras pessoas; e o poder de fazer com que as pessoas consigam trabalhar em conjunto.

A partir da estratégia da pesquisa-ação desenvolveu-se um percurso decorrente de ampla atividade comunitária, desenho e apresentação do processo. Para cada um desses momentos elaborou-se o devido detalhamento explicativo.

A presente pesquisa iniciou mediante elaboração de quatro seminários, nos quais foram discutidas questões essenciais decorrentes do objetivo geral aqui proposto. Para Thiollent (2011), nos seminários são debatidas, examinadas e tomadas as decisões sobre o processo de investigação. Cabe elucidar o caráter processual em que esta pesquisa configura suas ações. Portanto, a prática dialógica, elaborada através das contribuições de Zurlo (2010) acerca do *design* estratégico, foi considerada na execução desses momentos.

Um aspecto pertinente de registrar são as delimitações da pesquisa para que não haja dúvidas sobre o processo de projeto escolhido. Frente a uma perspectiva ecossistêmica, na qual esta pesquisa se insere, os limites se fazem necessários, pois os processos tendem a ser bastante fugidios. Essa pesquisa é desenvolvida junto ao grupo de participantes que já estão mantendo uma prática regular de encontros mensais. Esse grupo nem sempre é composto pelas mesmas pessoas, pois é um grupo aberto que representa a rede das Casas Colaborativas nos momentos dos seminários.

Está sendo considerada a realização de encontros preparatórios aos momentos do seminário. Tais encontros são momentos abertos para todos os que estiverem interessados em preparar o seminário. Neles são discutidos os objetivos específicos de cada seminário nessas situações preparatórias coletivas, levando em conta todas as contribuições compartilhadas por meios eletrônicos daqueles que não puderem comparecer ao encontro.

Esses encontros preparatórios são uma prática sugerida para que não haja uma confusão no momento dos seminários, tanto de facilitação das dinâmicas quanto referente aos conteúdos abordados. Segundo Sanders e Stappers (2008), o papel do pesquisador em um processo de codesign é desenvolver a facilitação na articulação das múltiplas formas de expressão da criatividade. Sendo assim, na condução do processo é fundamental a percepção de incluir a todos, em função de suas devidas contribuições.

Como unidade de análise é utilizado um Diário do pesquisador e todos os materiais de registro decorrentes do seminário. No Diário, são feitas diferentes anotações, frases de interesse que evidenciam situações passíveis de registro: aspectos do processo, das relações, dos conteúdos expostos pelas pessoas, daquilo que decorre da interação do momento. Portanto, essas frases e anotações são consideradas. Já, os materiais de registro estão sendo armazenados em arquivos digitais. Eles representam exatamente o conteúdo que foi construído de forma colaborativa. Em função do uso de

post-it ou algum outro recurso gráfico, esses materiais de registro têm a transcrição do seu conteúdo em arquivos digitais. A cada seminário, o pesquisador assume a tarefa de transcrever esses registros e disponibilizá-los em uma pasta aberta no Google Docs. Essa pasta aberta funciona através de compartilhamento por e-mail para todos que tiverem interesse. Além disso, são realizadas diferentes fotografias dos painéis ou cartazes construídos, do ambiente e da interação entre as pessoas.

De posse das anotações no Diário e dos materiais de registro parte-se, então, para a análise de conteúdo. Segundo Bardin (2011, p.15), “a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplica a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. A análise de conteúdo permite ao pesquisador adotar uma forma técnica de compreender o que é dito a partir do diálogo entre os sujeitos. Para Bardin (2006), é possível identificar três etapas que fazem parte do processo da análise de conteúdo: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A primeira etapa é dedicada à organização do material a ser analisado. Faz parte desse momento, o processo de releitura das anotações, das frases no Diário do pesquisador. Após, elabora-se uma seleção dos trechos mais representativos e pertinentes identificados. Os materiais resultantes dos seminários também devem ser selecionados, frente à diversidade de informações registradas. São arquivos de texto nos quais devem ser escolhidas as frases de interesse. Nesse momento há o interesse de examinar as evidências imagéticas que apresentam outras informações complementares ao documento escrito. Portanto, as imagens também devem sofrer uma escolha seletiva como unidade de análise. À medida que esses materiais forem lidos e selecionados elaboram-se as extrações dos processos identificados.

Na segunda etapa, já devem existir condições para exploração do material. É nesse momento que são extraídos, com mais clareza, os processos de interesse. Tais processos representam os desdobramentos para a geração da colaboração vivenciados pelos sujeitos. Esses processos podem ser categorizados em temas diferentes ou segmentos de conteúdo, ou seja, é necessário atentar para que exista uma clareza na diferença dos temas elaborados para os processos. Na terceira etapa, o momento é de ampliação da crítica do que foi concebido na segunda etapa. Trata-se de refletir e inferir sobre a extração dos processos. Concluída essa etapa, haverá uma identificação dos diferentes conceitos envolvidos em torno do processo da colaboração.

Para desenvolver essa construção da análise cabe o compartilhamento dos critérios a serem adotados, desenvolvidos conforme os objetivos desta pesquisa:

Quadro 1 – Critérios de análise

Critério	Descrição
Sujeitos	<ul style="list-style-type: none"> • Intersubjetivação envolvida no processo • Desterritorialização • Agenciamentos
Colaboração	<ul style="list-style-type: none"> • Capacidade de trabalhar em conjunto • Relação dialógica existente • Espaço do dissenso e das ideias e opiniões diferentes • Engajamento • Auto-organização
Ecossistema Criativo	<ul style="list-style-type: none"> • Elementos relacionados com a comunicação entre os sujeitos (grupo de e-mails, grupo no Facebook) • Ferramentas de projeto utilizadas • Infraestrutura física (objetos e mobiliários diversos)

A escolha desses critérios está intimamente relacionada à experiência desenvolvida de projeto colaborativo. Através de uma orientação do design estratégico é possível reconhecer uma processualidade geradora de diferentes efeitos de sentido. Para Zurlo (2010), tais efeitos devem levar em conta diferentes perspectivas de contribuição das pessoas e a capacidade de realizar a mediação desses pontos de vista. Igualmente, o design estratégico inclui a perspectiva ecossistêmica na geração de seus efeitos de sentido. Ao relacionar esses aspectos ao projeto colaborativo desta pesquisa,

a partir dos critérios elaborados para observação e análise, pretende-se reconhecer os efeitos gerados na intersubjetivação (sujeitos), na capacidade de trabalhar em conjunto (colaboração) e no reconhecimento dos elementos ecossistêmicos envolvidos (ecossistema criativo).

Em relação ao critério “sujeitos”, a intersubjetivação é analisada através do sentido que os sujeitos atribuem aos diferentes aspectos e dimensões da colaboração. A colaboração pode ganhar desdobramentos através de outros territórios existenciais. Esses desdobramentos precisam ser traduzidos e evidenciados. Os sujeitos constroem a sua subjetividade através das múltiplas relações que estabelecem. O critério de análise que leva em conta a interação dos sujeitos orienta um exercício de sensibilidade para perceber e interpretar o modo com que os sujeitos constroem as suas percepções a respeito da colaboração.

Em relação ao critério “colaboração” analisa-se a forma com que os sujeitos trabalham em conjunto. Que tipo de relações é possível identificar a partir dessa processualidade. A existência do diálogo entre os sujeitos deve permitir a compreensão de como essas relações se compõem. No projeto colaborativo todos precisam ser escutados e suas ideias levadas em consideração. É na ação do projeto colaborativo orientado pelo design estratégico que essas relações devem ser configuradas, produzindo o desvendamento do que leva à existência de cada relação ou, até mesmo, a ausência de algumas dessas relações previstas.

A análise da questão do engajamento é realizada através das evidências que sustentam o processo colaborativo. A sustentação compreende todos os aspectos que promovem o trabalho conjunto em todas as suas dimensões desvendadas, seja através do uso de instrumentos, de tecnologia, dos espaços, dos elementos da natureza e outros elementos que podem ser mais bem compreendidos ao longo do processo.

Em relação ao critério “ecossistema criativo”, a análise é em função dos elementos percebidos. O uso de uma folha de papel pardo, um quadro branco ou uma parede de desenhar, uma janela com vidros, projetor, televisão ou computadores, e ainda software específicos, ferramentas digitais podem compor esses elementos do sistema. O próprio ambiente físico das Casas Colaborativas, com toda sua formatação de ambiente e mobiliário também podem ser elementos pertinentes. O contato com a natureza, através de diversas possibilidades de proximidade, pode representar um

elemento desse sistema. Não somente a sua identificação, mas a relação que existe entre esses elementos é analisada para o entendimento de como se colabora.

Os seminários continuaram acontecendo mensalmente ao longo do ano de 2016. A participação do pesquisador em todos os seminários realizados ao longo do ano enriqueceu os objetivos desta pesquisa. À medida que a colaboração com o grupo de sujeitos na processualidade decorrente acontecia, houve uma evolução na apresentação do desenho do processo. Logo, ao serem analisados os seminários, foram identificados aqueles sujeitos que mais se destacaram na colaboração do processo, que manifestaram sensibilidade diferenciada em relação ao processo, com alguma crítica construtiva ou que fizeram observações pertinentes referentes ao processo vivenciado. Além desses sujeitos identificados, diretamente vinculados às Casas Colaborativas, foi de interesse do pesquisador a escolha de duas pessoas que não estavam vinculadas diretamente às Casas Colaborativas. Ambas possuem uma produção artística abrangendo diferentes expressões visuais. Essas duas pessoas também não estavam diretamente vinculados à área do design, pois a primeira pessoa atuava na área da educação e das artes, e a outra, na área da psicologia. Outro aspecto que motivou a escolha de ambos é a sua intensa relação com a produção de conhecimento, articulando conceitos da filosofia da diferença. É notória a importância atribuída nesta pesquisa a esse campo da filosofia, na articulação das questões com o design estratégico. Entendeu-se que as suas contribuições com a presente pesquisa potencializariam os efeitos na construção do desenho do processo colaborativo. Foram procurados perfis semelhantes junto à rede das Casas Colaborativas, no entanto não foram encontrados potenciais candidatos que pudessem substituir os escolhidos. Cabe ainda salientar a proximidade afetiva do pesquisador com ambos os escolhidos, o que intensificou as trocas propiciadas ao longo do processo.

Sendo assim, através dos seminários mensais com a rede das Casas Colaborativas foi desenhado um Kit para colaboração. Esse material foi entregue posteriormente ao grupo de sujeitos escolhidos para colaborar na construção do desenho do processo colaborativo. O Kit para colaboração era composto por uma série de esboços de desenhos elaborados pelo pesquisador, os quais apontavam o início da construção do desenho de um processo colaborativo. Havia interesse em reconhecer o que compõe a processualidade da intersubjetivação, pois a diferença entre os sujeitos deve enriquecer o processo de pesquisa. Para Deleuze (2000), a questão da experimentação ocorre no

momento do encontro, em que é reconhecida a necessidade da paixão de pensar. O pensamento é reflexivo em sua ação criativa. Essa forma de pesquisar na diferença acolhe todos os desdobramentos processuais ecossistêmicos. Sendo assim, o grupo seletivo produziu seus entendimentos a respeito do Kit para colaboração e devolveu para o pesquisador.

Por fim, a formalização do desenho do processo aconteceu após o processamento das contribuições dos participantes que receberam o Kit. Diante da aplicação das capacidades do design estratégico, o processo de pesquisa culminou no desenho do processo que expressava como gerar colaboração no âmbito das Casas Colaborativas. Esse processo necessariamente precisava ser animado, utilizando-se um efeito que apresentasse movimento. Portanto, adotou-se a técnica do *flipbook* ou da elaboração de um livreto gráfico animado, que materializasse o processo colaborativo. Essa técnica foi escolhida pela sua possibilidade de demonstração de um desenho com movimento.

3.1 O PROJETO DA REDE DE CASAS COLABORATIVAS DE PORTO ALEGRE

Nesta pesquisa-ação trabalhou-se com as Casas Colaborativas de Porto Alegre, as quais se organizam em rede. Os motivos para a escolha da rede das Casas Colaborativas como objeto desta pesquisa passaram por questões de interesse acadêmico e proximidade com o tema. O autor desta pesquisa possui estreita relação com esse contexto, pois colaborou para a construção de uma das primeiras Casas Colaborativas da cidade de Porto Alegre, e, além disso, é integrante e mobilizador da rede desde seus primeiros encontros de reconhecimento das Casas Colaborativas. Sem dúvida, há uma proximidade evidente junto aos sujeitos envolvidos na ação. Logo, a proposição de uma pesquisa-ação junto a essa rede decorreu dos interesses e motivações particulares do pesquisador em conectar o processo de investigação do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Design Estratégico da Unisinos com sua atuação política recorrente no contexto das Casas Colaborativas.

As Casas Colaborativas começaram a realizar encontros, de maneira informal, a partir da metade do ano de 2015. É possível encontrar uma proximidade entre algumas pessoas que integram diferentes Casas Colaborativas. Em função disso, identificou-se uma vontade espontânea por parte dos fundadores de algumas Casas Colaborativas de realizar com mais frequência encontros entre as Casas. A intenção inicial era a de

compartilhar oportunidades de realização de projetos em conjunto, e também a de encontrar um espaço de troca de informações sobre as necessidades e problemas que as Casas poderiam ter em comum. Esses encontros aconteceram em restaurantes, em bares da cidade e nas próprias Casas Colaborativas. Um momento relevante ocorrido foi a visita guiada nas Casas Colaborativas em agosto de 2015. Organizou-se um momento, no qual as Casas Colaborativas reconhecidas como TransLAB, Acervo Independente, Vila Flores, Nimbus, La Casa de Pandora, CC100 e Aldeia, fizeram, durante um dia, uma visita mútua.

Com o passar do tempo, houve a necessidade de que os encontros passassem a ser mais recorrentes. Sendo assim, o combinado passou a ser de encontros mensais, tendo a última quarta-feira do mês como o dia acordado. Os demais encontros, ao longo de 2015, passaram a ocorrer nas diferentes Casas Colaborativas. O interessante foi reconhecer que os encontros revelavam a cada momento novas Casas Colaborativas em relação aos momentos anteriores. Mas não havia ainda uma estrutura definida para o encontro que favorecesse a colaboração. De maneira repetida, o formato de encontro acontecia sem que houvesse uma percepção de evolução na construção de algo em conjunto. Portanto, os encontros passaram a ganhar formalidade. Nessa transição, a presente pesquisa-ação foi anunciada aos participantes envolvidos e acolhida por todos. Esse anúncio aconteceu em um dos encontros mensais de forma explícita e simultânea para todos os participantes daquele acontecimento.

Sendo assim, a unidade de análise desta pesquisa é uma experiência de projeto colaborativo em curso. O problema evidenciou-se a partir do instante em que não havia um entendimento comum em como colaborar para gerar colaboração no contexto das Casas Colaborativas. A pesquisa-ação, como método, encontrou espaço de atuação diante dessa situação. Como uma forma propositiva de atuação metodológica, o pesquisador assumiu e inseriu o design estratégico. A articulação de uma prática dialógica complexa entre diferentes atores é absolutamente bem recebida nesse contexto. Conforme Zurlo (2010), é possível afirmar que o design estratégico, nesse contexto, favorece a identificação das reivindicações tácitas dos sujeitos, ou seja, o que não é dito ou expresso. Dessa maneira, abre-se uma oportunidade para criar a inovação, da mesma forma que o design estratégico favorece a visualização das novas ideias em diferentes níveis de abstração (ZURLO, 2010).

Os participantes deste projeto colaborativo são as Casas Colaborativas denominadas TransLAB, Vila Flores, Acervo Independente, Paralelo Vivo, ZAC, Aldeia, Galpão Makers, Setor de Projetos, SeedingLAB, Marquise 51 e CC100. Justamente por apresentarem uma configuração de rede, há uma contínua alteração no reconhecimento destas Casas Colaborativas, ou seja, ao longo do processo do projeto, algumas Casas deixaram de existir, e tantas outras agregaram-se à rede. Em vários momentos descobria-se a existência de novas Casas Colaborativas que participaram do processo de projeto. Também identificou-se o movimento daquelas Casas Colaborativas que passaram a não se identificar mais como uma Casa Colaborativa. Estas também deixam o processo de projeto. Portanto, esses movimentos fizeram parte do processo. A seguir, apresenta-se a prática metodológica com o desdobramento efetivo para a construção da presente pesquisa.

3.2 PRÁTICA METODOLÓGICA

Em função dos encontros mensais entre as Casas Colaborativas havia uma prática de encontros recorrente que estava sendo estabelecida. Todos os participantes identificaram a necessidade de pensar a respeito das diferentes maneiras pelas quais o grupo poderia permanecer em contato depois dos momentos dos encontros presenciais. Sendo assim, um participante tomou a iniciativa de criar um grupo de e-mails. O grupo de pessoas passou a ser convocado através dessa ferramenta na qual todas as pessoas que estavam frequentando os momentos foram incluídas. Quase simultaneamente, outro participante criou um grupo aberto na rede social Facebook, no qual os convites para os encontros presenciais também eram realizados. Além desses meios, a mobilização encontrava espaço mediante articulação pessoal e voluntária de cada sujeito do processo. Por vários momentos realizei aproximações com diferentes pessoas, seja por e-mail ou rede social, para reforçar convites para os encontros. O mesmo movimento foi realizado por algumas outras pessoas que telefonavam ou mandavam mensagens via redes sociais para as pessoas frequentarem os encontros. Em determinado instante houve uma combinação de quem iria falar com determinadas pessoas para garantir um convite mais próximo. Portanto, grupo de e-mails e o próprio Facebook representaram elementos ecossistêmicos que fizeram parte da dinâmica da colaboração.

No seminário realizado em janeiro de 2016, o encontro propiciou um breve exercício de compartilhamento dos motivos — a decisão pessoal — de os sujeitos estarem ali, naquele instante, momento denominado *check-in* pelo grupo. Com o uso dessa ferramenta todos os presentes foram convidados a se manifestar. Tal ferramenta também foi considerada outro elemento ecossistêmico envolvido. Talvez seja o único momento do encontro, no qual não há espaço para que alguém não se posicione perante o grupo, o que constrói um ambiente de expressão e escuta. Mesmo aqueles que comparecem sem compreender os motivos que os levaram até o encontro, são estimulados a dizer algo. O uso dessa ferramenta oportunizou que o processo de interação acontecesse e enalteceu a voz dos sujeitos que conduzem os desdobramentos do seminário.

Figura 06: Momento do *check-in* no Paralelo Vivo



Fonte: Foto do autor

Motivado pela necessidade do coletivo de uma percepção mais clara de evolução do diálogo, propus, nesse mesmo momento proporcionado pelo *check-in*, que as pessoas que fossem frequentando aos Seminários não recebessem um as informações sobre os assuntos discutidos anteriormente, para que o processo evoluísse sem a necessidade de parar e dedicar um tempo à atualização dos assuntos passados. Portanto, as pessoas que estivessem frequentando pela primeira vez deveriam se inteirar dos

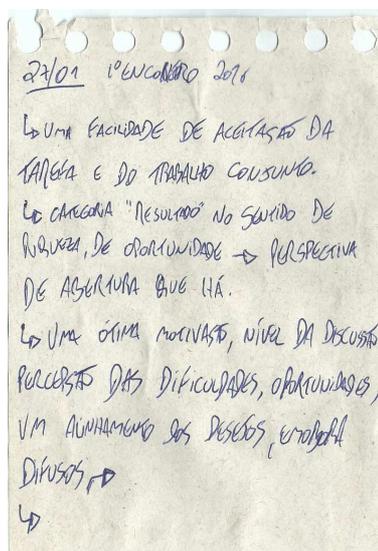
assuntos passados conversando com as demais pessoas ou acessando os registros do coletivo em uma pasta aberta de Google Docs. Esse combinado foi aceito pelo coletivo e reforcei, durante outros Seminários, a mesma combinação. A discussão dos objetivos pretendidos pelo grupo através do curso da pesquisa-ação evidenciou três aspectos de vontades e interesse. O primeiro diz respeito à perspectiva nomeada pelo coletivo de individual, na qual se compartilham os objetivos e os motivadores de ordem particular dos sujeitos. Sem dúvida, há uma pluralidade demarcada pelas diferentes expressões de linguagem. O segundo diz respeito à questão também nomeada pelo coletivo como organizacional, ou seja, a perspectiva de cada Casa Colaborativa presente no processo. Já, o terceiro, são os objetivos que estariam vinculados à rede das Casas Colaborativas. Nota-se que há uma sobreposição de objetivos, interesses e motivações, em uma aparente relação da abertura dos sujeitos em relação ao processo colaborativo. É neste campo fértil de possibilidades de trabalho conjunto que a vontade de reconhecer a potência da diferença impulsiona os sujeitos a interagirem.

Tanto o encontro preparatório quanto o seminário foram realizados na Casa Colaborativa Paralelo Vivo. A alternância dos espaços das Casas para os encontros mensais ao longo do processo desta pesquisa foi um dos comportamentos percebido. A disponibilização do espaço realizada de forma voluntária pelas pessoas demonstrou uma das manifestações de auto-organização existente. É um gesto de hospitalidade perante aos demais. A itinerância ajudou a compor novos reconhecimentos de sujeitos e espaços e contribuiu para que a intersubjetivação potencializasse as relações. Por outro lado, a própria estrutura física das Casas Colaborativas operou como elemento ecossistêmico.

O levantamento das necessidades ou dos problemas enfrentados dentro de cada Casa Colaborativa encorajou os sujeitos a colaborarem. Com tantos interesses difusos que existiam, o encontro era desejado com um dos aspectos possíveis de convergências. Ainda que as necessidades possam gerar diferentes significados, a questão do engajamento, gestão, sustentabilidade financeira e infraestrutura representaram algumas oportunidades de colaboração entre os sujeitos. O engajamento era bastante confundido pelo grupo de participantes com aspectos de comunicação, e, às vezes, resumia-se à ativação dos canais onde havia comunicação entre a rede. Ou seja, se as pessoas não respondiam aos convites nos e-mails ou nas mensagens do Facebook, esse fato rapidamente era considerado por mais de um participante que não estava

acontecendo o engajamento. Entretanto, notava-se que havia uma lacuna de percepção de outro sentido que a palavra engajamento poderia obter. Assim, foram percebidas as primeiras evidências quanto ao desalinhamento de linguagem através do uso de algumas palavras. O engajamento, muito antes do que significar aspectos de comunicação, dizia respeito ao que motivava os sujeitos a enfrentarem um processo colaborativo. E o que poderia determinar a existência de engajamento em um processo colaborativo era a multiplicidade. Assim, a composição com outros territórios existenciais retomou a dimensão do desejo que também integrou esses motivadores que estavam sendo explorados.

Figura 07: Primeiros registros do Diário

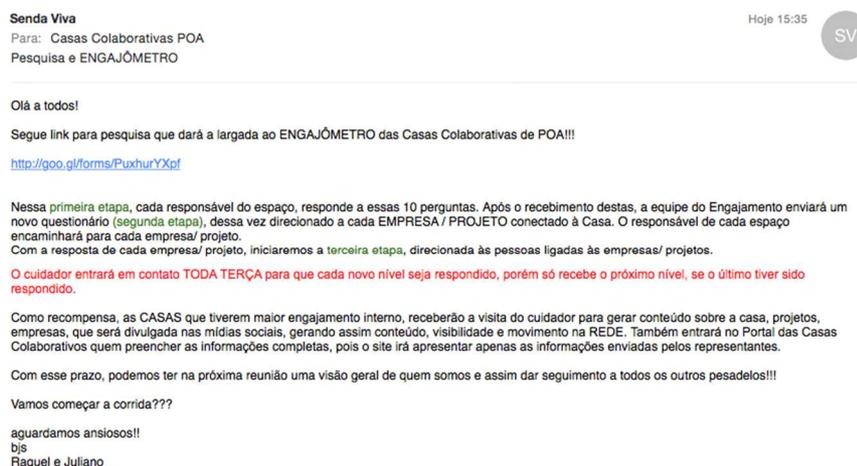


Fonte: Foto do autor

Tais anotações evidenciam esses primeiros entendimentos a respeito do significado de engajamento. A questão da abertura, já identificada nos primeiros apontamentos, abriu um espaço de discussão significativo que aconteceu em diferentes momentos da pesquisa. A mesma abertura passou a ser compreendida como uma condição da multiplicidade que existia. Ainda no que diz respeito ao engajamento, há uma necessidade de reconhecimento das capacidades produtivas de cada um, ou seja, as pessoas pouco sabiam em que cada uma delas trabalhava, suas habilidades e seus conhecimentos. Portanto, o engajamento associa-se diretamente com aquilo que representa a possibilidade de um trabalho conjunto. A vontade de colaborar precisava

encontrar evidências mais claras de quem seriam esses sujeitos disponíveis para o trabalho conjunto. Diante dessa inquietação, o grupo de participantes dizia constantemente que não havia um reconhecimento de quem eram as Casas Colaborativas envolvidas. Então, dois sujeitos da Casa Colaborativa Paralelo Vivo sugeriram a elaboração de uma ferramenta que ajudasse a conhecer melhor as Casas. O desenvolvimento de um mapeamento auto-organizado denominado “Engajômetro” foi uma tentativa para elaborar essas questões.

Figura 08: E-mail de convocatória inicial para o Engajômetro



Fonte: Foto do autor

O processo desse mapeamento levou em consideração diferentes etapas, que culmina no reconhecimento específico das pessoas vinculadas a cada uma das Casas Colaborativas. Nas primeiras etapas, as informações mais genéricas tiveram espaço de reconhecimento. A localização da Casa, ano de fundação e áreas de interesse representam alguns dos aspectos levantados. Estas informações foram levantadas através de um formulário digital, conforme a Figura 09 demonstra. Quanto mais detalhadas as informações foram sendo solicitadas, menos engajamento existia. Ou seja, há uma evidência de desalinhamento de percepção de valor nesse tipo de processo que merecia ser melhor trabalhada no coletivo.

Figura 09: Tela inicial do Engajômetro

The screenshot displays a mobile application interface for 'Engajamento - ETAPA 1'. At the top, there is a navigation bar with a back arrow, the title 'Engajamento - ETAPA 1', and icons for settings, eye, and a gear. A 'ENVIAR' button is located in the top right corner. Below the navigation bar, a progress indicator shows 'PERGUNTAS' and 'RESPOSTAS 18'. The main content area features a title '1. Perguntas Nível Básico: Casas Colaborativas' and a welcome message: 'Bem vindos ao ENGAJÔMETRO!!'. A detailed instruction follows: 'Este é o primeiro nível de informações relativas ao Engajamento da Rede das Casas Colaborativas de Porto Alegre. Ao responder essa pesquisa, sua Casa estará apta a receber o próximo nível de perguntas, que será encaminhada a cada empresa/ projeto conectado ao espaço.' The form includes a text input field for 'Nome do Espaço Colaborativo' with a red asterisk, a 'Texto de resposta curta' field, and a checkbox for 'Possui site?' with a red asterisk. A vertical toolbar on the right side contains icons for adding, deleting, and other actions.

Fonte: Foto do autor

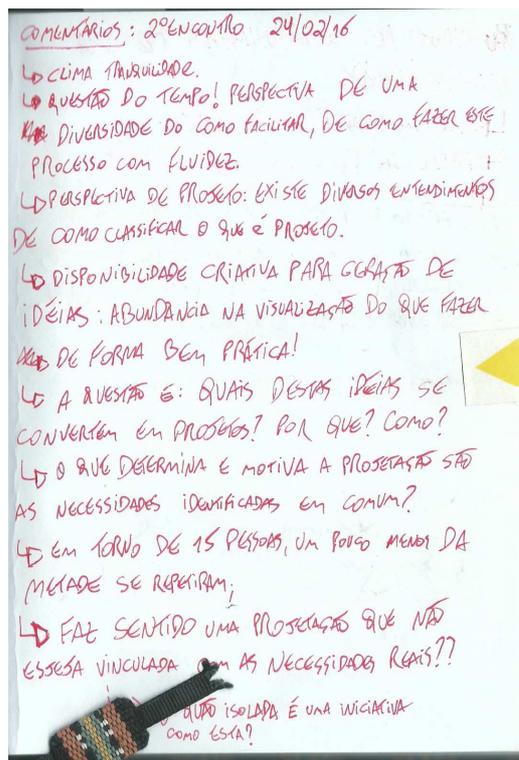
Os aspectos de gestão podem ganhar diferentes sentidos. A palavra gestão está associada com aquilo que organiza ou que é passível de ser gerenciado. Também pode ser reconhecida como uma atividade de controle. As Casas Colaborativas lidam constantemente com uma gestão orientada pela instabilidade dos processos. Por serem um tipo de organização que habilita uma gestão colaborativa por diferentes sujeitos, há uma dinamicidade atrelada a esse processo. Essa prática que parecia emergir entre todos nós, sugere o compartilhamento das diferentes formas que são realizadas. Cada Casa

consegue desenvolver de um jeito muito específico e não há um padrão de repetição. Portanto, o compartilhamento de saberes que existe entre as Casas é rico de novos significados.

A questão da sustentabilidade financeira foi outro aspecto recorrente de entendimento entre as Casas Colaborativas. Vislumbrava-se muita vontade de realização de projetos, porém com baixa capacidade de remuneração financeira. Quanto à questão da infraestrutura havia uma disponibilidade de compartilhamento de serviços e objetos que pudessem ajudar as diferentes necessidades de cada Casa. Identificou-se um cuidado expresso na manutenção da existência das Casas Colaborativas enquanto espaços físicos. A própria estrutura da casa representa uma oportunidade de projeção colaborativa. Os sujeitos retomavam no discurso a vontade de fazer, que precisava ser refletida na capacidade de trabalho ou de criação conjunta. Havia uma abertura no coletivo para receber o trabalho conjunto, o que instigava a permanência da colaboração.

O seminário realizado no mês de fevereiro 2016 foi na Casa Colaborativa TransLAB, quando foram discutidas questões inerentes aos projetos das Casas Colaborativas. Os sujeitos tiveram a oportunidade de compartilhar os projetos que trabalhavam dentro de cada Casa Colaborativa. Identificou-se a necessidade de retomar aquelas temáticas que representavam os principais problemas em comum entre as Casas Colaborativas. Parecia que esse aspecto gerava uma vontade comum para projeção de soluções. Sendo assim, a colaboração poderia passar a acontecer. Conforme pode ser observado na Figura 10, fiz anotações que geraram essa reflexão. Em pequenos grupos, divididos ao acaso, os participantes deram início a um processo de cocriação de possíveis soluções. Foi uma dinâmica semelhante ao *brainstorming*, mas a cada intervalo de tempo era solicitado que as ideias escritas no papel fossem entregues ao grupo ao lado para que este desse continuidade à criação. O seminário vislumbrou, como encaminhamento, a necessidade de que ao menos um representante assumisse a liderança de cada problema, voluntariamente.

Figura 10: Anotações sobre as motivações da projeção



Fonte: Foto do autor

No percurso desta pesquisa houve a tentativa de inserir um verbete na Wikipedia com o conceito de Casas Colaborativas. Como mais um elemento ecossistêmico, o site Wikipedia deveria habilitar que a conceituação do que seria uma Casa Colaborativa fosse elaborada em rede. Alguns sujeitos manifestaram interesse em iniciar a construção do texto. Tomei a iniciativa de começar o processo de escrita, mas não pretendia elaborá-la individualmente. O exercício de construção e formalização de uma identidade parece reforçar a vontade de colaborar. Ainda que o site não permitisse a publicação do conceito, por considerar o conteúdo carente de evidências concretas, houve movimentos simbólicos no desvendamento da colaboração. A todo instante os interesses pessoais se confundiam com os interesses do coletivo. Aqueles sujeitos que tomaram a iniciativa de trabalhar em conjunto nessa tarefa tinham interesses diretos na construção. Por mais que o processo de escrita estivesse aberto para qualquer sujeito em uma ferramenta digital de trabalho simultâneo do Google Docs, foram aqueles que estavam abertos para esse processo que efetivamente trabalharam. Abertura e trabalho relacionam-se através daquilo que é de interesse comum, particular e do coletivo. No entanto, o entendimento de abertura também é voltado para que diferentes pessoas, fora do contexto das Casas Colaborativas, se aproximem das construções do coletivo.

Ainda que esse coletivo tenha diferentes expressões relativas aos sujeitos que vivem o contexto das Casas Colaborativas, houve uma abertura para a integração de tantos outros diferentes. Eram claramente reconhecidos os momentos, nos quais potenciais fundadores de Casas Colaborativas se aproximavam do coletivo. Em quase todos os encontros mensais que ocorreram identifiquei a presença de pessoas que não estavam vinculadas diretamente a alguma Casa Colaborativa. Havia o interesse em compartilhar saberes entre todos os participantes porque a semente das Casas Colaborativas ainda estava em desenvolvimento para sua evidência. Sendo assim, encontrava-se uma camada distinta nos processos de intersubjetivação. Participantes integrados ao contexto das Casas e pessoas que se aproximaram para conhecer o funcionamento delas. À medida que o coletivo avançava na construção de um entendimento de como se colabora, apareciam indicações de pessoas que poderiam contribuir de alguma maneira para tal entendimento. Com isso, foi possível evidenciar a perspectiva ecossistêmica acontecendo. O processo colaborativo é bastante dinâmico e a configuração do coletivo de participantes atendeu a essa característica. A questão da auto-organização foi identificada porque, mesmo com a entrada de novas pessoas para compor o processo colaborativo, a rede das Casas Colaborativas conseguiu incorporar a presença e as contribuições dessas pessoas, sem que isso prejudicasse o fluxo das relações existentes.

Para que a colaboração existisse houve a necessidade de identificar quais seriam os princípios a partir dos quais os sujeitos operavam o processo colaborativo. Tais princípios não atendiam apenas a relação entre os participantes vinculados às Casas e às pessoas que se aproximavam. Sendo assim, retomaram-se princípios importantes que ajudaram a conhecer o modo de colaborar no sentido de gerar colaboração: a interdependência, o dinamismo do processo, a interação constante e a conexão entre os sujeitos, a não linearidade de entendimento dos processos colaborativos, o reconhecimento sensível das multiplicidades existentes, o convite para auto-organização e a ruptura iminente dos diversos fluxos de criação. Os diferentes elementos ecossistêmicos identificados ao longo do processo, tais como os próprios participantes, as diferentes ferramentas de codesign utilizadas, os diferentes elementos de infraestrutura física das Casas Colaborativas e as ferramentas digitais de comunicação compuseram um processo de interação constante. Foi possível reconhecer a influência que os elementos exercem uns sobre os outros. Uma ferramenta digital de

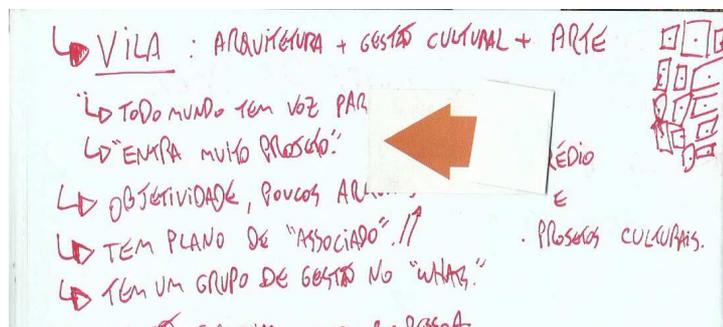
Google Docs que foi bastante utilizada ao longo do processo como dispositivo de compartilhamento de arquivos entre os participantes, apresentou a oportunidade real de cocriação assíncrona entre os sujeitos. Os mesmos sujeitos que encontraram abertura para trabalhar conjuntamente através do uso dessa ferramenta acessaram outro nível de proximidade entre eles. O princípio da interdependência ficou explícito nessa rede de relações descrita. Talvez não tenha havido uma consciência do sentido de interdependência na ação do processo, entretanto, o exercício de reflexão de tais princípios na descrição da processualidade explicitou esse sentido. Ou seja, a aceitação, a consideração e o respeito pelo outro foram reconhecidas, não havendo nenhum registro de evidências que impossibilitasse essas sensações. Houve diversos momentos de dissenso entre as ideias e isso demonstrou desdobramentos de sentido para tais sensações.

Se a conexão entre os sujeitos ocorreu, em diversos momentos, através da existência e da interdependência mediante outros elementos ecossistêmicos, a conexão representou algum tipo de relação. O significado de colaborar é trabalhar ou criar conjuntamente, portanto, já era possível identificar um tipo de relação pautada no trabalho ou na criação. Retomam-se, aqui, as anotações compartilhadas do Diário na Figura 07, que apontam a facilidade na aceitação do trabalho conjunto. O dinamismo do processo fez parte de toda a construção junto com a rede das Casas Colaborativas. Identifiquei algumas camadas de entendimento quanto a esse princípio. O dinamismo de fechamento, inauguração e desvinculação de Casas Colaborativas durante o processo ficou evidente. Acompanhou esse movimento o fluxo de pessoas constantemente renovado. Nunca houve a mesma configuração de pessoas nos encontros mensais e o grupo na rede social do Facebook crescia, em número de participantes, de maneira descontrolada. Outra camada ainda desse dinamismo foram os diferentes rumos de projeção que ocorreram. Os encontros preparatórios para os Seminários buscavam a elaboração do processo colaborativo que estava em curso. Consegui compartilhar as intenções de trabalho logo no início dos Seminários, mas isso não representava uma prática de disciplina rígida. Foram muitas as intervenções dos sujeitos que reconduziam os rumos do processo. Aquilo que estava previsto para ser trabalhado em conjunto em alguns Seminários acabava se alterando por vontades que emergiam durante o acontecimento. Imediatamente, o coletivo não se deixava desorientar. A auto-organização do processo colaborativo era um compromisso de todos participáramos.

Tal movimento foi praticado de forma quase imperceptível porque a construção ganhava potência à medida que evoluíam as interações. Portanto, o princípio da auto-organização apoia a não linearidade decorrente do processo colaborativo.

A intersubjetivação inerente à processualidade do projeto colaborativo vivido apontou para a formação de uma identidade das Casas Colaborativas. A prática do Engajômetro foi uma demonstração disso. Da mesma forma, a diversidade de pessoas que participaram do processo reforçou o sentido de pertencimento ao que já vinha sendo elaborado por todos, ou seja, as pessoas já estavam envolvidas com muitos projetos colaborativos simultaneamente. De alguma forma, todas essas iniciativas compuseram um sentido para a inovação social existente. Retomou-se a multiplicidade existente que favoreceu a ruptura iminente dos diversos fluxos de criação, ou seja, quanto mais pessoas participavam do processo, mais possibilidades de criação conjunta havia. A Figura 11, recortada do Diário, evidencia uma observação significativa compartilhada em um dos Seminários. À medida que havia uma aceitação para uma livre proposição de ideias e novos projetos, o fluxo era surpreendido constantemente.

Figura 11: Evidência da entrada de projetos



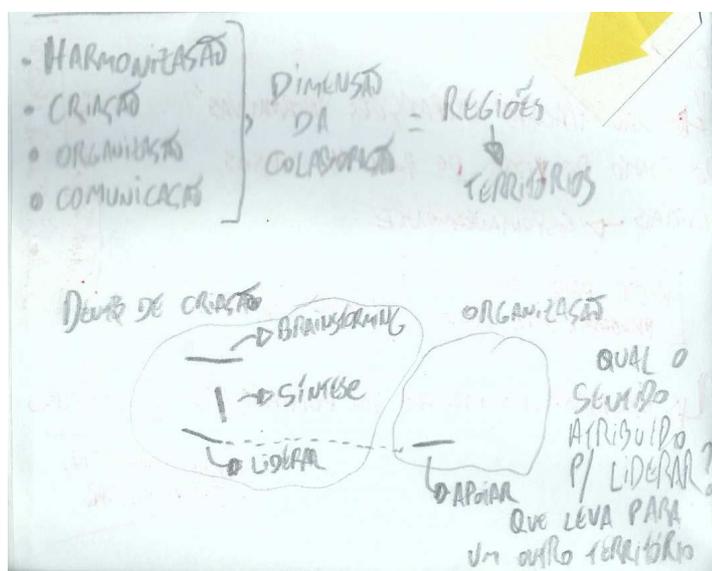
Fonte: Foto do autor

Esses princípios, ao serem elaborados e anunciados no coletivo, provocaram uma criação de diferentes desenhos que buscaram tangibilizar como se colabora no contexto das Casas Colaborativas. Tais desenhos foram resultado das interações ocorridas durante os Seminários e fora deles.

3.3 CONSTRUÇÃO DE ESBOÇOS DE LINGUAGEM

Como exercício para o entendimento daquilo que promoveu uma visualidade do processo colaborativo, desenhei uma série de processos na tentativa de expressar esse sentido. Tais desenhos apresentaram estudos de linguagem gráfica, com diferentes formas de compreensão do processo. A interação constante com as pessoas das Casas Colaborativas habilitou a tentativa de apresentar como acontece a colaboração. Identificou-se um conjunto de conceitos que desdobram o entendimento de colaboração.

Figura 12: Expressão dos conceitos da colaboração

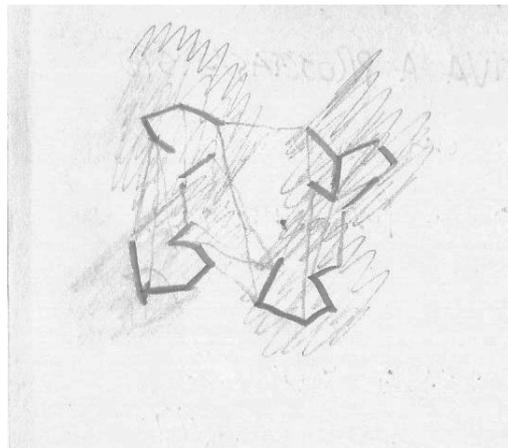


Fonte: Foto do autor

Na Figura 12 é possível reconhecer alguns esboços que expressam aqueles conceitos que faziam sentido naquele momento. A “harmonização” que está descrita,

diz respeito aos momentos que a ferramenta *check-in* proporcionava. Sem dúvida, essa ferramenta auxiliou os encontros para que ganhassem uma capacidade de conexão entre os sujeitos e ganhou espaço de evidência no entendimento de como colaborar. Cabe salientar que na mesma Figura 12 é possível reconhecer a existência de alguns tipos de linhas diferentes, as quais representavam a expressão prematura de movimentos de relação existentes no processo colaborativo. Da mesma forma que o desenho da Figura 13, também retirado do Diário, apontava para um esboço do que poderia vir a ser a apresentação de um desenho do processo colaborativo.

Figura 13: Esboço do desenho de processo colaborativo



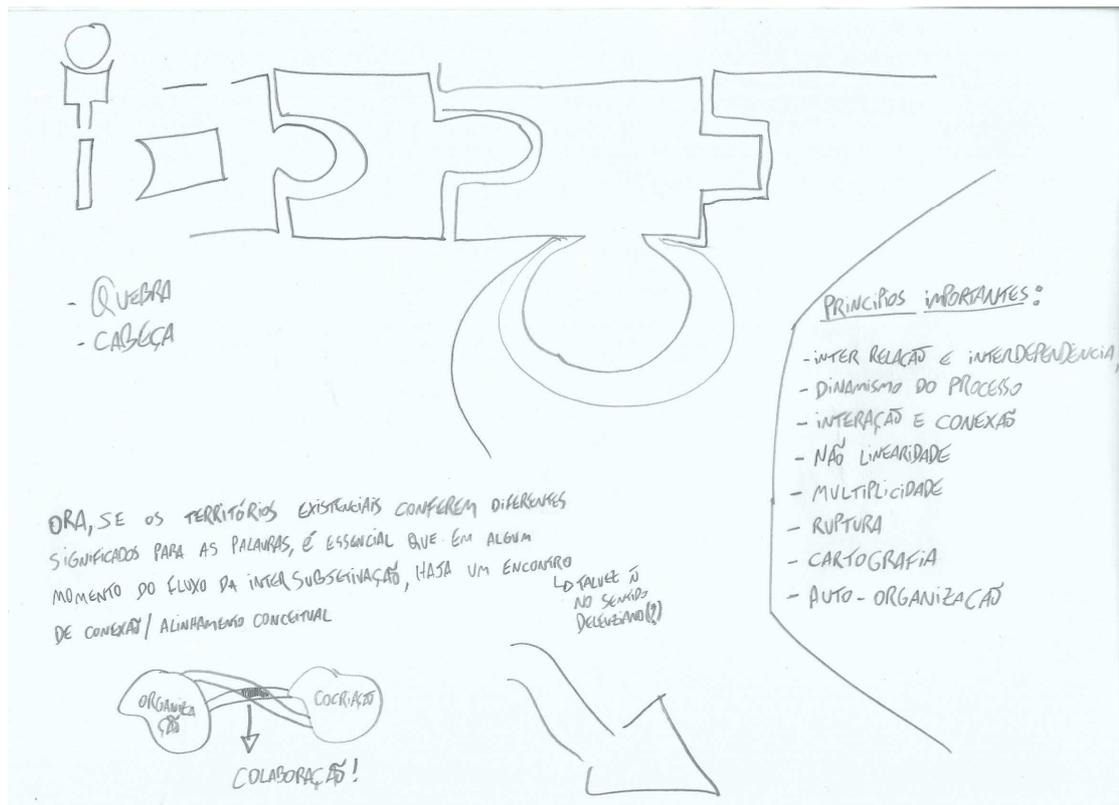
Fonte: Foto do autor

Percebe-se que existem algumas linhas mais demarcadas que outras. Isso significava indícios de que existiam diferentes elementos conectados uns aos outros.

Os conceitos, também anunciados na Figura 12 como a “dimensão da colaboração”, tornaram operativo o processo colaborativo. São eles: criação, organização e comunicação. A criação representava o entendimento do trabalho que existia no processo, ou seja, para colaborar era necessário criar ou produzir em conjunto. A organização dizia respeito à necessidade da rede das Casas Colaborativas em organizar a sua produção conjunta. Havia uma crença de que o trabalho conjunto estava disperso. Os registros dos Seminários, por exemplo, eram realizados dentro do Google Docs. No entanto, as pessoas reclamavam que os arquivos não eram encontrados. Portanto, o sentido de organização atribuído, naquele instante, estava condicionado a uma sensação de que a colaboração precisava de uma organização. A comunicação era uma reivindicação recorrente dos participantes. A necessidade de perceber que havia uma troca, além dos Seminários que aconteciam de forma recorrente.

Desenhados os esboços no Diário, avancei na construção de mais possibilidades de desenhos do processo colaborativo. Além dos conceitos já relatados, percebi a necessidade de anunciar outros conceitos que compusessem desdobramentos da colaboração: compartilhar conhecimentos, engajamento e interação constante. A interação constante sugeria uma intensidade, uma manutenção de proximidade entre os participantes. Havia um compartilhamento de conhecimentos a todo o instante, no sentido de suportar atividades de cocriação. Já, o engajamento era percebido como aquilo que animava as vontades. Os diagramas elaborados atendiam algumas possibilidades de movimentos desejados, e ainda que registrados em um formato estático, a interpretação demandava a capacidade de imaginar algumas ações de movimento para os desenhos. Os desenhos foram feitos como exercício de uma redundância de expressão, isto é, não havia um discernimento daquilo que poderia estar contraditório com o entendimento de como se colabora para gerar colaboração. Foram expressões visuais elaboradas de maneira catártica.

Figura 14: Desenhos que integram o Kit para colaboração



Fonte: Foto do autor

Esse material foi denominado Kit para colaboração e consta no ANEXO A deste estudo. Foi parte do processo da pesquisa, a escolha de alguns sujeitos convidados para contribuírem na exploração de linguagens visuais. Foram convidadas, portanto, pessoas vinculadas às Casas Colaborativas Vila Flores e Paralelo Vivo, as quais foram bastante ativas e envolvidas na construção do processo colaborativo em curso. Como forma de inserir percepções complementares às daqueles que estão envolvidos no contexto das Casas, convidou-se um artista e pesquisador da área da psicologia e uma artista e pesquisadora da área da educação e arte. Ressalta-se que ambos não possuíam relação direta com o contexto das Casas Colaborativas. Para cada um foi entregue um envelope com o Kit. Houve uma explicação presencial do contexto dos desenhos, porém sem nenhuma contraindicação do que era possível fazer com esse material, ou seja, a liberdade de criação foi fornecida e reforçada para que ambos construíssem novas camadas de significados para os desenhos. No momento da entrega do Kit, não havia um diálogo que ajudasse qualquer tipo de interpretação tendenciosa do conteúdo. O diálogo em profundidade ocorreu na devolutiva do material, após um período de tempo

previamente acordado, quando, então, os convidados explicaram suas reflexões desenvolvidas.

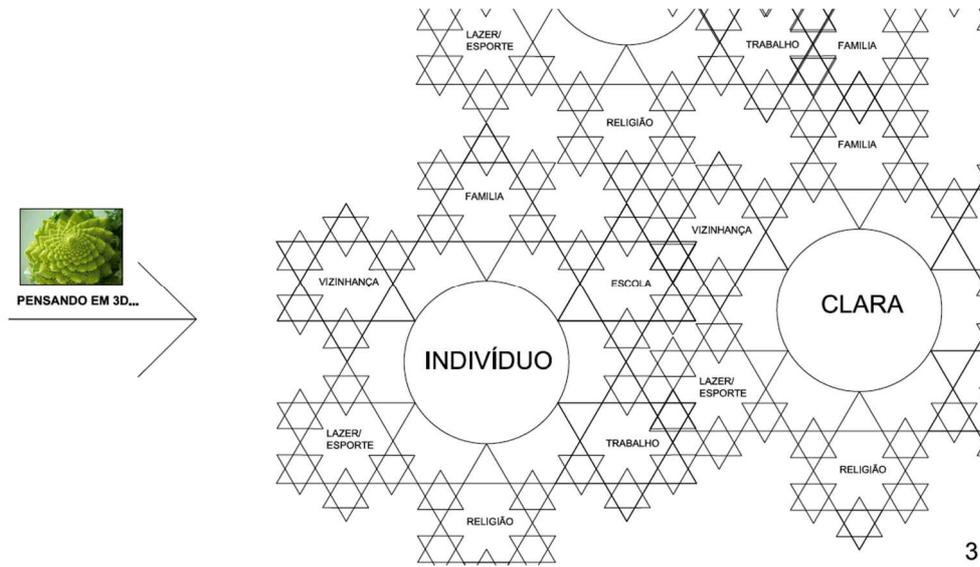
3.3.1 Esboço fractal por Clara Feund

O sujeito Clara que, entre as tantas funções, é também representante do Paralelo Vivo, elaborou uma série de desenhos através de um arquivo digital. Não apenas desenhos, como explicações conceituais a respeito da colaboração. Alguns princípios previamente sugeridos estão incorporados nas contribuições realizadas, o que reforçou a sua relevância. A interação contínua e a conexão apareceram bastante demarcadas. Tais princípios receberam novos significados, pois ficaram associados ao compartilhamento de conhecimentos. A continuidade apareceu em forma do que precisava ser duradouro, recebendo uma associação direta com os vínculos familiares ou escolares. A representante afirmou que a colaboração iniciava através dessas interações entre os indivíduos.

Apesar de não ter sido evidenciado o papel do sujeito, foi possível compreender o conteúdo compartilhado pela representante Clara. De fato, na Figura 15, a interpretação fica limitada quando em nenhum momento se evidenciam determinados movimentos que dão lugar ao sujeito na ação. Os desenhos compartilhados demonstraram uma evolução reflexiva a respeito da colaboração. A numeração das páginas do arquivo digital atomizou a interpretação do conteúdo de forma linear. O próprio entendimento de que a colaboração tem um início, já sugere linearidade. Em uma das explicações escritas, o conceito de organização ficou associado à necessidade de ordem. Sendo assim, encontrei certa contradição em relação ao processo colaborativo orientado pelo rizoma. O ordenamento pressupõe a linearidade, tão combatida na processualidade desta pesquisa.

Logo na primeira página aparece a palavra ecossistema. Nos desdobramentos da reflexão o ecossistema é relacionado à definição de grupos sociais. Tais grupos são reconhecidos como a família, a escola, a vizinhança ou o trabalho. Ainda como grupo social, é possível traçar um comparativo com as Casas Colaborativas. A perspectiva ecossistêmica elaborada por Clara retoma certa diversidade de elementos passíveis de relação intersubjetiva. O coletivo de pessoas vinculado às Casas Colaborativas reforça o sentido original de grupo social trazido pelos esboços.

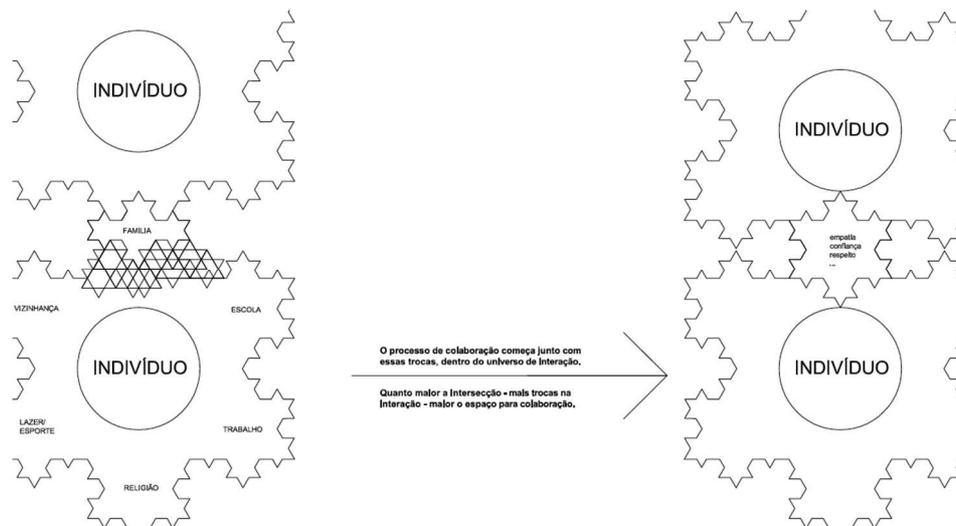
Figura 15: Desenho dos grupos sociais (Clara Feund)



Fonte: Material enviado por Clara Feund

Na Figura 16, para que houvesse colaboração, a representante apresentou a importância da empatia, da confiança e do respeito, ou seja, ficou estabelecida a relação direta desses conceitos com a colaboração. A empatia está associada à interação, no entanto, não foi possível estabelecer uma relação proporcional direta desses dois conceitos. Não necessariamente haveria empatia caso a intensidade de interação fosse aumentada. O princípio da ruptura foi desconsiderado porque a imprevisibilidade dos sujeitos poderia levar a uma mudança não esperada através da manutenção da interação. É interessante reconhecer que a colaboração é apontada como um efeito da interação. Os sujeitos que interagem de forma constante encontram outros territórios existenciais, o que confere dinamismo ao processo. O respeito e a confiança no outro podem ficar atrelados ao que decorre da disponibilidade para trabalhar de forma conjunta.

Figura 16: Desenho da importância da empatia (Clara Feund)

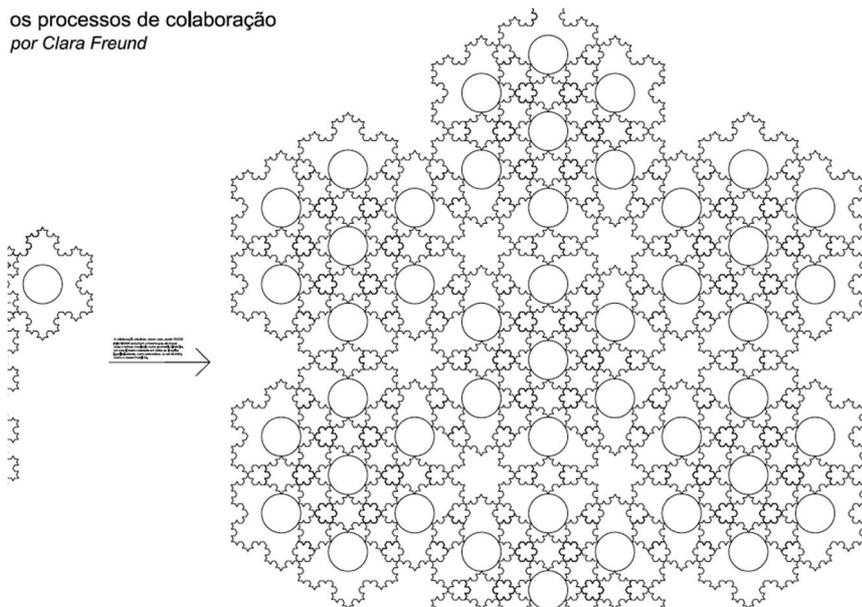


Fonte: Material enviado por Clara Feund

Quanto à visualidade apresentada ao processo colaborativo houve uma associação com os fractais geométricos. A sugestão de uma volumetria para expressar o processo colaborativo parece inspiradora. Os fractais contemplam as irregularidades das partes e conseguem expressar formas inusitadas. Os desdobramentos dos fractais são infinitos, o que confere certo grau de imprevisibilidade. O fractal apresentado na Figura 17 é do tipo floco de neve de Koch. Ainda que o conceito dos fractais esteja alinhado com o desenho de um processo colaborativo desejado, sua estética carece de mais evidências que demonstrem o quanto é diferente uma parte da outra. Aos olhos de quem não possui um amplo conhecimento do sentido dos fractais, parecem formas geométricas iguais. Portanto, recolhe-se apenas o movimento de ação sugerido pelos fractais.

Figura 17: Desenho dos fractais (Clara Feund)

os processos de colaboração
por Clara Freund

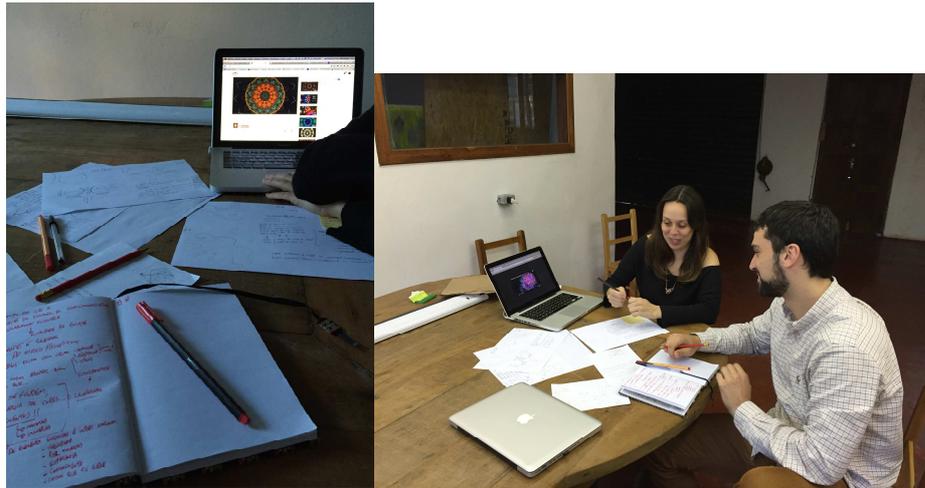
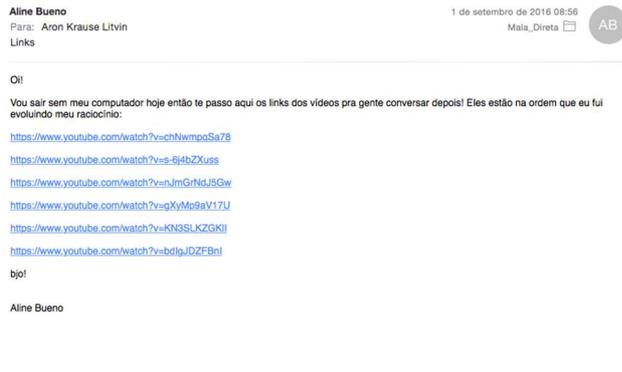


Fonte: Material enviado por Clara Freund

3.3.2 Esboço audiovisual por Aline Bueno

Outra contribuição coletada foi a da Aline, vinculada à Casa Colaborativa Vila Flores. O compartilhamento das contribuições foi através de uma série de vídeos postados na internet. A representante coletou apenas referências audiovisuais para expressar o seu entendimento a respeito de um desenho de processo colaborativo. A necessidade de representar algo em movimento fica bastante alinhada com princípios importantes, entre os quais o dinamismo do processo e a não linearidade. A listagem de links expressa a evolução do pensamento que ocorreu. É interessante reconhecer a construção do processo indo ao encontro dos princípios sugeridos para trabalhar o desenho e o quanto contribuiu para que houvesse um entendimento do sentido da sua própria construção.

Figura 18: Evidências dos conteúdos compartilhados (Aline Bueno)



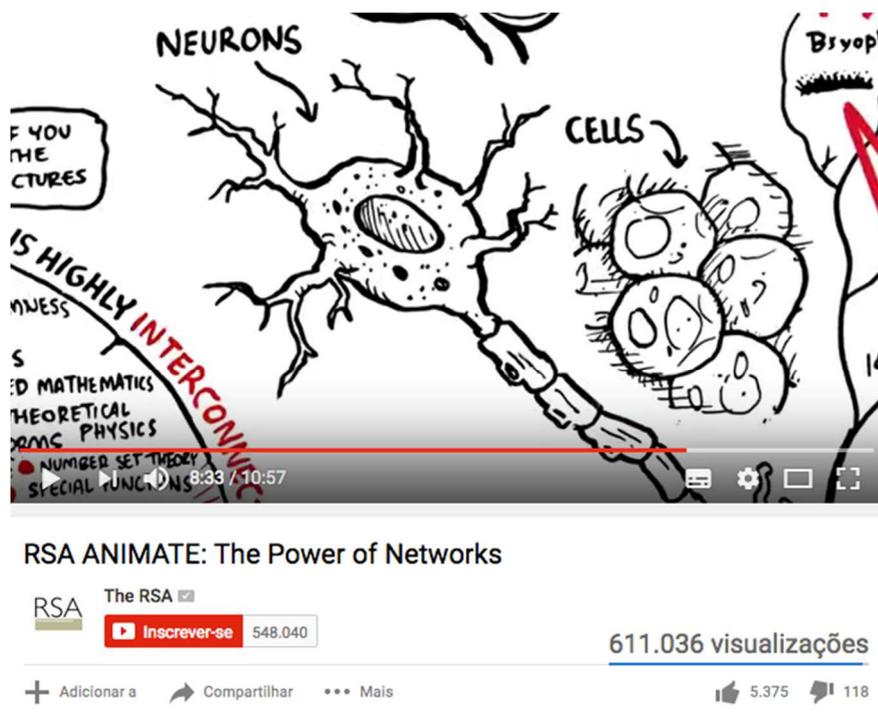
Fonte: Fotos do autor

Uma das associações iniciais para expressar o desenho de um processo colaborativo foi a demonstração do ciclo de crescimento de uma árvore. O vídeo apresenta uma animação de um fruto que cai da árvore, apodrece na terra e evolui para um novo crescimento, até se transformar em uma grande árvore. Ao estar estabelecida, diferentes animais interagem com a árvore — pássaros, formigas ou borboletas. O ciclo de vida da árvore foi a metáfora utilizada para expressar um processo colaborativo. Entretanto, a reflexão que ponderou tal entendimento foi a linearidade que a representação desse processo de evolução sugere, ou seja, é visível o início do processo quando a semente é largada no solo para se desenvolver. É possível identificar claramente as etapas de evolução de crescimento de uma árvore. Não há imprevisibilidade nesse sentido. Portanto, reconhece-se, aí, uma contradição em relação ao que deve expressar um processo colaborativo.

A tentativa foi feita para compreender o movimento e a forma que o rizoma se expressa. As menções de rizoma no Kit que foi entregue apontaram um desdobramento na processualidade da construção do desenho. Tanto através de um vídeo que

apresentou conteúdos escritos a respeito do rizoma quanto através de outro material que apresentava movimentos de um rizoma. A forma de expressão relacionada às questões dos neurônios parece recorrente. Pretende-se explorar outras possibilidades de construção daquilo que expressa o sentido de um rizoma. No entanto, em um dos vídeos aparece um comparativo visual entre os neurônios e as células. Ainda que não tenha explicação no vídeo a respeito dessa diferença, o aspecto específico da visualidade do desenho recebe um sentido representativo na descoberta da linguagem visual para um processo colaborativo.

Figura 19: Animação possível de um processo colaborativo (Aline Bueno)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=nJmGrNdJ5Gw>

Em relação ao movimento que o processo deve receber houve uma comparação marcante em relação aos movimentos que um rizoma sugere. Os rizomas são intempestivos e possuem movimentos bastante ariscos. As linhas de ruptura de um rizoma, que é possível observar através de um dos vídeos, podem ser compreendidas como diferentes conceitos que envolvem a colaboração. Entretanto, a velocidade do movimento pode ganhar menos intensidade. São bem-vindos aqueles movimentos que são mais lentos porque remetem ao tempo da elaboração e do cuidado. Um processo

colaborativo representado com tantas conexões muito rápidas e difusas não estaria comprometido com o sentido do princípio da conexão. Portanto, ele pressupõe que os elementos de um processo colaborativo devam oscilar entre menos e mais velocidade em sua representação. Há uma complementação daquilo que se entendia como expressão da ação do processo.

A colaboração é relacional e possui diferentes intensidades. Através da metáfora do caleidoscópio há um comparativo com o processo colaborativo. O vídeo selecionado apresenta movimentos de um caleidoscópio. Com esse material, a representante demonstrou diferentes significados que interessam. O movimento da fusão é bastante valorizado, pois evidencia a possibilidade de compreensão da transdisciplinaridade, pois desloca os entendimentos até então construídos para os princípios da conexão e inter-relação. A presença das cores e os diferentes prazeres que envolvem o contato visual com aquilo que é surpreendentemente colorido. Também as infinitas construções de formas e arranjos que o movimento de um caleidoscópio proporciona, são aspectos que merecem lugar de destaque na construção de um processo colaborativo.

Figura 20: Animação com movimentos de fractal (Aline Bueno)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=bdIgJDZFBnI>

3.3.3 Esboço com recortes por Paola Zordan

Alguns aspectos levantados pela representante Paola Zordan retomam algumas contribuições já mapeadas. Ressalta-se que essa pessoa não faz parte do contexto direto das Casas Colaborativas. O conteúdo compartilhado no Kit foi totalmente recortado e desfragmentado. Todas as partes receberam contribuições que ampliaram os sentidos elaborados até então. O gesto de recortar em diferentes pedaços reforçou praticamente todos os princípios sugeridos para a construção do processo colaborativo. Quase como um comportamento catártico, a entrega do material alterado habilita um reconhecimento dos movimentos não lineares que a interação com o Kit proporcionou. O diálogo que existiu na devolutiva do material ocupou espaço de compartilhamento de saberes. Pela escolha e postura adotadas por Paola não houve explicações de significado das intervenções. O trabalho realizado com o material parece sugerir a possibilidade de diferentes percepções a cada nova investida de significação. Portanto, não há como cristalizar entendimentos únicos a respeito das contribuições. As diferentes verdades de entendimentos sobre o material se sobrepõem, proporcionando diversos olhares.

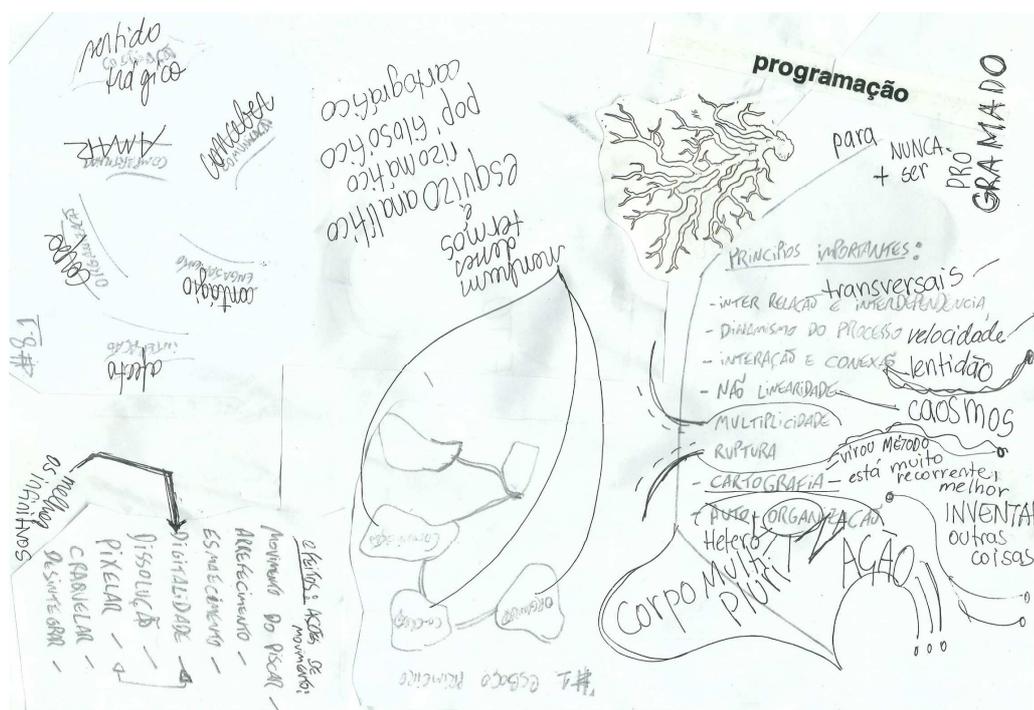
Figura 21: Entrega do material produzido no momento da saída de uma abertura de exposição de arte



Fonte: Foto do autor

A recomendação para que o processo aparentasse algo simples foi expressa. Em diferentes momentos identificaram-se contribuições que reorientaram os desenhos para um diálogo mais próximo com as questões pop filosóficas. O princípio do dinamismo do processo adquiriu um sentido de velocidade, e o de interação e conexão, um sentido de lentidão. Nele foram reforçados aspectos já levantados por Aline Bueno do Vila Flores.

Figura 22: Desenhos conceituais (Paola Zordan)



Fonte: Foto do autor

Conforme a Figura 22, o princípio da auto-organização recebeu um jogo de palavras de prefixos que contribuíram para a ampliação de sentidos. A pluriorganização, por exemplo, aponta para a existência de uma diversidade de maneiras de organizar o processo colaborativo. O prefixo sugere que a organização é pluralizada, portanto, sempre estará em movimento de ação. A forma como a devolutiva do material foi realizada por Paola proporcionou esse movimento.

Alguns desenhos de processo colaborativo que estavam no Kit foram classificados como incoerentes. O desenho que remetia a um quebra-cabeça teve uma intervenção esclarecedora, como demonstra a imagem A da Figura 23. Esse tipo de processo é absolutamente linear e previsível. Só há uma possibilidade de encaixe

correto em estruturas de quebra-cabeça. Por mais que a processualidade de sua montagem possa ser difusa, há uma lógica bastante clara no funcionamento desse tipo de processo. Sendo assim, descarta-se qualquer desenho de processo que fique associado à metáfora de um quebra-cabeça. Não há espaço para manifestação da multiplicidade, pois só existe um único sentido de conexão com outro território existencial.

As peças de encaixe que contradizem o fluxo da colaboração deram lugar a uma representação desenhada através de raízes. As raízes demonstram uma ramificação de forma imprevisível e garantem movimentos que sustentam a possibilidade de representação de um processo colaborativo. Da mesma forma, a representação também compartilhada, em forma de bactérias, que pode ser vista na imagem B da Figura 23. O sentido atribuído às bactérias ocorreu em função de suas diferentes formas, variações e curvas existentes, processo que se assemelha a uma visualidade mais orgânica do que geométrica.

Figura 23: Intervenções no Kit (Paola Zordan)



Fonte: Foto do autor

São valiosa contribuição as sugestões de atualizações dos conceitos que envolvem a colaboração. Indo ao encontro de um alinhamento maior das contribuições deleuzianas, os conceitos são revisitados. O engajamento passou a ganhar um sentido de contágio. A interação recebeu uma nova camada de significado orientada pelos afectos. O conceito de organização pode ser compreendido como aquilo que é corpo, ou seja, a forma com se evidencia o processo. O conceito de compartilhamento se associa à dimensão de amar, e a comunicação se associa ao sentido de conceber. Ao serem elaboradas essas novas camadas de significados percebe-se a oportunidade de posicionar tais conceitos em outra dimensão de efeitos quando relacionados ao design estratégico.

3.3.4 Esboço das folhas por Leonardo Garavello

Para complementar as contribuições nos estudos de linguagem para um processo colaborativo, Leonardo apresentou um desenho conceitual. Ele também não está vinculado diretamente ao contexto das Casas Colaborativas. Ambos os representantes que atuam em outros contextos conseguiram contribuir de maneira valiosa para o processo da pesquisa. É nítido como conseguiram aportar contribuições complementares que enriqueceram a pesquisa.

Figura 24: Instante do compartilhamento do material produzido (Leonardo Garavello)



Fonte: Foto do autor

A explicação do processo teve origem através de um registro fotográfico realizado pelo próprio Leonardo. A pintura de uma folha de papel branca com três tons de verde representam as diferentes formas que um sujeito pode expressar sua contribuição para um processo colaborativo, pois a pintura seca demonstra a interferência eternizada na folha branca. O devir como ato de criação propicia a construção de sentidos inesperados. Para Leonardo, a colaboração sempre ocorre em função de um fragmento da realidade, e esse fragmento é uma superfície que fornece as condições mínimas para que ocorra o trabalho conjunto. Retoma-se, portanto, a importância do acontecimento deleuziano para entender como se colabora. É necessário reconhecer que existe a colaboração articulada em função do plano de composição e do plano de consistência. O primeiro absorve os aspectos imateriais, e o segundo oferece uma relação maior com a materialidade.

Figura 25: Sequência do material produzido do desenho de seu processo colaborativo (Leonardo Garavello)



Fonte: Foto do Leonardo

Com a gestualidade de jogar folhas secas sobre o desenho até então elaborado houve a inserção de novos corpos ao processo colaborativo, os quais também anunciam o movimento do acaso que interfere no plano de consistência. As folhas representam a interferência de corpos que aparecem de maneira imprevisível. Sendo assim, identificam-se corpos na iminência de uma composição. A ação do tempo impressa no processo colaborativo é reconhecida através do uso de um papel vegetal. A posição das folhas, pintadas no papel vegetal, instiga a pensar que jamais haverá a possibilidade de

encontrá-las na mesma posição. Ao posicionar uma nova folha vegetal sobre a que já está posicionada é possível reconhecer as folhas espalhadas, a marca das folhas pintadas que poderão ser novamente pintadas em outras posições. Esse movimento pode ser reproduzido infinitas vezes.

Há um detalhe no desenho que amplia os efeitos de sentido até então fornecidos. Em uma das bordas da folha vegetal colada na folha branca permanece um buraco. Por ali, qualquer folha das árvores poderá escapar conforme os movimentos que fizerem. Também é possível inserir novos corpos dentro desse espaço, tendo-se, assim, a expressão da linha de fuga materializada no desenho. É o instante da mudança de planos. Logo, o processo da colaboração ganha esses novos possíveis movimentos de entrada e saída repentina de novos elementos. Há uma zona de tensão que literalmente separa os planos de composição e de consistência. O efeito pode assemelhar-se a um buraco negro, ou seja, o corpo muda de estado em um movimento fugaz.

Figura 26: Evidência da abertura e linha de fuga do desenho (Leonardo Garavello)



Fonte: Foto do autor

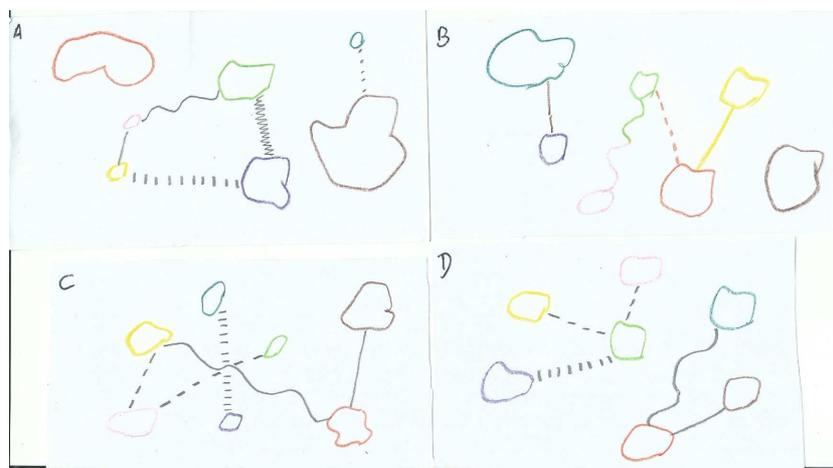
De posse das contribuições dos representantes escolhidos foram desenhados novos processos colaborativos. Para tanto, quatro conceitos foram reconhecidos e afirmados, para construir o entendimento de como se colabora para gerar colaboração. Esses conceitos emergem do processo da pesquisa e permitem que seja

identificável aquilo que desdobra a ação de colaborar. O trabalho é um desses conceitos mencionados. Para haver colaboração é necessário o trabalho conjunto. O relacionamento que se estabelece entre os sujeitos é do tipo trabalho. O outro conceito é o compartilhamento de saberes. A todo o instante há uma troca de saberes entre aqueles envolvidos na ação de colaborar. Quando um sujeito se coloca à disposição da colaboração está suscetível ao compartilhamento daquilo que sabe sobre determinado acontecimento. Outro conceito é a afecção, isto é, a colaboração é composta de uma troca de afectos que habilita a permanência dos sujeitos na construção do processo. Também o conceito da linguagem confere um sentido à colaboração. Há um intercâmbio de linguagem entre todos os participantes do processo colaborativo.

3.4 O METAESBOÇO

Com o reconhecimento dos conceitos que envolvem a colaboração foi possível avançar na construção de novos desenhos que apresentaram uma evolução na integração dos esboços realizados no Diário, no Kit para colaboração e dos convidados. Esses desenhos demonstram movimentos possíveis na elaboração de como colaborar. Houve um avanço de proposição, se comparado com os primeiros esboços ensaiados no Diário. Os conceitos que envolvem a colaboração e que foram identificados ao longo dos Seminários estavam condizentes com um momento específico do processo. Os conceitos de harmonização e de engajamento, por exemplo, foram incorporados no sentido do conceito de afecção. Os conceitos da comunicação e da interação constante evoluíram para intercâmbio ou troca de linguagem. O conceito de compartilhamento de conhecimento foi mantido, porém atualizado no sentido de compartilhamento de saber. O conceito da cocriação também foi mantido, porém ganhou um sentido de trabalho conjunto ou de criação conjunta. Por fim, o conceito de organização acabou não sendo incorporado ao metaesboço por já estar contemplado como um princípio importante anunciado no Kit para colaboração.

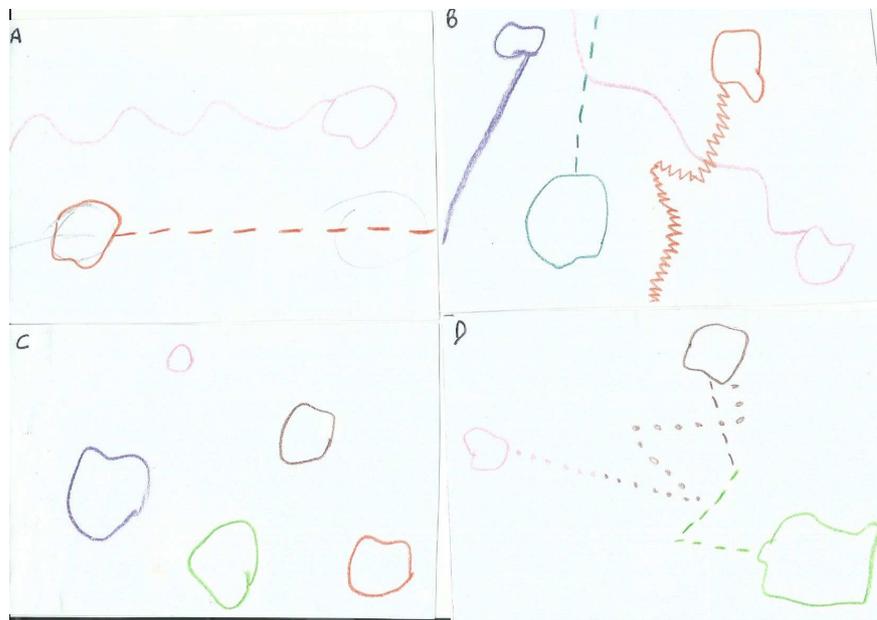
Figura 27: Metaesboço 1



Fonte: Foto do autor

Os desenhos da Figura 27 apresentam diferentes possibilidades de como colaborar para gerar colaboração. É possível identificar a presença dos diferentes tipos de linhas que anunciavam justamente os diferentes conceitos envolvidos no processo de colaborar. Nesses desenhos, quase todos os elementos estão conectados através da representação das linhas. Os elementos ilustram tanto os sujeitos do processo quanto as ferramentas que favorecem a projeção conjunta, as ferramentas digitais ou até mesmo os objetos de infraestrutura física das Casas Colaborativas. São formas abstratas que aparecem diferentes em cada desenho. Ainda que da mesma cor, aparecem em tamanho maior ou em forma diferente. Isto significa que os elementos ecossistêmicos se alteram à medida que o processo colaborativo evolui.

Figura 28: Metaesboço 2



Fonte: Foto do autor

Os desenhos da Figura 28 apresentam outros movimentos que compõem o processo colaborativo. No desenho identificado com a letra “b”, a existência de elementos que não possuem conexões é um deles. Isso significa que podem existir determinados elementos no processo que não encontram maneiras de se conectar. No desenho “a”, os elementos revelam linhas que não se conectam com nada. Isso significa que existiu a intenção de operar alguma relação, no entanto não foi possível por diversas circunstâncias do acontecimento. No desenho “c”, um movimento que está na eminência de se conectar. No desenho “d”, as linhas apresentam curvas que buscam transmitir os movimentos de ação intempestivos e inusitados das relações da colaboração.

A dimensão do trabalho orienta o sentido da colaboração. Por ser um processo difuso e que acontece através do relacionamento entre as pessoas, a colaboração pode ser confundida com a livre interação ou até mesmo com a convivialidade. A livre interação pressupõe que os sujeitos não encontrem barreiras formais para dialogar entre si. Isto é, as pessoas deveriam encontrar espaços de abertura permanentes para

conversar. Ainda que possam existir barreiras simbólicas entre as pessoas que inibem a livre interação, a colaboração para existir precisa de uma configuração que se volte para a liberdade de interação. A diferença de realidades sociais e culturais, ou até mesmo a simples diferença de idade, podem representar potenciais barreiras simbólicas. O diálogo é o pressuposto de uma relação voltada para o trabalho, porém, é necessário que haja predisposição dos sujeitos envolvidos no processo para que realmente aconteça a colaboração.

A convivialidade é um conceito abordado por Ivan Illich (1975) e muito contribuiu para os desdobramentos da colaboração. Da mesma forma que a livre interação propicia a colaboração, a dimensão do convívio também contribuiu para esse tipo de relações voltadas para o trabalho. A comunidade Les Convivialistes que reúne diferentes pensadores a respeito do tema elaborou um manifesto que apresenta alguns princípios baseados nas contribuições de Illich (1975). Um deles diz respeito ao princípio comum da humanidade, ou seja, todos pertencem ao sentido único da vida e nos conectamos por nossa efemeridade de existência. O outro princípio é a socialidade, no qual é possível reconhecer que o ser humano se constitui das relações que estabelece. E outro é o da individuação, que valoriza a potência da diferença dos sujeitos. Apesar de reconhecer que as pessoas são diferentes nos mais variados aspectos da vida, é fundamental que haja espaço de afirmação da singularidade. É através desse princípio que também fica esclarecido o sentido da interdependência. O outro princípio da interdependência criativa apresenta uma perspectiva de redefinição do conflito ou da divergência. Ou seja, mesmo em uma situação de aparente oposição deve existir o cuidado para uma composição criativa. Essa composição também pode ser compreendida como trabalho conjunto ou ação de colaborar.

O compartilhamento de saber assume diferentes maneiras de expressão. Os saberes não devem ser observados em função de uma escala de juízo de valor convencional, pois devem existir condições no processo colaborativo a partir das quais os mais variados saberes possam ser compartilhados. Aqueles que são conhecimentos formais ou científicos devem dialogar com saberes populares que não possuem lugar de referência, se não no acontecimento da troca. Considerando-se que o processo da colaboração é aberto a isso, ele fortalece o valor da diferença dos sujeitos. Cabe o entendimento da transdisciplinaridade para elaborar o aspecto do compartilhamento de saberes. Para Barros *et al* (2002), a transdisciplinaridade proporciona a compreensão

de processos e representa o diálogo entre diferentes áreas de saber. Fazendo um resgate em uma das primeiras manifestações do termo, a Carta da Transdisciplinaridade (1994) trouxe o entendimento que o mais representativo não é o domínio das disciplinas e dos saberes um em relação ao outro, mas a abertura das diferentes disciplinas àquilo que as atravessa e ultrapassa. É a fusão dos saberes que remete à produção de sentidos exponenciais.

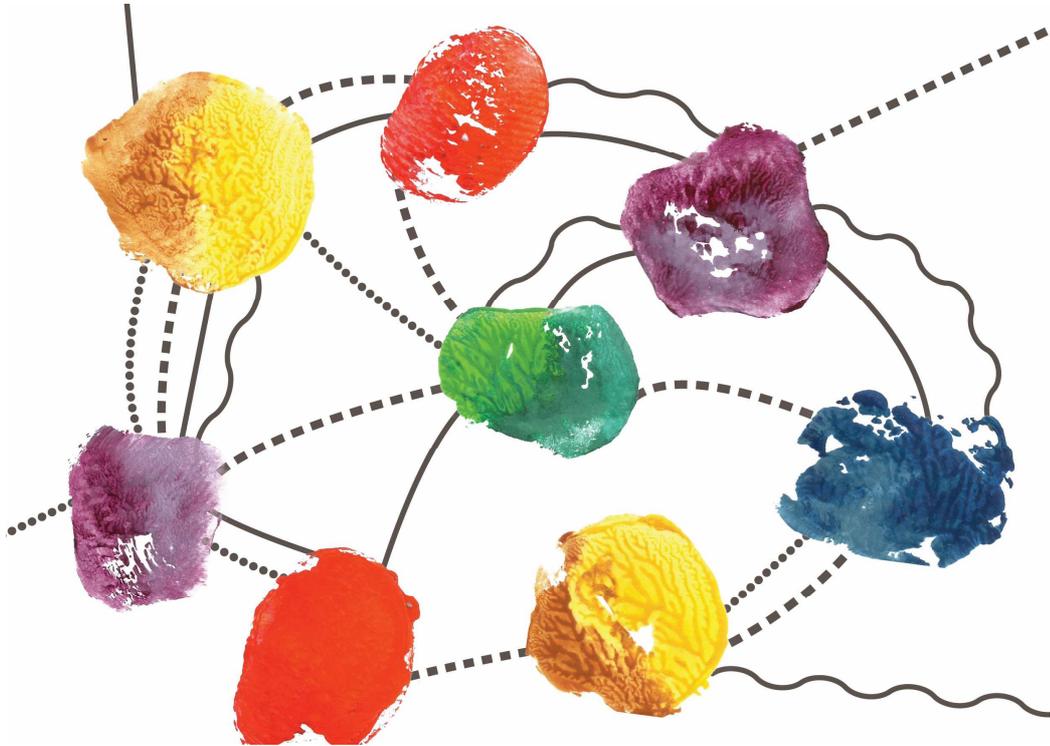
A afecção diz respeito ao que está na ordem do sensível das relações. Está associada às sensações existentes que são produzidas pelos sujeitos à medida que interagem. Conforme Deleuze e Guattari (1992), é possível reconhecer quando duas sensações entram em estado de ressonância através de uma relação corpo-a-corpo que é puramente energética. Essas sensações podem ganhar espaço de composição, mas também de distanciamento. Existe a possibilidade de que a sensação vibre, que haja o acoplamento da sensação, a abertura ou o seu esvaziamento. Todos os movimentos bastante dinâmicos é que determinam as possibilidades da colaboração. De certa maneira, todos são capazes de produzir afectos e ser responsáveis pelos efeitos que dele decorrem. Essa capacidade confere o devir de um sujeito que colabora e que se permite sentir as intensidades inerentes ao processo da colaboração.

A linguagem é o meio de expressão que fornece os sentidos da colaboração. E ela não ocorre exclusivamente pela fala dos sujeitos. É mais amplo do que isso, podendo ser reconhecida através da linguagem corporal, da forma como se respira, do jeito do olhar, dentre várias outras sutilezas. Para colaborar é necessário que haja intercâmbio de linguagem entre os sujeitos. A linguagem é muito viva e se altera de acordo com as camadas de significação que lhe são atribuídas.

Sendo assim, um desenho de processo que consiga apresentar essas combinações da colaboração poderá ser reconhecido. O desenho é expresso através de uma forma orgânica, de um aglomerado subjetivo para conseguir evidenciar o papel de um sujeito ou de algum outro elemento ecossistêmico. As linhas com diferentes expressões gráficas operam os conceitos da colaboração: trabalho, linguagem, afecção e saberes. As formas orgânicas estão sempre em transformação e jamais aparecem de forma igual. O processo da colaboração contribui para sua constante mutação, e da mesma maneira que as linhas também alternam seus movimentos a cada instante é que a colaboração acontece. Sendo assim, o desenho final que resultou desse processo de pesquisa, é anunciado na Figura 29. Foram elaborados diferentes *flipbooks* para a apresentação do

processo colaborativo. Os movimentos não são os mesmos e devem transmitir uma sensação de constante mudança, tanto na forma com que aparecem as relações quanto na transformação dos elementos.

Figura 29: Imagem do desenho final do processo colaborativo



Fonte: Foto do autor

Como forma de apresentar o movimento dos *flipbooks*, foi elaborado dois vídeos que podem ser acessados através dos seguintes endereços eletrônicos: <http://bit.ly/2ICSZr1> e <http://bit.ly/2lipEQ9>. Seria possível elaborar um número infinito de *flipbooks* para apresentar o processo colaborativo. A escolha de dois foi meramente pela limitação de tempo e produção que esta pesquisa proporcionou.

Figura 30: Os *flipbooks*



Fonte: Foto do autor

Cada linha representa algum tipo de relação entre os elementos. A linha pontilhada significa troca de linguagem; a linha tracejada significa compartilhamento de saber; a linha reta significa trabalho ou criação; a linha ondulada significa afecção. Os desenhos devem sugerir um entendimento que os elementos estão em constante

relação uns com os outros. Da mesma forma que o processo poderia ser representado através de infinitas configurações, as linhas também poderiam aparecer nos desenhos de diferentes formas. É possível perceber que as linhas também estão sempre em constante mudança. Sendo assim, este é desenho que deve habilitar o desenvolvimento de tantos novos projetos colaborativos no âmbito das Casas Colaborativas.

4. DISCUSSÃO

É através do design estratégico que se encontram as capacidades necessárias para desenvolver a cocriação no ecossistema criativo, no qual as Casas Colaborativas partilham existência. Segundo Franzato *et al* (2015), as dimensões ecossistêmicas reconhecidas conceitualmente, como a abertura, o coletivo, a transdisciplinaridade e a estratégia propiciam a elaboração de reflexões emergentes. O design estratégico opera como um código de geração da colaboração. O reconhecimento das dinâmicas atreladas à colaboração permite a projeção de dispositivos sócio-técnicos que devem favorecer a elaboração prática da inovação social. O diálogo estratégico pode ganhar múltiplos sentidos e formas de expressão. Para tanto, algumas observações merecem lugar de manifestação, de maneira a considerar aquilo que desvenda o modo com que se colabora em rede.

O processo colaborativo é difuso e de difícil previsão dos movimentos, pois é um processo que depende da diversidade do coletivo para se constituir. A rede que foi sendo formada ao longo dos encontros mensais entre as Casas Colaborativas reforçou o dinamismo inerente à colaboração. São pessoas que se aproximavam a todo instante e renovavam o fluxo. Sendo assim, o processo colaborativo nunca termina e começa a cada instante, portanto, é impossível querer reconhecer o início ou o fim do processo. A temporalidade do processo não é linear, mas assume, em sua composição, aquilo que é cíclico e retilíneo, simultaneamente. É possível reconhecer, portanto, a abertura contínua e inerente ao processo colaborativo. Entretanto, essa abertura é e submetida e condicionada às pessoas que dão forma ao processo colaborativo e não pode ser naturalizada como algo que está estabelecido. Ao retomar as contribuições de Giaccardi e Fischer (2008), percebe-se que o espaço multidimensional do design é composto pela maleabilidade dos processos. Os rizomas, para Deleuze e Guattari (1995), podem ser reconhecidos em função de alguns princípios significativos, dentre os quais a conexão

e o dinamismo; um processo que se movimenta através dos movimentos dos rizomas trabalha a todo instante a sustentação da sua abertura.

A dimensão de abertura quando associada ao processo colaborativo encontra a transdisciplinaridade como implicação. O diálogo estratégico parece representar a forma de articulação para que as disciplinas encontrem espaço de composição. A transdisciplinaridade é um efeito desejável das relações que se estabelecem ao longo do processo colaborativo, e não é algo fácil de identificar com clareza porque foge de qualquer entendimento classificável. A rede das Casas Colaborativas parece mobilizar um tipo de trabalho conjunto que favorece as condições de manifestação da transdisciplinaridade. Há um reconhecimento e uma aceitação de toda e qualquer contribuição de saber dos participantes ao longo do processo colaborativo. Retomam-se, aqui, as contribuições da Carta da Transdisciplinaridade (1994), a qual postula que o saber compartilhado precisa dar espaço para um entendimento igualmente compartilhado. No entanto, a colaboração reserva algumas particularidades que devem influenciar essas conexões das disciplinas ofertadas pelos sujeitos.

Em função do acordo coletivo anunciado durante o *check-in* do Seminário realizado em janeiro 2016, de que a cada encontro não seriam retomados os aspectos já discutidos e trabalhados — quem aparecia pela primeira vez não recebia uma atenção especial para compreender o histórico das discussões — isso não representa que não houve abertura para novas composições de criação ou de trabalho conjunto. Ocorreu justamente o contrário. As pessoas que entravam para interagir tiveram o mesmo espaço de fala em relação às outras que frequentavam o grupo com mais assiduidade.

O processo colaborativo elaborado através desta pesquisa demonstrou as evidências de como isso acontece. Ao longo dos encontros mensais, nos quais foram mobilizados os participantes das Casas Colaborativas, sempre houve composições do grupo nos encontros presenciais totalmente diferentes, além do grupo de Facebook que constantemente recebia novos membros. Além disso, o que era preparado nos encontros preparatórios para os Seminários nem sempre teve a sua execução conforme o planejado. Os participantes reconduziam os rumos do diálogo para questões imprevistas. A maleabilidade dos processos de projeto ocorreu justamente pela ação dos sujeitos. Se fossem impassíveis, o processo de projeto não sofreria rupturas e reformulações. A existência de uma rede das Casas Colaborativas favoreceu esse funcionamento ao longo do processo de projeto colaborativo.

Quando emergiu do coletivo, através da voz de um sujeito, a sensação de que não estava ocorrendo uma evolução do processo de projeto, alguma reação tinha que ser elaborada. Essa insatisfação ameaçava a continuidade e a sobrevivência do processo. Foi por este motivo que um grupo de voluntários se candidatou para preparar e organizar os encontros futuros e favorecer a continuidade.

Se, para Meroni (2008), o conceito da evolução depende da articulação coletiva mobilizada pelos interesses comuns, algo estava desalinhado e obstruía o fluxo da colaboração. Revelou-se, então, uma observação que decorre do dinamismo do processo colaborativo, reconhecida como as diferentes intensidades de contribuição para que o trabalho conjunto permaneça ativo. Dessa forma, os designers assumiram esse papel de facilitadores, conforme Sanders e Stappers (2008).

Pode-se afirmar que essa formação de um pequeno grupo de sujeitos acabou construindo uma relação de proximidade entre eles e exerceu uma influência significativa nos rumos do processo colaborativo. Esse grupo se responsabilizou pela preparação de uma boa parcela dos encontros e facilitava os diálogos entre os participantes. Essa sobreposição da atuação desse pequeno grupo, diante do coletivo manifestado pela rede de pessoas das Casas Colaborativas, reflete a evidência do interesse comum. Esse grupo era composto essencialmente por designers, além do próprio pesquisador, ou seja, havia uma vontade explícita de compreender a colaboração e construir condições para o trabalho conjunto. Não se está afirmando que as pessoas que participaram do processo não encontraram interesses em comum, inclusive, isso foi tema de um dos encontros vividos pelo coletivo. Entretanto, os próprios interesses são difusos e difíceis de mapeá-los. Muitas vezes não é no primeiro encontro que se participa, no qual é possível identificar vontades em comum. O estranhamento da diferença é, ao mesmo tempo, a potência para a cocriação e a barreira que determina o afastamento do processo.

Se, em algum instante do processo, foi possível identificar os objetivos e os interesses comuns das pessoas, a necessidade de revisitar e recombina constantemente esses aspectos no coletivo parece fundamental. Embora não tenha sido uma prática ao longo do processo, ocorreram poucos momentos em que as pessoas novas que se aproximavam receberam esta expressão de acolhimento. O papel do metadesigner sobre o qual De Mul (2011) discorre, parece ganhar espaço a partir desses movimentos evidenciados. Ou seja, são aqueles sujeitos que se distanciam do processo colaborativo

em curso para pensar a respeito dos seus desdobramentos futuros. Sua participação no processo de projeto é ativa, ora facilitando o diálogo entre os demais participantes, ora expressando posições de reflexão que direcionam os rumos do processo. Identificam-se os metadesigners nesse processo de pesquisa como aqueles que compõem o pequeno grupo com interesses comuns. Precisam de uma proximidade com o processo de projeto em curso para habilitar condições de distanciamento e proposição de reflexões para o coletivo.

Entretanto, os rumos do processo não criam dependência da articulação dos metadesigners. Em um projeto colaborativo, os papéis são dinâmicos e o convite para que os sujeitos se manifestem está sempre aberto. Não raro identificaram-se expressões de alguns participantes que faziam reflexões pertinentes quanto ao processo que estava sendo vivenciado. Sem ter tido uma proximidade prévia com o coletivo apontavam aspectos desde um lugar de distanciamento do processo. É possível dizer, portanto, que existia um reconhecimento sutil das necessidades do coletivo, à medida que os encontros ganhavam forma. Sendo assim, a colaboração parece ser praticada em diferentes momentos pelas pessoas, o que fornece alguns aprendizados difusos.

Pela constante renovação do grupo de participantes do projeto desta pesquisa, a incidência de novos dispositivos sócio-técnicos que emergiram da articulação do coletivo evidenciou um movimento da cocriação. Nem todos os projetos obtiveram adesão do coletivo, mas contribuíram para observações a respeito de como colaborar. Para Zurlo (2010), o design estratégico opera no coletivo e promove um efeito de sentido que busca modificar a realidade. Tal alteração ocorre justamente por um fazer, muito mais do que de um dizer. Através do diálogo estratégico, os participantes da rede das Casas Colaborativas propuseram diferentes projetos que formaram compreensões de como colaborar. A autonomia para tais proposições revela um efeito da abertura do projeto colaborativo que estava em curso. O próprio “Engajômetro”, ora mencionado como um dispositivo emblemático que emergiu do coletivo, representa essa liberdade de proposição dos sujeitos, pois, de acordo com Manzini (2015), há a necessidade de percepção de valor compartilhado entre os sujeitos para que o engajamento aconteça.

O “Engajômetro” conseguiu levantar parcialmente as informações que pretendia, e quando foi apresentado à rede dos participantes das Casas Colaborativas havia um planejamento de diferentes etapas que dependia da interação das pessoas. A intenção inicial em levantar camadas de informações a respeito das Casas Colaborativas e das

pessoas e organizações vinculadas com cada uma levaria a um entendimento de quem era essa rede das Casas Colaborativas; um processo que pretendia reforçar a construção da própria identidade da rede das Casas Colaborativas. No entanto, era necessário articular um número considerável de pessoas que não frequentava os encontros mensais das Casas Colaborativas e pouco sabiam da construção do projeto entre as Casas que vinha acontecendo. Para Franzato *et al* (2015), no percurso da ação de projeto é que o design estratégico elabora a instabilidade de seu ecossistema. Levando-se em conta uma processualidade que acontece em rede, os interesses comuns não convergiram para que o “Engajômetro” atingisse os resultados previstos. Ou seja, a processualidade demonstrou que as pessoas colaboraram e engajaram-se para a construção do projeto. Entretanto, havia uma expectativa do coletivo em receber mais contribuições. Existe um desafio que requer a consideração, de como equalizar as diferentes intensidades de participação no projeto colaborativo, de forma que os interesses coletivos influenciem a ação dos interesses individuais.

Essa experiência do “Engajômetro” também dispara a possibilidade de discutir os processos criativos em design. Ainda para Franzato *et al* (2015), a transitividade integra tais processos, no sentido da necessidade de intermediação por algum dispositivo, orientado para a transformação da realidade. O processo de projeto colaborativo desta pesquisa se assemelhou ao dispositivo mencionado pela autor, visando catalisar a inovação social. Por se tratar da articulação da rede das Casas Colaborativas houve a sobreposição de outros projetos que foram sendo sugeridos pelos participantes da pesquisa. De certa maneira, o “Engajômetro” ofertou maiores condições de discussão porque tensionou justamente uma questão que estava latente para o coletivo. Para que houvesse colaboração seria fundamental o engajamento de todos no processo. Tomou-se como entendimento parcial do processo que três Casas Colaborativas estariam efetivamente engajadas. À época, de um total de dezesseis Casas Colaborativas mapeadas e que estavam fazendo parte do processo desta pesquisa, foram três que ganharam evidência, atreladas ao processo do “Engajômetro”.

Mesmo sem que houvesse uma construção de entendimento a respeito do significado de engajamento, o “Engajômetro” gerou uma camada importante de entendimento a respeito da colaboração. Os participantes das três Casas Colaborativas (TransLAB, Vila Flores e Paralelo Vivo) foram os mesmos que também articularam os processos de metadesign, ora descritos. Ou seja, possuíam interesses claros em comum

e mobilizaram-se para a evolução conjunta da pesquisa. No entanto, não cabe afirmar que os demais participantes não souberam colaborar, pois incorpora-se ao processo não apenas as diferentes intensidades possíveis de colaboração, mas a oportunidade de ampliar o engajamento através do uso do conceito de afecção.

Ao trazer à luz o entendimento do que significa um conceito, Deleuze e Guattari (1991) afirmam que as relações no conceito não são de compreensão. O que está em questão é a ordenação dos componentes da colaboração que são processuais e modulares. E que um conceito é acontecimento puro e dá espaço às infinitas articulações dos componentes que sustentam seu significado. Os conceitos vibram em si próprios, mas também entram em relação com os outros; e são refratários quando se busca a totalidade de sua compreensão. Pretende-se desdobrar uma discussão acerca do conceito da colaboração, levando em conta as pontes movediças que levam para o conceito da afecção, de tal forma que não se cristalice um discurso, mas que habilite a abertura de novos processos de significação.

O que Deleuze e Guattari (1991) apresentam como uma zona de indeterminação, de indiscernibilidade é o que se denomina afectos. Também poderiam ser reconhecidos como sensações. São absolutamente imprevisíveis do ponto de vista de quem expressa e absorve, e são anteriores aquilo que se consegue identificar e nomear. Certamente, são puro fluxo de sensações que se entrelaçam, se fusionam e tornam-se sempre algo novo. A colaboração opera através de múltiplas sensações. A intersubjetivação inerente proporciona uma troca constante de sensações entre os elementos ecossistêmicos. Os afectos são partilháveis no acontecimento. A experiência que foi proporcionada através do “Engajômetro” demonstrou que os sujeitos que conviveram de maneira mais próxima com o processo de projeto da pesquisa foram capazes de colaborar com a diferença de intensidade daqueles que estavam distantes. Formaram-se diferentes percepções a respeito do significado do “Engajômetro”. Enquanto uns buscavam evoluir em uma percepção de identidade da rede das Casas Colaborativas, outros visualizavam qualquer outra coisa que os distanciavam de interesses comuns.

Produziram-se diferentes composições de afecção ao longo desse processo. Os mais próximos vibraram na construção do trabalho conjunto. O desafio parece estar na criação de condições que catalisem a colaboração, quando envolve aquelas camadas de relações que surpreendem o fluxo. Portanto, o agir relacional deve dar conta da dimensão da rede das Casas Colaborativas. A operação metaprojetual pode incorporar,

em sua processualidade, alguma maneira de perceber os afectos. Por mais fugidios que sejam, o mesmo deslocamento sugerido por Franzato (2014) poderia habilitar que o diálogo estratégico no processo de projeto viesse com outra vibração ou com outro estilo. Não se trata de codificar o discurso de uma linguagem domável e conhecida. Se tal vibração ou estilo fosse reconhecido como uma estratégia, a mesma desvendada por Mauri (1996), em função do saber criativo e do agir relacional, haveria uma sensível ampliação de sentido atribuído à estratégia. Nesse caso, o design estratégico, no âmbito dos ecossistemas criativos, incorpora, em seus processos de projeto, a influência dos afectos para colaborar.

Um aspecto que corrobora essa última afirmação está na observação da intensidade de participação no processo de projeto desta pesquisa. Em determinado momento do processo optou-se em não mobilizar e conversar individualmente com os participantes já conhecidos, para que frequentassem os encontros mensais. Em uma parte do período da pesquisa, principalmente nos primeiros encontros mencionados, houve uma aproximação com as pessoas, através de diferentes canais de diálogo, para que mantivessem sua participação. Não apenas do pesquisador, mas de outros sujeitos que combinavam ativar a rede de participantes das Casas Colaborativas. Essa prática proporcionou a geração de afectos mobilizadores da potência de agir. Quando se decidiu parar essa prática, os encontros passaram a ficar menos frequentados. Certamente não existe uma exclusiva relação de causa e efeito tão delineada entre o contato pessoal estabelecido com as pessoas e a sua participação, no entanto, abre-se a possibilidade de pensar a respeito das afecções que o projeto em si reverbera. Pensar sobre o quanto existe de clareza a respeito dos objetivos do projeto, das vontades de transformação, dos seus dispositivos de comunicação e trabalho conjunto. São alguns aspectos e elementos de projeto que, no decorrer desta pesquisa, demonstraram seu lugar de evidência nas composições de afecção dos participantes em relação ao projeto.

Os autores Deleuze e Guattari (1991) fazem uma analogia, na qual o escritor se serve de palavras e consegue criar uma sintaxe que introduz a sensação. Da mesma maneira que o escritor se serve de palavras, o designer se serve do projeto e do processo. Dar forma a um processo é um exercício de sensibilidade e de conduzi-lo junto com tantas interações que a rede das Casas Colaborativas proporcionou. Um projeto é algo intangível e mobiliza a criação para se fazer ver. Em alguns momentos houve a manifestação de vontade dos participantes em realizar novos projetos em conjunto,

partindo da percepção de que era necessário fazer algo mais concreto, que ampliasse o sentido de como aprender a colaborar para gerar colaboração. Havia um interesse latente em tornar as Casas Colaborativas sustentáveis financeiramente. Oportunidades de projetos foram lançadas por alguns participantes para atender essa vontade, mas não determinaram a sua realização efetiva através do coletivo. Segundo Deleuze (2000), só se aprende aquilo que só pode ser sentido através do exercício da sensibilidade. Ainda para o autor, é impossível reconhecer com antecedência como tal pessoa aprende. Portanto, o fluxo do projeto colaborativo reservou, em sua experiência, sensações aleatórias.

Para Zurlo (2010), a capacidade de o design estratégico fazer ver encontra diversos níveis de abstração, e é a capacidade que suporta a ação estratégica, revelando a importância de gerar visualidade aos processos, de forma que as pessoas interajam com tais aspectos abstratos. Os desenhos encomendados para os participantes desta pesquisa expressam essa necessidade. O processo colaborativo foi algo bastante abstrato. O convite feito a cada um dos participantes para desenhar teve uma vibração que disparou neles a vontade de agir. O processo de trabalho apresentou expressões de prazer manifestadas espontaneamente pelas pessoas. Portanto, o fluxo de projeto reserva intensidades de afectos que influenciam a colaboração. O mesmo projeto que dispara *afetos tristes* (Deleuze e Guattari, 1998) que afastam uma potência de agir, é também aquele que promove o prazer.

A operação metaprojetual que acompanhou o processo de pesquisa conseguiu preparar algumas ferramentas que intermediaram a expressão criativa dos sujeitos, pois Sanders e Stappers (2008) reconhecem que quando todas as pessoas são criativas para compor um processo de projeto, as ferramentas propiciam que isso aconteça. As ferramentas como elementos do projeto também são produtoras de sensações. A ferramenta do *check-in* foi algumas vezes utilizada em momentos de encontros presenciais. Trata-se de uma ferramenta necessária para criar uma pergunta disparadora para o coletivo. Essa pergunta tem a intenção de buscar uma conexão de todos para o trabalho conjunto daquele instante. A elaboração de uma pergunta para abrir um espaço de diálogo, no sentido de formar um entendimento em como o coletivo estava se sentindo naquele momento, possibilitou a construção de mais uma camada de abertura aos participantes do processo. Há uma implicação com o outro, capaz de mobilizar o trabalho conjunto. O que interessava no acontecimento era o devir sensível, isto é, “o

devir sensível é o ato pelo qual algo ou alguém não para de devir-outro (continuando a ser o que é)” (DELEUZE E GUATTARI, 1991, p.229). A metaprojeção na preparação dessa ferramenta que promoveu o diálogo estratégico no processo de projeto operou com a previsão de sensações.

A capacidade de prever é um exercício de sensibilidade que captura os sinais frágeis de mudanças no comportamento (ZURLO, 2010). À medida que o processo da pesquisa avançava em suas descobertas junto com a rede das Casas Colaborativas, havia uma atualização no olhar sobre a maneira com que os sujeitos aprendiam a trabalhar em conjunto. Nem todas as ferramentas utilizadas nesse processo colaborativo de projeto conquistaram espaço de afecção inspirador junto aos participantes. Por espaço de afecção inspirador entende-se aquilo que ajuda a mobilizar, a pensar, a trabalhar e a criar em conjunto. O uso da ferramenta do Google Docs previa uma facilidade para que o trabalho conjunto acontecesse com fluidez entre os participantes da pesquisa, mas a possibilidade de produção assíncronica que essa ferramenta proporcionou teve uma apropriação muito baixa. sequer existiram picos de trabalho de diferentes pessoas que foram convidadas ao longo do processo. Quando Vassão (2010) apresenta o seu entendimento a respeito das ferramentas sugere que qualquer ferramenta é participativa e parte de um agenciamento concreto, e que é importante que haja uma disponibilidade do sujeito em se acoplar com a ferramenta, porque as oportunidades de ação ficam condicionadas a esse movimento. É interessante a forma com que esse autor atribui sentido às ferramentas, pois comporta tanto relações que ocorrem no nível do projeto quanto abre espaço de discussão para o que ocorre no nível de metaprojeto.

As ferramentas precisam deixar espaço de apropriação por parte dos sujeitos. Jamais podem sugerir uma única processualidade de elaboração da criatividade, dado que as ferramentas implicam na emergência de situações imprevistas (VASSÃO, 2010). Entretanto, o designer que atua em nível de metaprojeto procura antecipar e elaborar o uso das ferramentas no projeto. Às vezes, simulou-se o uso de ferramentas imaginando uma situação de projeto, no entanto percebeu-se que, em função da diversidade de pessoas que participaram do processo, a preparação do acoplamento nas ferramentas pareceu inalcançável. Entende-se que se fosse possível prever a desterritorialização gerada nos sujeitos através do uso de certas ferramentas que os colocam em interação com o outro, o processo de projeto tornar-se-ia absolutamente programável. Nas construções conceituais desta pesquisa, já foi assumida a noção de que programar tal

movimento não é possível. Em determinado instante desta pesquisa, os momentos de interação nos encontros mensais da rede das Casas Colaborativas se tornaram menos roteirizados em sua configuração. Ou seja, sentiu-se a necessidade de elaborar as condições do trabalho conjunto no acontecimento do encontro. Nesse momento, o espaço de metaprojeto foi conduzido exclusivamente pelas afecções do coletivo. As ferramentas emergiram segundo as vontades do coletivo naquele instante e surpreenderam a todos. Sendo assim, perceber o que mobiliza a criação do coletivo no acontecimento do encontro passa a ser a operação metaprojetual desejada.

Outro aspecto que convive nas relações que compõem as afecções no processo colaborativo é o intercâmbio de linguagem. Entende-se “que o ser humano tem nas linguagens (línguas de cultura de natureza linguística ou de sistemas de representação não linguística) sua forma de ser no mundo” (BENTZ, FRANZATO, 2016, p.1418). A linguagem influenciou as afecções dos participantes desta pesquisa. Em determinado momento do processo, sentiu-se a necessidade de esboçar a conceituação das Casas Colaborativas. Como mencionado, foram feitos convites a diferentes participantes para colaborarem na construção desse conceito. A ferramenta do Google Docs daria acesso a todos que quisessem escrever. O baixo engajamento que esta ferramenta proporcionou também esteve relacionado à linguagem estabelecida. Os participantes que iniciaram a construção de tal conceituação elaboraram um texto com traços claros de uma linguagem acadêmica. Eram poucas pessoas que poderiam ter interesse nesse tipo de criação, porque o perfil dos participantes da rede das Casas Colaborativas, em sua maioria, não possuía histórico de pesquisa acadêmica. Nas elaborações metaprojetuais dos participantes que estavam construindo o texto optou-se por dar continuidade ao processo de escrita, priorizando uma construção menos apegada aos critérios acadêmicos. Foi uma tentativa de adequação inclusiva da linguagem. São esses impulsos que reconduzem o fluxo e proporcionam afecções que atravessam ao intercâmbio de linguagem. O diálogo que se estabelece entre os sujeitos é de outra grandeza.

É possível estabelecer outra relação que se compreende por diálogos estratégicos. Conforme Zurlo (2010), se houver a produção de valor para alguém quando o design estratégico atua através de suas capacidades, esse movimento é formado por um bloco de afectos que se autorregula constantemente. A multiplicidade se manifesta nos processos de afecções através da linguagem. Para Deleuze (1998), é sempre possível

substituir uma palavra por outra para evitar encontrar aquelas palavras inexatas para designar algo. As palavras inexatas podem produzir *afectos tristes* e afastarem as intensidades de composição com o outro. Além disso, mobilizam um afastamento na relação que se está estabelecendo. Sendo assim, apesar das reflexões deleuzianas sugerirem a possibilidade de substituição das palavras para que se mantenha o fluxo do diálogo, os sistemas de representação não linguísticos operam igualmente processos de intersubjetivação. Se as palavras já refletem diferentes significados, aquilo que não é palavra, mas é linguagem também, intensifica o movimento de interação e diálogo existente. Foi possível sentir esse tipo de troca no acontecimento dos encontros mensais da rede das Casas Colaborativas. É uma troca única que se manifesta pelas evidências nos registros das imagens dos encontros. Os participantes interagindo em ambientes informais, através de configurações informais de localização das pessoas nesse ambiente, afetam a presença de cada um no processo. Uma abertura que é sentida e contribui para a existência do diálogo, é que foi marcante a atitude de escuta observada nos participantes da pesquisa. Em nenhum momento houve manifestações impositivas que obstruíram o fluxo do diálogo. Escutar também é acessar a sensibilidade para aquilo que não é verbalizado.

É potente a sugestão de Deluze (1998) quando diz que é necessário agir como um estrangeiro na própria língua. Ou seja, permitir-se a errância da linguagem ou dar espaço para a linha de fuga reorientar as construções. No momento que iniciaram as mobilizações dos convites aos participantes para os desenhos do processo colaborativo foram coletadas evidências que correspondem exatamente a esse movimento. A referência que existia na entrega do Kit para colaboração eram esboços ou até mesmo rabiscos de abriam o diálogo com os participantes. Algo que atinge níveis de abstração significativos e exige o encontro de espaço para a transgressão na linguagem. O desenho é linguagem também. A expressão por meio gráfico por parte dos participantes teve caminhos bastante diferentes um do outro. Enquanto um optou por criar algo fazendo o uso de linguagem digital, o outro direcionou seu trabalho para um processo absolutamente artesanal. Todos de igual valor e contribuição para os escopos desta pesquisa.

A evolução dos desenhos compartilhados pelos participantes encontrou o caminho de criação em um *flipbook*. A expressão de movimentação de um processo colaborativo foi o desafio encontrado para avançar na formalização do artefato.

Identifica-se que o desenho do processo colaborativo que foi cocriado junto com a rede das Casas Colaborativas operou como uma ferramenta de metaprojeção. A expressão gráfica em movimento é o afecto e deverá produzir sucessivos processos de afecção para aqueles que interagirem com a ferramenta. “Toda matéria se torna expressiva” (DELEUZE, GUATTARI, 1992, p.217), e deve abrir para novas sensações que habilitem a projeção colaborativa em tantos outros contextos. Nesse sentido, o *flipbook* pode ser considerado um bloco de sensações promotor de efeitos nas relações, que entrará em diálogo de composição, renovando, portanto, um fluxo de criação.

As formas abstratas escolhidas para demonstrarem os elementos ecossistêmicos no *flipbook*, oportunizam que exista uma significação constante. Ferramentas específicas de codesign ou infraestruturas físicas das Casas Colaborativas estão representados, ainda que não literalmente expressos. Esta foi uma escolha de representação, porque abre a possibilidade para qualquer elemento com estas características entrar em composição. Sendo assim, o desenho reforça uma dinâmica metaprojetual para aqueles sujeitos que entram em contato com ele. O desenho faz pensar e refletir na composição dos acontecimentos futuros, nos quais sempre haverá uma imprevisibilidade. Entendendo que a configuração de relação entre os elementos é dinâmica e surpreendente, a prática da ação colaborativa terá momentos de diferentes intensidades. A aceitação do não domínio das situações, deve ser uma das interpretações necessárias que o desenho do processo colaborativo transmite. Esta contribuição deve proporcionar um estado de deslocamento constante para todos aqueles que pretendem colaborar no âmbito das Casas Colaborativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A projeção em rede vivenciada por este estudo, proporcionou a construção de um avanço para desvendar a colaboração. Tendo em vista a intensidade do exercício de projeto, a participação de múltiplas pessoas oportunizou muitas camadas de absorção dos sentidos da colaboração. Estar em rede trabalhando com pessoas que reconhecem o valor de operar a inovação social. As Casas Colaborativas são catalisadoras de transformações sutis para a cidade. São tantos projetos elaborados simultaneamente que desenvolvem mudanças sócio-culturais importantes para a valorização da vida. Os esforços parecem se concentrar nas relações de conexão entre a rede das Casas Colaborativas. Com projetos que trabalham para potencializar a inovação social, a rede tem o desafio de assimilar os aprendizados em como, afinal de contas, é possível colaborar. Afirmar que existe um caminho único para isto acontecer seria de extrema pretensão.

Os movimentos de surgimento e desaparecimento de Casas Colaborativas demarcam uma característica da rede. As próprias Casas enquanto imãs para tantas iniciativas colaborativas, acompanham um dinamismo daquelas que se vinculam e se desvinculam. Estes movimentos oferecem uma composição de rede que habilita a ação do design estratégico. O agir relacional encontra espaço para lidar com a própria dimensão de rede das Casas Colaborativas. O entendimento de que o processo colaborativo não parece ter um início e um fim, direciona o espaço a ser ocupado através de suas nuances. Todos aqueles que integram o ecossistema criativo, devem conseguir abertura do coletivo para iniciar tantas trocas, quanto suas vontades e afectos impulsionarem. A abertura que também é desejada é a de si próprio em relação ao coletivo. Este campo de composição que é aberto, oportuniza que a criação conjunta se estabeleça. A aceitação da expressão do outro, também reforça o sentido de abertura que está se falando. A rede das Casas Colaborativas apresentam aberturas de diferentes qualidades. Abertura para o pertencimento, para a composição e para a criação.

O processo que também opera através de uma abertura, apresenta caminhos imprevisíveis. É um processo orientado pela composição das vontades. Enquanto uns

puxam, outros empurram para todos os lados. O processo é conduzido pela capacidade das pessoas em trabalharem e criarem conjuntamente. Tudo é possível na medida que os movimentos dos sujeitos não são possíveis de antever. Por acontecer desta maneira, o processo colaborativo potencializa os efeitos de transformação desejados. O trabalho conjunto não se sujeita para acontecer de uma forma única. O próprio sentido atribuído ao trabalho sofre constantes mutações daqueles que colaboram entre si. As relações de trabalho podem se apresentar de diversas maneiras. Podem vir mediadas de um dispositivo digital ou diretamente em encontros presenciais que intensificam as relações de afecção. O trabalho que também é compreendido pela produção e a criação conjunta de novas ideias, pode levar a momentos que o dissenso intensifica as relações. A sensibilidade do designer é requerida para facilitar e colaborar na reconstrução de um caminho que considere todas contribuições.

A rede das Casas Colaborativas articula pessoas e organizações que criam, dentre outros fatores, através de relações de afecção. Deste processo mobilizado pelo design estratégico, resulta que há uma transformação constante dos próprios sujeitos. O processo de afecção oportuniza que os movimentos de desterritorialização aconteçam. A possibilidade de composição com outro território existencial está sempre na iminência de acontecer. Existem aqueles movimentos que inspiram e fazem que as relações de trabalho conjunto aconteçam. Entretanto, com o dinamismo que acontece o processo colaborativo, ocorrem muitas trocas simultaneamente. Enquanto o processo evolui entre determinadas pessoas, com tantas outras o fluxo pode ser obstruído por aspectos sutis. Com isso, o fluxo de criação é renovado a cada instante.

A afecção acontece entre os mais diferentes elementos que compõe o processo de projeto colaborativo. Esses elementos ecossistêmicos influenciam uns aos outros e proporcionam movimentos que também potencializam uma evolução no processo ou favorecem seu rompimento. As intensidades ou os blocos de sensações são gerados de acordo com reações muito particulares dos sujeitos. A maneira que cada um reconhece as intensidades influencia em todo e qualquer desdobramento da colaboração. As intensidades que ocorreram ao longo do processo deste projeto colaborativo tiveram influência dos mais diferentes elementos ecossistêmicos. Não é possível desconsiderar as mais diferentes infraestruturas físicas que as Casas Colaborativas se apresentaram. Ambientes que eram informais, com mobiliários improvisados e espaços abertos de

integração com a natureza. Tudo contribuiu para a formação de subjetividades que favoreceram a colaboração.

A troca de linguagem e o compartilhamento de saberes complementam os sentidos atribuído à colaboração. As relações dialógicas que aconteceram durante o percurso da pesquisa tiveram sucessivas trocas de linguagem. A maneira como cada um se expressava nunca foi combinada previamente. Alguns aspectos de linguagem que inibiram a colaboração foram possíveis de ser observados. Tantos outros animaram a processualidade que estava em curso. O compartilhamento de saber acaba ocorrendo pela disponibilidade dos sujeitos no processo. Muitas formas de expressão de linguagem ganham forma através do compartilhamento de saberes. Foram movimentos espontâneos que demonstraram os efeitos da afecção. Aquilo que motiva a colaboração acontecer em termos de linguagem e compartilhamento de saber, é uma leitura da rede que deve ser frequente. O processo colaborativo acontece por meio de diferentes situações que envolvem intensidades relacionais. Portanto, aquelas expressões de linguagem que constroem o fluxo, podem ser situacionais e passageiras. Da mesma forma que nem todo saber compartilhado anima as vontades do coletivo em criar algo em conjunto.

O design estratégico, através dos efeitos de sua processualidade, pode contribuir para que os sujeitos encontrem espaço de composição com o outro. Os interesses e as vontades são muito difusos. Qualquer sujeito que se aproxima para colaborar com a rede das Casas Colaborativas possui alguma vontade particular. Pode acontecer de não existir uma clareza daquilo que se pretende com tal aproximação. Da mesma forma que o coletivo existe em função das diversas vontades em articulação. O designer estratégico deve ser capaz de articular este emaranhado de vontades. É um trabalho de reconhecimento sensível, mobilizado pela capacidade de ver aquilo que muitas vezes não é falado. Além disso, fazer que os sujeitos encontrem suas vontades por meio do coletivo é um trabalho colaborativo intenso.

Foram as operações metaprojetuais vivenciadas, que elaboraram processos de reflexão fundamentais para as proposições de resultados desta pesquisa. Os espaços que preparavam os encontros da rede das Casas Colaborativas, oportunizaram o exercício da sensibilidade dos metadesigners envolvidos. Nas discussões de como conduzir os encontros futuros, havia uma consideração com todas as vozes que expressavam

vontades ou anseios ao longo do processo de projeto. Uma facilitação que não poderia ser impositiva e que encontrou uma metaprojeção orientada pelos afectos.

A tentativa da previsão das intensidades que as ferramentas utilizadas no projeto colaborativo podem gerar, ocupa uma parcela de dedicação significativa. Ainda que haverá sempre um espaço de dúvida nos efeitos da composição entre o sujeito e a ferramenta, o trabalho da facilitação do designer recebe uma ampliação de repertório quando reflete sobre as intensidades. A metaprojeção precisa garantir este espaço de preparação no percurso dinâmico do projeto, com vistas à mobilização dos saberes criativos dos sujeitos. Não é qualquer ferramenta que anima as vontades. A necessidade de adaptação das ferramentas conhecidas e, até mesmo, da criação de novas ferramentas capazes de proporcionar avanços criativos que satisfaçam aos envolvidos. A dimensão do prazer no projeto colaborativo ganha uma relevância muitas vezes esquecida. Onde tudo é assumido como processo, cabe um olhar criterioso para a conservação do prazer.

A apresentação do desenho do processo colaborativo que foi construído ao longo desta pesquisa, deve habilitar que tantos novos projetos colaborativos aconteçam no âmbito da rede das Casas Colaborativas. Um desenho que foi cocriado como forma de proposição de como se pode colaborar no âmbito da rede das Casas Colaborativas. Ele provoca a possibilidade de tantas interpretações, em função de seus movimentos. Os elementos se movem e as relações representadas por suas linhas também. O desenho sugere o exercício da abstração para que não se cristalice uma única interpretação de leitura.

Os elementos ecossistêmicos desenhados estarão sempre uns em relação aos outros. Produzem a possibilidade do trabalho conjunto através da troca de linguagem, do compartilhamento de saber e da afecção. O desenho do processo colaborativo convida para uma reflexão daquilo que desdobra os sentidos da colaboração. A sua reconfiguração constante transmite a oportunidade de apropriação em como colaborar. Na medida em que mais pessoas acessarem o conteúdo reflexivo que o desenho sugere, pode existir uma fluidez representativa nos processos de criação e trabalho conjunto entre a rede das Casas Colaborativas. A prática da colaboração é vivenciada por muitos, simultaneamente. O desenho apresenta conceitos em articulação que não interferem de forma diretiva em como colaborar. Acredita-se que esta é uma característica simbólica de interpretação e pode proporcionar a manutenção da abertura do processo colaborativo, que mereceria um acompanhamento. Ainda, especula-se que o desenho

possa favorecer novos questionamentos que avançam para a qualificação das práticas em inovação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARAN, Paul. **On Distributed Communications: Introduction to distributed communications networks**. The Rand Corporation. California, 1964.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70, 2006.

BARROS, V.M; MELLO, M.F.; SOMMERNAN, A. (Org.) **Educação e Transdisciplinaridade, II**. São Paulo: TRIOM, 2002. 212p.

BERTALANFFY, L. von. **General System Theory: Foundations, Development, Applications**. New York: George Braziller Inc., 1968.

BENTZ, Ione; FRANZATO, Carlo; "O METAPROJETO NOS NÍVEIS DO DESIGN", p. 1416-1428 . In: **Anais do 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design [= Blucher Design Proceedings, v. 9, n. 2]**. São Paulo: Blucher, 2016.

BOHM, D.; PEAT, F. D. **Ciência, Ordem e Criatividade**. Trad. Jorge da Silva Branco. 1ºed. Ed. Gradiva. Lisboa: 1989.

BINDER, T.; BRANDT, E. **The Design:Lab as platform in participatory design research**. CoDesign, v. 4, n. 2, 2008.

BISTAGNINO, L. **Design sistemico. Progettare la sostenibilità produttiva e ambientale**. Torino: Slow Food Editore, 2009.

BITENCOURT, S. **Orquestração de redes de inovação em Living Labs brasileiros para o desenvolvimento de inovações sociais**. 22/05/2015. 210 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. 2015.

Cafezoid. Disponível em < <http://www.cafezoide.asso.fr/joomla/>>. Acesso em 20 de Fevereiro de 2016.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006 a.

CAPRA, F. **O ponto de mutação: a Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente**. São Paulo: Cultrix, 2006b.

CELASCHI, F.; DESERTI, A. **Design e innovazione: Strumenti e pratiche per la ricerca applicata**. Roma: Carocci, 2007.

CHOI, N.; MAJUMDAR, S. **Social Innovation: Towards a Conceptualisation**. In: MAJUMDAR, S.; GUHA, S.; MARAKKATH, N. (eds.). *Technology and Innovation for Social Change*. Springer India, 2105, p. 7-34.

COLEMAN, D. **42 Rules for Successful Collaboration**. California: SuperStar Press, 2009.

CONNOR, A.; IRIZARRY, A. **Discussing Design**. California: O`Reilly Media, 2015.

Coworking Brasil. Disponível em < <https://coworkingbrasil.org/>>. Acesso em 21 de Janeiro de 2016.

Club Liberte. Disponível em <<http://clubliberte.fi/>>. Acesso em 20 de Janeiro de 2016.

DELEUZE, G. **Désir et plaisir**. Magazine Littéraire. Paris, n. 325, oct. 1994. p. 57–65.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

DELEUZE, G. **A ilha deserta**. São Paulo: Iluminuras, 2010.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **O que é filosofia?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil platôs**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Edições 34, 1995.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil platôs**. Vol. 4. Rio de Janeiro: Edições 34, 1997.

DE MUL, J. **Redesigning design**. In: VAN ABEL, B. et al. (org.). *Open Design Now: Why Design Cannot Remain Exclusive*. Amsterdam: BIS publishers, 2011.

DIEZ, T. **Personal Fabrication: Fab Labs as Platforms for Citizen-Based Innovation, from Microcontrollers to Cities**. Nexus Network Journal. Vol.14. 2012. p. 457–468.

DOORLEY, S.; WITTHOFT, S. **Make Space**. Canada: John Wiley & Sons Inc, 2012.

Europe2020. Disponível em < http://ec.europa.eu/europe2020/index_en.htm>. Acesso em 20 de Janeiro de 2016.

European Network of Living Labs. Disponível em < <http://www.openlivinglabs.eu/>>. Acesso em 20 de Janeiro de 2016.

Fab Lab Foundation. Disponível em <www.fablabfoundation.org> .Acesso em 14 de Janeiro de 2016.

FRANZATO, C. **O princípio de deslocamento na base do metadesign.** In: 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2014, Gramado. Anais. São Paulo:Editora Edgard Blücher, 2014, p. 1187-1196.

FRANZATO, C. **Design dei Beni culturali nel progetto territoriale: strategie, teorie e pratiche di valorizzazione design drive.** 2008. Tese (Doutorado em Design e Tecnologias para a Valorização dos Bens Culturais). – Politecnico di Milano, Milano 2008.

FREIRE, K. (Org.). **Design estratégico para a inovação cultural e social.** São Paulo: Kazuá, 2015. 184p.

FREIRE, Paulo. **Método Paulo Freire: a reinvenção de um legado.** Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

FULCANELLI. **Le Mystere des Cathedrales.** Paris: Societe Nouvelle des Editions Pauvert, 1964.

Gazeta do Povo. Disponível em < <http://www.gazetadopovo.com.br/economia/casas-abertas-para-ideias-e-negocios-bchfb4i0u695mxgnr5yv9y3dg>>. Acesso em 02 de Março de 2016.

GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas. **O decrescimento: entropia, ecologia, economia.** Tradução: Maria Jose Perillo Isaac. São Paulo: SENAC, 2012.

GIACCARDI, E. **Metadesign as an Emergent Design Culture.** Leonardo, v. 38, n. 4, 2005, p. 342-349.

GIACCARDI, E. FISCHER, G. **Creativity and Evolution: A Metadesign Perspective.** 6th International Conference of the EAD on Design, Bremen. University of Arts, March, 2008.

Global Coworking Map. Disponível em < <http://coworkingmap.org/>>. Acesso em 12/01/15.

Goma. Disponível em < <http://goma.org.br/>>. Acesso em 10 de Março de 2016.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias.** Rio de Janeiro: Editions Galilee, 1990.

GUATTARI, F. **Caosomose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro, Edições 34, 2006.

KLEINSMANN, M., VALKENBURG, R. **Barriers and enablers for creating shared understanding in co-design projects**. Elsevier, 2008.

LEE, Y. 'Design Participation Tactics: Redefining User Participation in Design', in proceedings in the Design Research Society Wonderground Conference, Lisbon, Portugal, 2006.

LEE, Y. **Design Participation Tactics: enabling people to design their built environment**', unpublished doctoral research thesis, School of Design, Hong Kong Polytechnic University, 2007.

LIMA, M. **Visual complexity: mapping patterns of information**. New York: Princeton Architectural Press, 2011.

LUCERO, A.; VAAJAKALLIO, K., DALSGAARD, P. **The dialogue-labs method: process, space and materials as structuring elements to spark dialogue in co-design events**. CoDesign, v. 8, n. 1, 2012.

MANZINI, Ezio. **Strategic Design for Sustainability: instruments for radically oriented innovation**. In: JÉGOU, F; MANZINI, E. *Sustainably everyday: scenarios of urban life*. Milano: Edizioni Ambiente, 2003.

MANZINI, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008. (Cadernos do Grupo de Altos Estudos; v.1)

MANZINI, Ezio. **Design when everybody designs**. London: The Mit Press, 2015.

MATURANA, H.R e VARELA, F.J. (1997). **De maquinas y seres vivos: autopoiesis: la organizacion de lo vivo. Português: De máquinas e seres vivos: autopoiese: a organização do vivo**. 3. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MATURANA, H. **Desde la biologia a la psicologia**. 4. Ed. Santiago: Editorial Universitaria, 2006.

MAURI, F. **Progettare progettando strategia**. Milano: Masson S.p.A, 1996.

MERONI, A., org. **Creative communities: people inventing sustainable ways of living**. Milano: Edizioni POLI.design, 2007.

MERONI, A. **Strategic design: where are we now? Reflection around the foundations of a recent discipline.** Strategic Design Research Journal, v.1, n.1, Dec 1, p.31-38. 2008. Disponível em: http://www.unisinos.br/_diversos/revistas/design/pdf/57.pdf, acessado em: 10/01/2016.

MURRAY, R.; CAULIER, J.; MULGAN, G. **The Open Book of Social Innovation.** (2010) Disponível em: <http://youngfoundation.org/wp-content/uploads/2012/10/The-Open-Book-of-Social-Innovationg.pdf>. Acesso em: 10/12/2015.

Online Etymology Dictionary. Disponível em < <http://www.etymonline.com/>>. Acesso em 15 de Março de 2016.

PIMENTA, S. G. **Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.3, p. 521-539, 2005.

PINTO, M. De M.; FONSECA, L. P. **Profundizando la comprensión de los Living Labs de Brasil.** CTS - Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad. 23 (8), 231-247, Mayo de 2013.

ROSENBERG, M. B. **Comunicação não violenta.** Sao Paulo: Agora, 2006.

ROOS, P.; RESSIA, S. **Neither office nor home: coworking as an emerging workplace choice.** Employment Relations Record, vol.15, n.1, 2015.

SCALETSKY, C. (Org.). **Design estratégico em ação.** São Leopoldo: UNISINOS, 2016. 148p.

SCALETSKY, C. C., BORBA, G. **O conceito de pesquisa BlueSky.** Trad. Maria Cecília Tavares, Marco Ferreira. In V!RUS. N. 3. São Carlos: Nomads.usp, 2010. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus03/submitted/layout.php?item=1&lang=pt>. Acessado em: 03/01/2016

SANDERS, Elizabeth B.-n. In: The 6th International Conference of the European Academy of Design. **Information, Inspiration and Co-creation.** Bremen: University Of The Arts, 2005. p. 1 - 14.

SANDERS, E. B.; STAPPERS, P. J. **Co-creation and the new landscapes of design.** CoDesign, v. 4, n. 1, p. 5-18, 2008. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15710880701875068#.UhEZ3NJWySo>

SENNETT, R. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record. 2009.

SENNETT, R. **Juntos**. São Paulo: Companhia das Letras. 2012.

SURMAN, T. **Building Social Entrepreneurship through the Power of Coworking**. MIT Press, Innovations: Technology, Governance, Globalization, Volume 8, Issue 3/4, p. 189-195, 2013.

Sustainable Everyday Project. Disponível em <<http://www.sustainable-everyday-project.net/>>. Acesso em 10 de Fevereiro de 2016.

Systemic Design. Disponível em <<http://www.systemicdesign.org/>> . Acesso em 10 de Março de 2016.

SVIHLA, Vanessa. **Collaboration as a dimension of design innovation**. CoDesign, v. 6, n. 4, p.245-262, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/15710882.2010.533186>.

TAPSCOTT, D.; WILLIAMS, D.A. **Wikinomics: como a colaboração em massa pode mudar seu negócio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

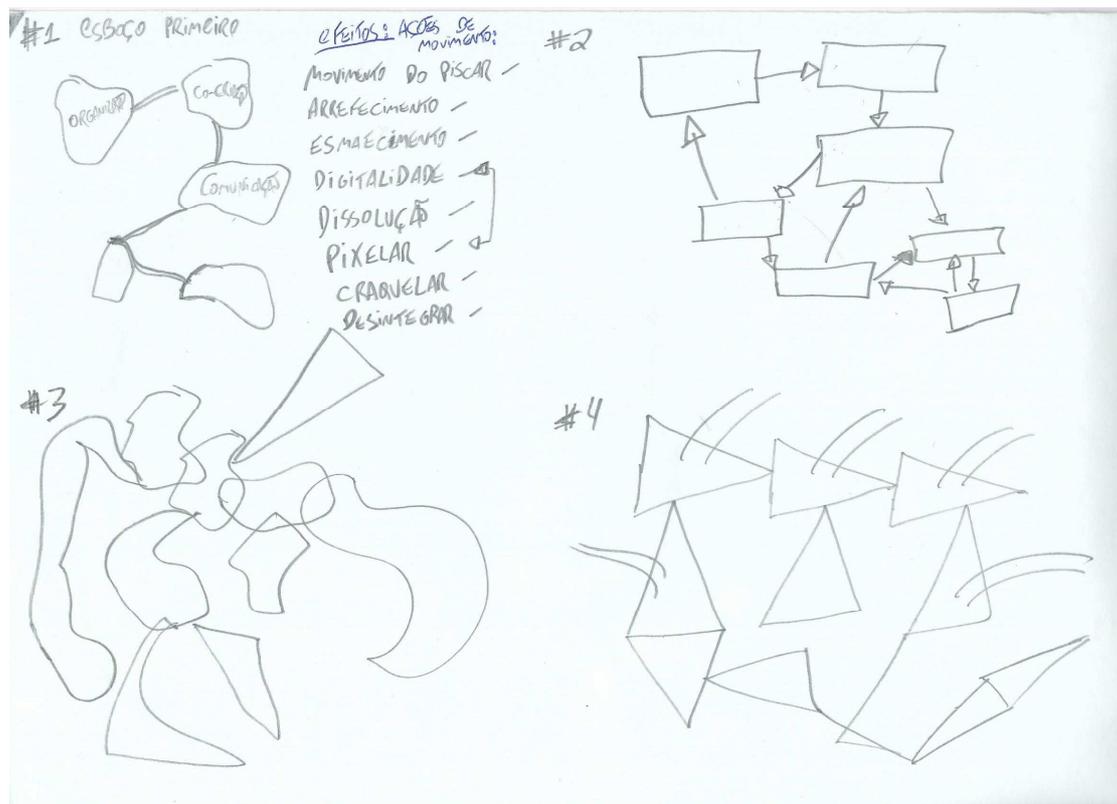
TRIPP, D. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.3, p. 443-466, 2005.

TROXLER, P., WOLF, P. **Bending the Rules: The Fab Lab Innovation Ecology**. 11th International CINet Conference. Zurich, 2010.

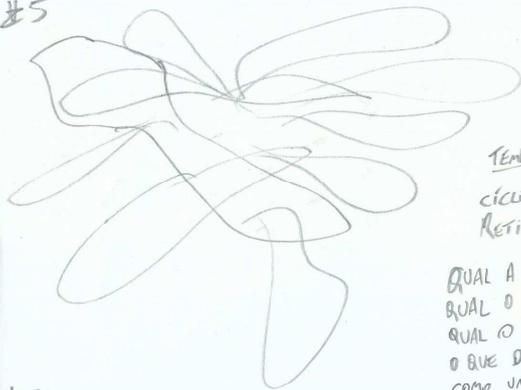
VASSÃO, C. A. **Metadesign: ferramentas, estratégias e ética para a complexidade**. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2010.

ZURLO, F. **Design Strategico**. In: **XXI Secolo**, vol. IV, Gli spazi e le arti. Roma: Enciclopedia Treccani. 2010.

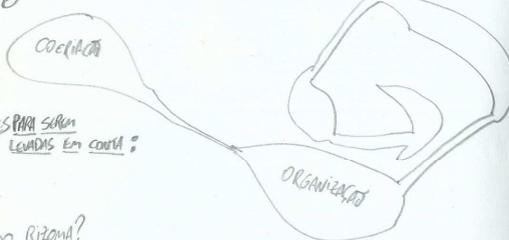
APÊNDICE A



#5



#6



TEMPORALIDADES PARA SEREM LEVADAS EM CONTA:

CÍCLICA -
RETILÍNEA -

QUAL A FORMA DO RIZOMA?
 QUAL O TRAÇO DO RIZOMA?
 QUAL O RASTRO DO RIZOMA?
 O BUE DEIXA DE SER RIZOMA?
 COMO UMA LINHA DE FUGA SE
 MANIFESTA? # 8

↓
 QUAL O TRAÇO DA LINHA DE FUGA?
 COMO A LINHA DE FUGA SE
 MANIFESTA

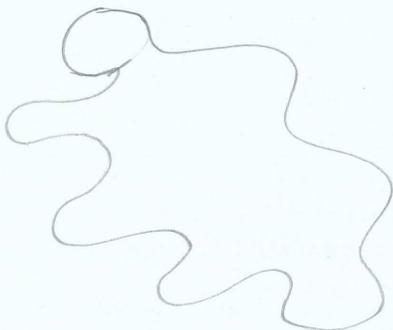
PARA DEIXAR OPERATIVO:

✓ EVIDENCIAR OS SENTIDOS DA COLABOR

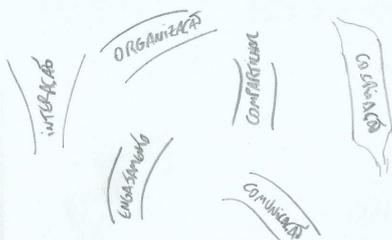
- ORGANIZAÇÃO
- COMUNICAÇÃO
- COERÇÃO
- COMPARTILHAR CONHECIMENTO
- ENGAJAMENTO
- INTERAÇÃO CONSTANTE

CABE EVIDENCIAR A FUNÇÃO DO COLETIVO? SOBREPOSTO À REDE?
 QUAIS ELEMENTOS PARECEM FUNDAMENTAIS DE REPRESENTAR?

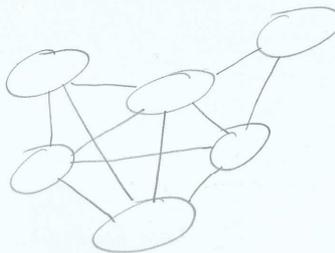
#7



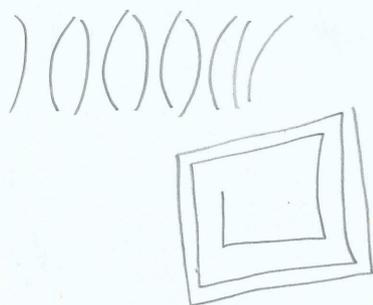
#8.1



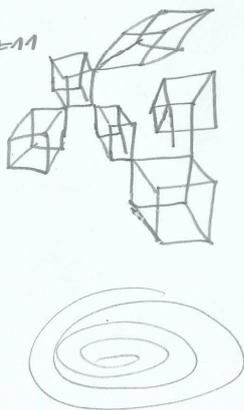
#9



#10



#11



#12



